

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

Contadores indo-portugueses e luso-mogóis no mercado leiloeiro nacional e internacional, entre 2006 e 2021

Marta Silva Pereira

Mestrado em Mercados da Arte

Orientadores:

Dr. Miguel Cabral de Moncada, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Maria Teresa Durães Albuquerque, Professora Adjunta com Agregação,
Escola Superior de Tecnologia - Instituto Politécnico de Castelo Branco

Outubro, 2022

iscte

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS



LETRAS
LISBOA

Departamento de História

Contadores indo-portugueses e luso-mogóis no mercado leiloeiro nacional e internacional, entre 2006 e 2021

Marta Silva Pereira

Mestrado em Mercados da Arte

Orientadores:

Dr. Miguel Cabral de Moncada, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Maria Teresa Durães Albuquerque, Professora Adjunta com Agregação,
Escola Superior de Tecnologia - Instituto Politécnico de Castelo Branco

Outubro, 2022

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus orientadores pelo apoio e constante disponibilidade em todos momentos da realização desta dissertação. Gostaria de agradecer ao professor Miguel Cabral de Moncada a sua disponibilidade e simpatia, a sua importante e experiente visão do mundo dos mercados da arte, e em especial dos seus leilões, e todas as discussões tidas que me permitiram um melhor entendimento de todo este fascinante mundo dos mercados da arte. À professora Teresa Albuquerque gostaria de agradecer o seu interesse e preocupação durante todo este processo, assim como a sua coragem para se aventurar neste tema comigo. Espero que esta não seja a última vez a partilhar ideias e experiências com os dois.

Gostaria de expressar o meu agradecimento à *Cabral Moncada Leilões, Palácio do Correio Velho, Renascimento, São Domingos e Veritas* pelas relevantes informações fornecidas, sem as quais esta dissertação não poderia ter sido redigida.

Gostaria igualmente de agradecer ao Dr. Mário Roque pela total disponibilização da magnífica biblioteca da São Roque para a minha pesquisa.

A todos os que foram coagidos a ler esta dissertação, agradeço-vos e espero que, por entre estas extensas páginas, tenham encontrado novos conhecimentos, e um potencial novo amor por contadores.

Ao Filipe, pela paciência e carinho que não me deixaram vacilar e me acalmaram nos momentos de dúvida.

Ao meu pai, pelo apoio e crença nas minhas capacidades desde o primeiro dia.

À minha mãe, constante apoiante dos meus estudos, sejam eles quais forem, e eterna leitora de todos os meus trabalhos. Sem ti, o meu percurso nunca teria sido o mesmo! Obrigada por tudo.

Por fim, gostaria de agradecer ao Henri e ao Sr. Hisaishi pela constante companhia neste último ano.

Resumo

A presente dissertação foi elaborada com o intuito de contribuir para a análise e discussão das oscilações dos valores monetários atingidos por contadores indo-portugueses e luso-mogóis no mercado leiloeiro nacional e internacional da arte. O trabalho centrou-se em contadores indo-portugueses e luso-mogóis de época, de todos os formatos, séculos e materiais, levados a leilão entre 2006 e 2021.

Tendo em vista a metodologia utilizada, os contadores foram divididos em nove categorias que englobaram: a leiloeira, data de venda, se foram vendidos ou não e a sua qualidade (influência geográfica, formato, século de produção, material da sua decoração, material das ferragens e quantidade da sua decoração).

Observamos que, dentro dos contadores analisados, a sua maioria foram colocados em leilão com uma estimativa mínima e máxima na classe dos zero-dez mil euros. Nos dados associados ao mês, verificamos que a maioria dos contadores vão à praça, e são vendidos, no último trimestre do ano, sendo dezembro o mês mais favorável. Denotamos uma influência de eventos económicos e políticos nacionais/mundiais aquando da colocação em leilão/venda destas obras. Dentro da análise qualitativa constatamos uma prevalência de contadores de indo-portugueses, do séc. XVII, de chão sem portas, em teca, com ferragens em cobre e *horror vacui* na sua decoração. Relativamente às leiloeiras, denotamos um domínio do mercado pela *Cabral Moncada Leilões*.

Revela-se um mercado cada vez mais promissor para a aquisição de contadores, contudo, os compradores deverão ainda ter em consideração a legislação de bens com marfim, assim como a conjuntura mundial.

Palavras-chave: contador indo-português; contador luso-mogol; mercado leiloeiro; leilão; comercialização.

Abstract

The present dissertation is intended as a contribution in the analysis and discussion of price fluctuations of Indo-Portuguese and Luso-Mughal cabinets, in both national and international art auctions markets. The research focus is on Indo-Portuguese and Luso-Mughal cabinets of all typologies and materials, from the 16th to the 18th centuries, consigned for sale at auction between 2006 and 2021.

Given the methodology adopted, the cabinets were analysed based on nine categories, encompassing: the auctioneers, the sale date, whether they were sold or passed, and their specific qualities (geographical influences, formats, century, decorative materials, hardware materials and decorative density).

We concluded that amongst the cabinets researched, most were consigned with low and high estimates in the zero to tens of thousands of euros category. The data relating to sale months, revealed that most are auctioned and sold in the last quarter of each year, December being the most favourable month. Furthermore, we have identified that national and international economic and political events impact on the auction/sale of these artworks. Within the qualitative analysis, we confirmed the prevalence of 17th century Indo-Portuguese doorless, floor-length cabinets, in teak and fitted with copper hardware elements, and of *horror vacui* decoration. Regarding the auction houses researched it is evident that *Cabral Moncada Leilões* dominates the market.

In an increasingly promising market for the acquisition of cabinets, buyers should however consider the current legal frames on the purchase and trade of ivory goods as well as the current international economic and political context.

Keywords: Indo-Portuguese cabinet; Luso-Mughal cabinet; auction market; auction; commerce.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Índice.....	vii
Índice de quadros e figuras	ix
Glossário de siglas e acrónimos	1
Introdução	3
CAPÍTULO 1	
A arte indo-portuguesa e luso-mogol.....	7
1.1. O mobiliário indo-português e luso-mogol	10
1.2. Os contadores indo-portugueses e luso-mogóis	14
CAPÍTULO 2	
O mercado de arte leiloeiro nos últimos anos	21
2.1. O mercado de arte leiloeiro internacional	21
2.2. O mercado de arte leiloeiro português.....	24
CAPÍTULO 3	
Metodologia aplicada à análise de dados	29
CAPÍTULO 4	
Análise e discussão das vendas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis (2006-2021).....	35
4.1. Valores de martelo, estimativas mínimas e estimativas máximas.....	35
4.2. Distribuição e avaliação temporal	37
4.3. Avaliação qualitativa dos atributos a considerar	45
4.4. Mercado nacional vs mercado internacional	58
4.5. Por leiloeira	63

CAPÍTULO 5

O Futuro dos Contadores no Mercado Leiloeiro.....	71
Conclusões e Considerações Finais	77
Fontes	83
Referências	85
Anexo	89
Índice de Anexos.....	89

Índice de quadros e figuras

Tabela 3.1. Categorias dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis e correspondente reclassificação nominal.	31
Tabela 4.1. Valores de martelo, valores de martelo preditos e resíduos associados a cada contador analisado, ordenados pelos valores crescentes dos resíduos.	53
Figura 4.1. Histograma da estimativa mínima atingida por contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021.	36
Figura 4.2. Histograma da estimativa máxima atingida por contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021.	36
Figura 4.3. Histograma do valor de martelo atingido por contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021.	37
Figura 4.4. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão, mensalmente, entre 2006 e 2021.	38
Figura 4.5. Densidade trimestral de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão entre 2006 e 2021.	38
Figura 4.6. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos, mensalmente, em leilão, entre 2006 e 2021.	39
Figura 4.7. Densidade trimestral de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão entre 2006 e 2021.	39
Figura 4.8. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão anualmente entre 2006 e 2021. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão anualmente entre 2006 e 2021. Receitas (k€) dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão entre 2006 e 2021.	44
Figura 4.9. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis «vendidos/não vendidos» em leilão anualmente entre 2006 e 2021.	44
Figura 4.10. Distribuição anual das classes do valor de martelo entre 2006 e 2021.	45
Figura 4.11. Influência indiana ou mogol sobre produção de contadores.	46
Figura 4.12. Formatos dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.	47
Figura 4.13. Material (ferragens) dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.	48
Figura 4.14. Material (faixeados) dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.	49
Figura 4.15. Quantidade de decoração nos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.	50

Figura 4.16. Datação dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.	51
Figura 4.17. a) Diagrama de dispersão e reta ajustada por lowess (locally weighted scatterplot smoothing) e b) Representação dos resíduos associados à estimativa do valor de martelo dos contadores analisados.	52
Figura 4.18. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão por ano (2006-2021) no mercado leiloeiro nacional e internacional.	61
Figura 4.19. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão por ano (2006-2021) no mercado leiloeiro nacional e internacional.	62
Figura 4.20. Receitas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão por ano (2006-2021) no mercado leiloeiro nacional e internacional (k€).	62
Figura 4.21. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão, nacional e internacional, por leiloeira, entre 2006 e 2021.	64
Figura 4.22. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão por leiloeira, nacional e internacional, entre 2006 e 2021, em %.	64
Figura 4.23. Receitas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão, nacional e internacional, por leiloeira.	65
Figura 4.24. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão, nacional e internacional, vendidos por leiloeira.	65
Figura 4.25. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>Sotheby's</i> entre 2006 e 2021.	66
Figura 4.26. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>Christie's</i> entre 2006 e 2021.	67
Figura 4.27. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>Bonhams</i> entre 2006 e 2021.	67
Figura 4.28. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>Cabral Moncada Leilões</i> entre 2006 e 2021.	68
Figura 4.29. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>Palácio do Correio Velho</i> entre 2006 e 2021.	68
Figura 4.30. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>Veritas</i> entre 2006 e 2021.	69
Figura 4.31. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela <i>São Domingos</i> entre 2006 e 2021.	69

Glossário de siglas e acrónimos

CITES – The Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora/ Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção

CML – *Cabral Moncada Leilões*

EUA – Estados Unidos Da América

PCV – *Palácio do Correio Velho*

UE – União Europeia

Introdução

A presente dissertação foi elaborada no âmbito do mestrado em Mercados da Arte, ministrado pelo Departamento de História do ISCTE-IUL, com o intuito de analisar e discutir as oscilações de valores monetários atingidos por contadores indo-portugueses e luso-mogóis no mercado leiloeiro, nacional e internacional, da arte. Esta dissertação irá centrar-se em contadores indo-portugueses e luso-mogóis de época, de todos os formatos, séculos e materiais, levados a leilão entre 2006 e 2021.

A análise e discussão destes contadores terá a intenção de melhor compreender os valores praticados nacional e internacionalmente na compra/venda de contadores, e na forma como estes evoluíram nos últimos dezasseis anos. Deste modo, temos como objetivo fundamentar o seu comportamento ao longo deste período.

No domínio da literatura subordinada ao tema *Contadores*, devemos destacar a diversa bibliografia publicada por Pedro Dias e Maria Helena Mendes Pinto, assim como Mobiliário Português III (1990), da autoria de Bernardo Ferrão, A Arte Indo-Portuguesa (1966) de Maria Madalena de Cagigal e Silva e o catálogo análogo para a exposição A Índia em Portugal, Um tempo de confluências artísticas de Hugo Miguel Crespo, mais recentemente publicado em 2020. Ainda não publicado, mas de elevada importância, o capítulo sobre contadores da dissertação de doutoramento de Miguel Moncada referente ao Mobiliário Lusíada, gentilmente cedido pelo autor, foi essencial para o entendimento e contextualização dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis. O conjunto da análise realizada por estes autores sobre contadores produzidos durante a expansão portuguesa forneceram uma imagem mais completa da contextualização histórica, social, política e cultural da produção dos mesmos.

Em referência aos temas *Mercados de Arte* e *Mercados Leiloeiros da Arte*, devemos destacar o livro Mercados da Arte, da autoria conjunta de Luís Urbano Afonso e Alexandra Fernandes, publicado em 2019, assim como os relatórios anuais The Art Market (de 2017 a 2022), produzidos por Claire McAndrew em conjunto com a UBS e Art Basel. Estas obras analisam e discutem os Mercados de Arte e as suas leiloeiras enquanto fenómeno global, sendo que o primeiro se foca igualmente no mercado português.

Contudo, denotamos a inexistência de uma sobreposição entre os dois temas acima mencionados. A presente dissertação tem como intenção apresentar a junção destes dois tópicos, onde a atenção nos contadores indo-portugueses e luso-mogóis se focará não somente

na sua história e na bibliografia acima mencionada, mas na forma como estes se comportam no mercado da arte, mais especificamente no mercado leiloeiro.

Todavia, para uma melhor compreensão do trajeto atual dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis devemos, primeiro, compreender a sua contextualização histórica. Deste modo, este trabalho estará dividido em distintos segmentos que serão abordados individualmente: No CAPÍTULO 1 far-se-á uma introdução ao mundo da arte indo-portuguesa e luso-mogol, revelando através de uma breve contextualização histórica a forma como esta se «miscigenou». Neste capítulo ainda discorreremos sobre as origens e utilização atual dos termos «indo-português» e «luso-mogol». Após esta análise, o capítulo irá centrar-se nas artes decorativas, mais especificamente no mobiliário indo-português e luso-mogol. No primeiro subcapítulo o foco incidirá sobre as diferenças e semelhanças entre o mobiliário luso-mogol e indo-português, sendo mesmo realizado um trajeto pelos núcleos de produção de mobiliário na península indostânica. Também iremos discorrer sobre a evolução do mobiliário entre os séculos XVI e XVIII. No segundo subcapítulo, o tema central serão os contadores indo-portugueses e luso-mogóis, visto que, para a correta análise dos contadores nos mercados da arte devemos possuir um completo entendimento destes desde a sua origem. Assim, o subcapítulo irá providenciar a definição de *contador*, tal como a origem deste termo e da própria peça de mobiliário, sempre baseados na bibliografia acima mencionada, observando-se em diversos casos reflexões divergentes sobre os vários temas. Ainda se realizará uma descrição dos diferentes formatos, dimensões e formas existentes de contadores, assim como uma análise das divergências entre as influências indiana e mogol sobre os contadores. Por fim, discorreremos sobre a decoração presente nestas peças.

O CAPÍTULO 2 irá incidir sobre o mercado leiloeiro internacional e nacional nos últimos dezasseis anos. Para uma melhor correlação entre o percurso dos contadores no mercado da arte, um olhar mais próximo deste mercado será essencial para uma perceção completa entre os contadores e o mercado leiloeiro da arte. Desta forma, subdividimo-lo num subcapítulo dedicado ao mercado leiloeiro da arte internacional e num subcapítulo focado no mercado leiloeiro da arte português, onde tentamos compreender a evolução deste mercado nos últimos anos e como outros eventos mundiais ou mesmo nacionais o terão influenciado.

No CAPÍTULO 3 será apresentada a metodologia utilizada para a análise e discussão do tema principal desta dissertação. A adequada e minuciosa utilização da metodologia será essencial para uma correta análise e posterior discussão dos dados adquiridos. Neste capítulo iremos categorizar os contadores pelas leiloeiras que os levaram à praça, pelo ano do seu leilão,

se foram ou não vendidos, pela sua influência geográfica, pelos diferentes formatos, século de produção, material da decoração, material das ferragens e quantidade de decoração.

O CAPÍTULO 4 incide sobre o tema central desta dissertação, onde se irá analisar e discutir as vendas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021. Aqui, através dos dados adquiridos de duzentos e dezassete contadores indo-portugueses e luso-mogóis, iremos fazer a análise e discussão dos valores de martelo atingidos pelos contadores dentro da baliza cronológica definida, assim como a análise e discussão das estimativas mínimas e máximas produzidas para estes contadores. Será analisada e discutida a presença de contadores em leilão e as respetivas vendas mensais, trimestrais e ao longo dos dezasseis anos definidos; as categorias qualitativas nas quais dividimos os contadores (influência geográfica, formatos, século de produção, material da decoração, material das ferragens e quantidade de decoração); as diferenças e semelhanças entre o percurso anual dos contadores dentro do mercado leiloeiro nacional e internacional da arte; e a presença de contadores e sua subsequente venda em cada uma das leiloeiras analisadas (*Bonhams, Cabral Moncada Leilões, Christie's, Palácio do Correio Velho, Renascimento, São Domingos, Sotheby's e Veritas*).

O CAPÍTULO 5 recairá sobre as projeções para o futuro dos contadores no mercado leiloeiro da arte. Focando-nos nos compradores, no mercado leiloeiro e na venda atual de artes decorativas (categoria na qual os contadores se inserem), em conjunto com os dados acima referidos tentaremos compreender como será o comportamento futuro dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis no mundo dos leilões dos mercados da arte.

Finalmente, no último capítulo extrairemos as conclusões desta dissertação, assim como teceremos algumas considerações finais sobre a mesma.

CAPÍTULO 1

A arte indo-portuguesa e luso-mogol

Apesar da ligação via marítima entre Portugal e a Índia ter sido delineada durante o reinado de D. João II, foi somente no tempo de D. Manuel I que esta se concretizou (Dias, 2013 pp. 11-12).

O principal objetivo desta nova conexão visava a continuação da cruzada contra o Islão, comprometendo o controlo islâmico do comércio das especiarias entre a Ásia e a Europa; a conversão cristã da população; e a hegemonia política e económica através do controlo do monopólio comercial marítimo no Índico (Ferrão, 1990 pp. 1-8). Durante o século XVI, os portugueses fixaram-se na costa do Malabar, através de uma rede espacialmente descontínua de zonas estratégicas de influência, estabelecendo fortes e feitorias que serviam de bases navais e entrepostos comerciais, onde souberam impor monopólios sobre as rotas comerciais e determinadas mercadorias (Cruz, 2016 p. 30). No entanto, «isto não significa que Portugal se tornaria uma força dominante no Índico durante o período moderno» (Crespo, 2020 p. 13).

Durante todo o período de hegemonia sobre o Oceano Índico (figura 1, *in* Anexo), Portugal nunca planeou o domínio territorial da Índia. A soberania lusa limitou-se a dominar fisicamente espaços reduzidos na costa da Índia, visto não lhe interessar a produção dos bens que se comercializavam, mas sim o seu comércio (Dias, 2013 p. 26).

De acordo com Miguel Cabral de Moncada (Moncada, 2013 pp. 35-37), Luís Filipe Thomaz divide a história do Estado Português da Índia¹ em quatro fases: formação (1498-1515); estabilização e apogeu (1515-1622); retração e decadência (1622-1739); reformulação e sobrevivência (1739-1961).

Neste primeiro período, os portugueses assimilaram como rentabilizar a Carreira da Índia, estabelecendo como principais posições: Cochim, Angediva, Cananor, Coulão e Goa. Com o governo de D. João de Castro enquanto Vice-Rei da Índia, entre 1545 e 1548, o prestígio e poderio de Portugal no Oriente atingiu a sua apoteose, dando-se uma verdadeira agregação de estéticas europeias e orientais (Dias, 2013 pp. 11-26).

¹ Considera-se «Estado da Índia» como um conjunto de territórios, estabelecimentos, bens, pessoas e interesses administrados, geridos ou tutelados pela coroa portuguesa, no Oceano Índico e mares adjacentes ou nos territórios ribeirinhos, do Cabo da Boa Esperança ao Japão (Cruz, 2016 p. 32).

Foi em 1572 que Portugal, pela primeira vez, se encontrou oficialmente com o Império Mogol, que então dominava o Norte da Índia, pois Akbar², que pretendia conquistar Damão, quis estabelecer, como contrapartida, um tratado de Paz com as autoridades portuguesas que controlavam este território. Este tratado permitiu o intercâmbio cultural e comercial entre as duas nações, uma aliança estratégica e a expansão da missionação cristã (Cruz, 2016 p. 46).

A partir dos inícios do século XVII, com especial ênfase no segundo quartel, iniciou-se o declínio da hegemonia portuguesa no Oriente, iniciado com o bloqueio holandês de Goa, em 1606. Neste período, Portugal perdeu Ormuz (1622), o Japão (1639), Malaca (1641) e o Ceilão (parcialmente perdido em 1638). O declínio do Império foi exacerbado pela união das Coroas Ibéricas (1580-1640), que incentivou os inimigos de Espanha a atacarem as posições portuguesas no Oriente.

Com a Restauração da Independência em 1640, a monarquia portuguesa colocou a proteção e preservação da independência portuguesa como prioridades. A recuperação das posses ultramarinas é tida como um objetivo secundário, focando-se nos domínios atlânticos, em detrimento dos orientais. Acresce a estes fatores o declínio da apreciação pelo Oriente, dando este lugar às diretrizes artísticas emanadas da corte de Luís XIV. «Neste período os holandeses e os ingleses passaram a fazer o transporte de bens para a Europa, anteriormente dominado e controlado por Portugal, contribuindo para o final do apogeu português na Índia» (Moncada, 2013 pp. 35-37).

Todavia, antes de discorrermos sobre a arte indo-portuguesa e luso-mogol devemos detornar um pouco na evolução, fluidez e mesmo contraposição que o termo «arte indo-portuguesa» teve desde a sua criação, assim como as origens mais recentes do termo «luso-mogol».

O termo «indo-português» foi utilizado pela primeira vez na introdução do *Catalogue of The Special Loan Exhibition of Spanish and Portuguese Ornamental Art*, por John Charles Robinson (Robinson, 1881 p. 6), relativo a peças de mobiliário executadas na Índia ou em Portugal, patentes numa exposição no Museu de South Kensington³, em Londres.

Em 1972, após vários estudiosos, como Sousa Viterbo (Viterbo, 1883 pp. 547-558), Marques Gomes (Gomes, 1883 pp. 10-20), John Irwin (Irwin, 1955 pp. 386-390) e Cagigal e Silva (Silva, 1966 pp. 10-11) terem discorrido sobre o termo e o seu possível significado, Bernardo Ferrão de Tavares e Távora (Távora, 1983 pp. 13-25) aponta para o facto de estes não terem chegado a um consenso para o conceito de «Arte Indo-portuguesa».

² *Jalāl ud-Dīn Muhammad Akbar* (1542 – 1605), o terceiro imperador da dinastia mogol.

³ Atual *Victoria and Albert Museum*.

Pedro Dias, no seu livro *Mobiliário Indo-português* (Dias, 2013 pp. 10-11) define a arte indo-portuguesa como o «resultado da miscigenação das formas e das funções ocidentais de determinadas obras artísticas e artificiais com as técnicas e com a estética tradicionais da Índia, processo que decorreu durante os séculos que se seguiram ao encontro definitivo das duas culturas, concretizado com a viagem inaugural de Vasco da Gama, de Lisboa a Calecute, em 1497 e 1498.»

Sandra Cruz resume esta amálgama de definições na afirmação «existem várias definições e interpretações relativas à arte indo-portuguesa, em muitas são omissas as premissas geográficas e cronológicas das peças, noutras, o resultado de uma assimilação forçada ou voluntária, marcado pelo domínio político é a característica relevante e noutras definições, os motivos decorativos indianos, assim como a matéria-prima são as características principais» (Cruz, 2016 pp. 20-28).

Já o termo luso-mogol é maioritariamente utilizado por Pedro Dias com a intenção clara de diferenciar e identificar os bens com contribuição/influência hindu (indo-portugueses) dos bens com contribuição/influência mogol (luso-mogóis) (Dias, 2022).

A descoberta do caminho marítimo para a Índia pelos portugueses, não só modificou as relações políticas entre estes e as diferentes nações desta parte da Ásia, mas também as suas relações mercantis. Apesar de estas serem as alterações mais discutidas quando se menciona este período da história expansionista portuguesa, devemos ter em atenção que o permanente contacto entre o Ocidente e o Oriente contribuiu para o desenvolvimento das artes, estéticas e técnicas artísticas de todas as culturas envolvidas, de forma acentuada e irreversível. Deste modo, o mercado intercontinental fez crescer a produção de bens artísticos. Todavia, devemos notar que, como afirma Pedro Dias, «nem os portugueses (...), levaram para a Índia ou fizeram lá nada que tivesse maior sofisticação e que implicasse maior desenvolvimento técnico e estético do que aquilo que encontraram» (Dias, 2013 p. 9). Desta forma, admitimos que existiram, o que o autor menciona como «transferências estéticas» e «influências recíprocas» entre as duas culturas.

Devido à necessidade de compra de peças utilitárias por parte dos portugueses, denotamos que a funcionalidade, e consequentemente a forma das peças, que esta clientela exigia, ofereceu uma maior liberdade decorativa aos artesãos e às suas obras. Devemos ainda constatar que a presença de artistas europeus no Índico terá sido rara, sendo que seria através das próprias peças europeias, ou através de gravuras, que as centenas ou milhares de artesãos indianos e mogóis terão copiado o formato das peças. Portugal incrementou as trocas inter-índicas fazendo crescer

a produção e o comércio de bens artísticos em regiões mais distantes do Oriente (Dias, 2013 pp. 28-32).

Já no âmbito das artes decorativas, onde se inclui o mobiliário, ao qual pertencem os contadores, foram introduzidas na sua produção tipologias formais tradicionalmente europeias. Todavia, os materiais empregues nestas peças, assim como a estética observada, são claramente de proveniência indiana e mogol, visto que os habitantes locais enfatizavam os símbolos, a espiritualidade e a sobrecarga ornamental. Relativamente aos métodos de construção, podemos reconhecer aspetos tanto indianos e mogóis, como europeus (Freire, 2002 pp. 77-79). Assim, reconhecemos um sincretismo de religiões, raças, saberes, gostos, técnicas, formas, e expressões estéticas características do Ocidente e do Oriente unidas numa só peça. Fernanda Castro Freire afirma que as peças de mobiliário «são os testemunhos mais eloquentes dessa interpenetração de culturas» (Freire, 2002 p. 77).

1.1. O mobiliário indo-português e luso-mogol⁴

O mobiliário indo-português e luso-mogol resulta do sincretismo estético, técnico e funcional, entre as culturas portuguesa e as presentes na península indostânica. «Em nenhuma outra disciplina o Oriente e o Ocidente se fundiram de forma tão homogénea, penetrando-se o utilitarismo de raiz europeia e as técnicas e decoração próprias de cada região da península indostânica, formando-se desse modo famílias estéticas distintas» (Dias, 1999 p. 324).

A maioria do mobiliário indo-português e luso-mogol foi executado para vender a altas chefias portuguesas⁵ durante a sua estadia no Oriente e/ou para exportação.

Devido às diferenças de costumes entre europeus e asiáticos, os formatos de mobiliário produzidos e a sua diversidade eram de origem europeia, o que obrigou à adaptação dos artesãos indianos às exigências da clientela europeia (Dias, 2008 pp. 115-120; Jaffer, 2002 pp. 9-13). As peças adquirem um carácter portátil devido à necessidade das constantes deslocações dos seus proprietários e ao carácter provisório das suas estadias na Índia.

Apesar de os móveis indo-portugueses e luso-mogóis revelarem a sua matriz europeia através da tipologia, forma, decoração, marcas de posse e por vezes, embora raramente, pela técnica da sua construção, a utilização de madeiras exóticas como a teca, o sissó, o angelim, e

⁴ Referente a mobiliário indo-português e luso-mogol de época. Portanto, são somente produzidos quando e enquanto esse estilo esteve na «moda», isto é, quando este era símbolo de modernidade (Moncada, 2013 p. 36).

⁵ Como vice-reis, governadores, capitães, feitores, militares, administradores e religiosos.

o ébano, as incisões preenchidas por lacados coloridos, os embutidos e/ou marchetados de madrepérola e a utilização do marfim e da tartaruga, assim como a densidade dos temas decorativos revelam uma decoração de claros traços indianos, mogóis ou mesmo islâmicos (Pinto, 1992 p. 15).

A existência de abundante e diferentes variedades de madeira por toda a Índia, assim como uma mão de obra especializada de baixo custo potenciaram a construção de uma infinidade de móveis (Silva, 1966 p. 16). Estes foram fabricados em quase todas as localidades costeiras, onde se encontravam edificadas feitorias e fortificações, sendo de ressaltar a existência, apesar de menos significativa, de produção no interior da península, nomeadamente nas oficinas imperiais mogóis. Existiram duas grandes regiões que se dedicaram à produção destes objetos: o sudoeste indiano, e os territórios controlados pelo Império Mogol, ao norte e noroeste da Índia. Estes últimos territórios e as suas terras fronteiriças desenvolveram técnicas artísticas de utilização de materiais preciosos, como madrepérola, carapaça de tartaruga e marfim, tanto no mobiliário civil, como religioso. Estas peças eram também regularmente enriquecidas com aplicações de cobre ou prata. Durante esta dinastia, a estética dividiu-se em numerosas correntes regionais integradas num estilo indo-muçulmano, caracterizado pela «sobreposição de modelos decorativos islâmicos em arquétipos indianos ou de pura inspiração persa» (Ferrão, 1990 p. 16).

Dezasseis anos depois da conquista de Goa por Portugal em 1510, o norte da Índia foi invadido por Babur, que iria fundar a dinastia Mogol. O Império Mogol consolidou-se com Akbar, neto de Babur (Cruz, 2016 p. 26). Desde meados do século XVI, a decoração de embutidos e/ou marchetados rigorosamente retalhados e delicadamente colados ao material da estrutura teve um brilho e uma profusão que espantou portugueses e europeus (Dias, 2013 pp. 43-70). Particularmente durante os reinados dos imperadores Akbar e do seu filho Jahangir (Dias, 2013 p. 99), graças às relações criadas pelos jesuítas, a produção de arte cristã nas oficinas mogóis entrou no seu auge. Apesar da produção mogol do norte da Índia se constituir como um grupo isolado, esta compartilhou materiais, técnicas de construção, decoração e iconografia com Guzarate, Sinde, Taná e Chaul (Crespo, 2020 pp. 58-75).

Guzarate foi uma das principais regiões sob o domínio mogol (conquistada em 1573) a produzir mobiliário luso-mogol, sendo este escoado para Goa, maioritariamente através das suas cidades portuárias, Cambaia e Sinde. Este território foi conhecido pela sua produção de contadores embutidos e/ou marchetados de madrepérola, marfim, ouro, prata e pedrarias, mas também de cofres e caixas de tartaruga. Nestes, podemos observar uma decoração geométrica, densa e exuberante, desenhando círculos secantes – diaprés - embutidos e/ou marchetados a

ébano e ponteados com marfim, sendo mesmo Guzarate considerado o local de origem desta decoração por Hugo Crespo (Dias, 2013 p. 71; Crespo, 2020 pp. 26-58).

Dadas as variadas características comuns entre as peças de mobiliário produzidas em Guzarate e em Sinde, os estudiosos têm evitado distinguir entre o mobiliário produzido nestes dois centros. Contudo, ao contrário do observado em Guzarate, denota-se uma forte influência islâmica nas peças fabricadas em Sinde devido à acentuada presença iraniana em Thatta (porto fluvial). Esta é evidenciada pela ausência de composições figurativas no mobiliário embutido e/ou marchetado, pela presença de um repertório decorativo timúrida, e pela utilização do *sadeli*. Entre as diversas tipologias de mobiliário, os contadores cobertos por goma laca avivada a ouro devem ser destacados (Crespo, 2020 pp. 75-88).

Outro importante núcleo, mais a sul, é formado por Baçaim, Taná, Chaul e Bombaim. As primeiras encomendas para Portugal, em 1559, documentadas na península do Indostão, referem Taná como sendo o seu local de fabrico. O mobiliário aqui produzido tem uma estrutura em teca faixada a sissó ou ébano e embutidos e/ou marchetados de marfim, sendo este inciso e realçado por mástique colorido. Uma decoração estilizada de influência persa, maioritariamente floral, apesar da observação de algumas cenas figurativas influenciadas pelo centro de Guzarate, pode ser observada no mobiliário produzido neste centro (Crespo, 2020 pp. 88-104).

Embora menos refinado, quando comparado com o mobiliário produzido em Taná, o grande número de cofres, arcas, caixas, e escritórios produzidos em Chaul caracteriza-se por uma construção semelhante aos anteriores tendo, todavia, uma decoração estritamente floral (Crespo, 2020 pp. 104-108; Dias, 2013 p. 70).

A criação de novos circuitos comerciais originou o aparecimento de mais manufaturas em muitas das terras vizinhas às principais praças portuguesas. Estas obras vinham de todos estes pontos e arribavam a Goa, seu principal mercado e escápula, conferindo-lhe uma clara vantagem que se revelou decisiva para o seu maior desenvolvimento. Aqui, a produção de mobiliário foi mais comedida, com recurso frequente a madeiras de cores e tons diversos, fixas por cavilhas de marfim (Dias, 2008 p. 115; Dias, 2013 pp. 43-45). De acordo com Hugo Crespo, a produção goesa, inspirada em modelos de Taná, pode ser dividida em grupos de acordo com a sua decoração: arabescos com enrolamentos vegetalistas e plantas floridas estilizadas; embutidos e/ou marchetados de ébano sobre teca; uso de *ferroneries* de estilo maneirista; e embutidos e/ou marchetados de enrolamentos vegetalistas de ébano sobre teca, fixos por cavilhas decorativas de marfim (Crespo, 2020 pp. 108-129).

Cochim foi a primeira feitoria portuguesa tendo uma enorme importância militar, político-administrativa, religiosa e económica. Consequentemente, artífices de várias origens convergiram para este centro, facto potenciado pelo cosmopolitismo da cidade, onde se juntavam comerciantes de toda a Ásia (Dias, 2002 pp. 42-47). A produção em Cochim focou-se em embutidos e/ou marchetados com características utilitárias, produzidas frequentemente em angelim (Dias, 2008 p. 115; Dias, 2013 p. 45). Existem três grupos decorativos distintos: cercaduras estreitas, retas, em ébano sobre teca; islâmico, com grandes cartelas timúridas e motivos espelhados em simetria; composições estilizadas, inspiradas em *ferroneries* e arabescos maneiristas (Crespo, 2020 pp. 129-140).

Apesar da clara divisão geográfica realizada acima, devemos ter em atenção a existência da possibilidade de uma maior liberdade geográfica na realização destas diferentes técnicas e decorações. Ainda que uma técnica ou decoração se encontre documentalmente mais fortemente ligada a um determinado espaço físico, não representa a sua limitação ao mesmo. Deste modo, propomos uma divisão baseada na influência local sobre a produção das peças: mobiliário indo-português, que revela a influência da cultura indiana (de cariz hindu) sobre as encomendas portuguesas, e o mobiliário luso-mogol, onde as aquisições portuguesas possuíam traços claramente inspirados pela cultura mogol (de cariz islâmico).

Existem cinco principais justificações para o desenvolvimento da produção de mobiliário indo-português e luso-mogol: a execução específica de peças para presentear o soberano português e/ou encomendas feitas pela aristocracia portuguesa; a instalação de membros das elites portuguesas na Índia, e a sua necessidade de reproduzir o seu estilo de vida tradicionalmente europeu, combinando-o com a nova realidade à qual estavam expostos; o florescimento de comunidades lusíadas⁶ que terão sido, provavelmente, dos principais promotores desta produção; o estabelecimento, no Oriente, de diversas comunidades cristãs, que necessitaram de um grande conjunto de objetos para a celebração e disseminação do culto católico; e a procura de bens que pudessem proporcionar negócios lucrativos quando exportados (Moncada, 2013 pp. 32-35; Cruz, 2016 pp. 33-34).

A partir das décadas centrais do século XVI, os móveis indo-portugueses e luso-mogóis já começam a existir nas casas aristocráticas portuguesas, demonstrando-se este facto através do inventário do Paço dos duques de Bragança, redigido em 1564.

⁶ Ou seja, portugueses de posteriores gerações, gerados a partir de casamentos mistos entre os portugueses e a população indostânica, muito incentivados pela política de miscigenação proposta por Afonso de Albuquerque e sancionada pelo Rei D. Manuel.

Pelo que podemos admitir que a produção das primeiras peças indo-portugueses e luso-mogóis terá ocorrido nos inícios do século XVI, muito incrementada na segunda metade de quinhentos, sendo, todavia, o século XVII considerado como o seu apogeu (Freire, 2002 pp. 77-79).

De acordo com Miguel Cabral de Moncada (Moncada, 2013 pp. 36-37), as condições para a produção de peças de mobiliário lusíada terão sido criadas a partir de 1515, sendo que esta se terá efetivado a partir de 1520⁷. Terá sido em meados do século XVIII que terminaram, definitivamente, as condições histórico-culturais para a produção lusíada⁸, visto que a primeira metade deste século produziu essencialmente mobiliário repetitivo daquilo que se produziu na segunda metade do século anterior. Esta datação é apenas válida para a produção indo-portuguesa. A produção luso-mogol só começou depois do Império Mogol se ter estabelecido na Índia (1526), e terá deixado de existir a partir de meados e durante a segunda metade do século XVII, quando a influência inglesa suplantou a portuguesa junto do Império Mogol.

Existem duas fases distintas de mobiliário indo-português e luso-mogol. A primeira fase é caracterizada pela individualidade apresentada pelas suas produções, pela riqueza e requinte dos seus exemplares, pela qualidade dos seus materiais e pela grande diversidade e inovação de técnicas utilizadas. Na segunda fase, os artífices passam a reproduzir padrões estereotipados, mais simples, logo menos ricos e com menor qualidade. Observamos estruturas exclusivamente de madeira, sendo esta raramente trabalhada, com decorações de embutidos e/ou marchetados, aplicações e revestimentos parciais, onde, claramente, se denota uma menor diversidade de materiais utilizados nas decorações (Moncada, 2013 pp. 36-37).

1.2. Os contadores indo-portugueses e luso-mogóis

Existe uma grande variedade de tipologias de mobiliário indo-português e luso-mogol: escritórios, arcazes, arcas, mesas, cadeiras, estantes de missal, oratórios, etc., sendo os contadores os mais reconhecidos (Silva, 1966 p. 20).

Apesar de existirem diversas definições para o termo *contador* como peça de mobiliário (Atterbury, et al., 1994 p. 214; Montenegro, 1995 pp. 29-41; Calado, et al., 2005 p. 107; Silva,

⁷ Datação apoiada por Pedro Dias (Dias, 2013 p. 83).

⁸ Referente a toda a produção artística resultante da expansão portuguesa. Termo proposto pelo Presidente do Instituto Politécnico de Tomar, Professor Doutor José Bayolo Pacheco de Amorim, oficialmente criado em 1986 para designar a arte com origem durante a expansão portuguesa, resultante do sincretismo da cultura portuguesa com as culturas ultra-marinas, independentemente do local do mundo em que fora produzida (Moncada, 2013 p. 32).

1966 pp. 230-232), poderemos considerar a definição de Maria da Conceição Borges de Sousa e Celina Bastos (Bastos, et al., 2004 p. 85) como a mais rigorosa e pormenorizada: «móvel utilizado para a guarda de documentos ou pequenos objetos de valor, é constituído por um corpo ou «caixa», onde se inserem sobrepostas e justapostas, um número de gavetas, à vista, com as «frentes» aparentemente iguais, podendo esconder um ou mais segredos. Quando de maiores dimensões, apoia-se numa base, mesa ou trempe propositadamente executada para o efeito, quase sempre rematada com um avental mais ou menos elaborado. A base é constituída por uma base simples, nalguns casos com gavetas e/ou gavetões ou, mais raramente, por um armário baixo. Nalguns casos, possui um corpo intermédio geralmente decorado de forma semelhante à caixa. Este pode ser independente, fazer parte da base, ou mais raramente, fazer parte da caixa. O contador com mesa, encontra-se habitualmente encostado à parede, por conseguinte só raramente apresenta decoração nas costas. Este termo que designa um móvel de feição nacional, não tem correspondência nos seus congéneres europeus («cabinets»), cuja parte superior apresenta diversas variantes: tampa ou alçapão superior, gavetas com «frentes» desiguais agrupadas em torno de um nicho ou «escaninho» e duas portas».

Já a origem do termo «contador» estará relacionada com a profissão – contador – e com as funções administrativas que apoiava, desde os finais do século XIII. A sua forma é adequada à quantidade e diversidade de documentação necessária à profissão de contador. Da expansão marítima portuguesa resultou um desenvolvimento comercial e económico que terá proporcionado o crescimento do número de contadores (profissão), e conseqüentemente do número de contadores (mobiliário) para os apoiarem em várias partes do globo (Moncada, no prelo pp. 2-11). Curiosamente, de acordo com Miguel Cabral de Moncada «as mais antigas referências à tipologia «contador» estão relacionadas com o Índico e com o mobiliário Lusíada», o que o leva a sugerir que este termo só terá nascido no século XVI, no subcontinente indiano (Moncada, no prelo p. 15).

Os contadores têm uma origem europeia, tardo-medieval e renascentista devido às necessidades criadas pelo novo paradigma europeu. O crescimento dos níveis de alfabetismo, aliado ao crescimento do comércio e às conseqüentes necessidades de deslocação, estimulados pelos Descobrimientos Portugueses (Moncada, no prelo p. 13), obrigou à produção deste mobiliário específico a partir da segunda metade do século XV (Ferrão, 1990 p. 3). Estes derivam estruturalmente dos armários e arcas (Moncada, no prelo pp. 11-12), sendo o termo definido no Vocabulário Português-latino Bluteau como «contador de gavetas, em que se poem papeis de contas, ou qualquer outra cousa» (Pinto, 1998 p. 312).

Os raros contadores portugueses do século XVI, que se conhecem, apresentam duas portas a encobrir as gavetas – designado originalmente como «escritório da Alemanha», que posteriormente evoluiu para o termo «contador de duas portas» - o que significará que, aparentemente, o contador tradicional português, com as gavetas à vista aparentemente todas iguais, dispostas na frente da caixa cobrindo-a inteiramente, derivará do referido modelo de contador europeu de duas portas e do escritório⁹. O contador português com gavetas à vista só terá tido o seu início de produção em Portugal nos finais do século XVI (Moncada, no prelo pp. 16-36).

De acordo com Moncada, as mais antigas referências documentais de contadores portugueses dizem respeito a contadores lusíadas, sendo que os mais antigos exemplares conhecidos são igualmente lusíadas. «Então, deverá ter sido no Índico que se terá operado a «eliminação» da tampa frontal de abater dos escritórios e «retiradas» as portas aos contadores «à alemã». Simultaneamente, também terá sido no Índico que se terá atribuído uma nova designação para uma nova realidade» (Moncada, no prelo p. 19) como anteriormente mencionado. As elites portuguesas terão começado a transportar estas peças para o Índico, iniciando assim a sua produção local, a partir de encomendas (Moncada, no prelo p. 20; Dias, 2013 p. 265). Modelos para cópia a ser executados por marceneiros indianos, que incluíam contadores de duas portas com gavetas são listados em inventários como no de Lercaro (Crespo, 2020 p. 21). Já Martha Boyer propõe que os bargueños estejam na origem do contador indo-português (Ferrão, 1990 p. 136).

Também devemos referir que, de acordo com Francisco Hipólito Raposo, «muitos dos contadores, embora mantendo todas as suas características específicas, possam ter sido feitos em Portugal, com a vinda de artífices especializados, o que evitaria o transporte e o seu encargo, tornando-os mais acessíveis no preço» (Raposo, 1994 p. 16), sendo a sua tese apoiada por Maria Madalena de Cagigal e Silva (Silva, 1966 pp. 10-11) e Marques Gomes (Gomes, 1883 pp. 10-20). Todavia, esta hipótese é atualmente colocada de parte, visto ser meramente académica, não existindo um único exemplar que se conheça que apresente indícios de ter sido produzido em Portugal, ou um único documento que se refira à produção portuguesa de mobiliário lusíada.

Curiosamente, outros autores são de opinião que o contador europeu é originário do Extremo Oriente, como Low-Bear e Lieselotte Möller (Ferrão, 1990 p. 136).

⁹ Os contadores distinguem-se dos escritórios, visto que os segundos possuem um tampo abatível que esconde as suas gavetas.

Nos primórdios do século XVII (1601¹⁰) o contador lusíada é referenciado em listagens de inventário portuguesas. No decorrer do século XVII, o número de contadores foi aumentando nestas listagens. No século XVIII este supera o número de escritórios, embora com algumas exceções. Contudo, devemos ter em atenção o possível e provável equívoco entre os termos «escritório» e «contador» pela parte dos inventariantes, tornando os inventários menos fidedignos (Pinto, 1998 pp. 311-335). Esta tipologia prolongou-se do século XVI ao XVIII aliando elementos claramente indianos à estrutura essencialmente europeia.

Na Índia, a presença dos contadores revela uma economia em constante desenvolvimento, sendo estes utilizados pelos contadores, não só como símbolo da sua profissão, mas também como forma de diferenciação social e pessoal. A produção dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis foi extensa, existindo ainda, atualmente, muitos milhares de exemplares. A sua necessidade de utilização para uma profissão, aliada ao exotismo das suas decorações, ao luxo dos materiais usados no seu fabrico, e à capacidade de fornecer prestígio ao seu proprietário, fizeram do contador o móvel mais luxuoso e representativo do século XVII, imprescindível no interior das habitações portuguesas e de luso-descendentes das classes mais abastadas (Freire, 2002 p. 70).

Relativamente à sua forma, existem três formatos distintos de contadores: contadores de chão¹¹ (exemplarmente figura 2, *in* Anexo), de grandes dimensões, que possuem uma trempe/base, estando esta em contacto com o chão; contadores de estrado¹² (exemplarmente figuras 15 e 21, *in* Anexo), de dimensões intermédias, por vezes com base, sendo colocados sobre o estrado; e os contadores de mesa¹³ (exemplarmente figura 12, *in* Anexo), de pequenas dimensões, fáceis de transportar, sendo comumente colocados em cima de outros móveis (Dias, 2013 p. 267; Moncada, no prelo pp. 37-38). Estes últimos, devido às suas menores dimensões propiciaram o enriquecimento dos seus adornos, onde o cobre dourado foi substituído pela prata e as superfícies revestidas por placas de tartaruga (Dias, 2008 pp. 125-127).

¹⁰ Inventário de D. Brites, mulher de André d’Azevedo Vasconcellos (Pinto, 1998 p. 318), sendo este interpretado por Miguel Cabral de Moncada como sendo lusíada (Moncada, no prelo p. 18).

¹¹ Consideramos contadores de chão os contadores que possuem uma altura superior a 80 cm e um comprimento superior a 60 cm (Moncada, no prelo p. 38).

¹² Consideramos contadores de estrado os contadores que possuem cumulativamente uma altura superior a 25 cm e inferior a 50 cm, um comprimento superior a 32 cm e inferior a 60 cm, sendo que entre os contadores com base, consideramos de estrado os que possuem uma altura até, aproximadamente 80 cm (Moncada, no prelo p. 38).

¹³ Consideramos contadores de mesa os contadores que possuem uma altura inferior a 25 cm e os que possuem um comprimento inferior a 32 cm (Moncada, no prelo p. 38).

Devemos ainda referir existência de vários contadores com bases adaptadas ou produzidas posteriormente. Este facto poderá dever-se às grandes dimensões das bases, o que poderá ter levado ao seu abandono aquando da viagem de regresso dos seus proprietários (Moncada, no prelo pp. 43-44).

Os contadores indo-portugueses e luso-mogóis possuem várias dimensões e formas, podendo apresentar, para além da forma paralelepípedica (exemplarmente figura 4, *in* Anexo), formas cúbicas, piramidais ou de capela (exemplarmente figura 75, *in* Anexo). Estes também podem ser divididos em quatro modelos: modelo português (exemplarmente figura 3, *in* Anexo), com gavetas todas aparentemente iguais (caraterística original e unicamente observada nos contadores produzidos em Portugal) e sem portas; modelo alemão (exemplarmente figura 15, *in* Anexo), que possui duas portas a encobrir as gavetas; «modelo de capela» (exemplarmente figura 75, *in* Anexo), a parte superior possui uma forma triangular, tipicamente mogol na sua estrutura e decoração (Dias, 2013 p. 267; Silva, 1966 p. 230); e o modelo híbrido, denotando-se um sincretismo entre os três modelos anteriores (Moncada, no prelo pp. 34-35).

Muitos destes contadores foram produzidos em oficinas especializadas no seu fabrico, com base em determinados modelos, onde a repartição de tarefas e o elevado grau de especialização se encontravam patentes. Portanto, será comum a observação de contadores semelhantes, pois podem ter sido baseados no mesmo modelo, ou produzidos na mesma oficina (Dias, 2013 p. 273; Moncada, no prelo p. 50).

Denota-se um rigor construtivo e uma enorme resistência mecânica, revelando uma grande experiência e destreza na execução das várias fases da produção dos contadores (Moncada, no prelo p. 85). Contudo, é natural a observação de sinais de uso e desgaste como faltas, defeitos, sinais de acidentes, de restauros ou de substituições ou alterações. Ainda assim, observamos um predomínio de contadores lusíadas, onde se incluem os indo-portugueses e os luso-mogóis, atualmente em bom estado de conservação (Moncada, no prelo pp. 99-100).

Como mencionado anteriormente, em todo o mobiliário, contadores inclusive, denotamos maioritariamente, a aplicação de uma decoração estética de índole indiana ou mogol, num corpo formalmente europeu (Ferrão, 1990 p. 135).

Na marchetaria e/ou embutidos, o material de fundo é mais resistente e o material de ornamentação mais delicado e precioso. Frequentemente, a estrutura de um contador indo-português/luso-mogol é em teca com ornamentação marchetada e/ou embutida em sissó e/ou ébano, consoante os centros de fabrico. A decoração é manufaturada em faixa separada e posteriormente aplicada sobre outra não ornamentada ou com decoração diferente. Também se

observa a ornamentação de uma só faixa de madeira mais espessa que permite a decoração interna e externa. O sistema mais vulgar de decoração são os embutidos e/ou marchetados, como a aplicação de marfim, osso ou a utilização de diferentes qualidades de madeira, sendo a pintura e aplicação de lacas igualmente observadas (Cruz, 2016 p. 45).

No que respeita à decoração, observamos um aparente horror ao vazio, que se une a um claro contraste de cores obtido através dos diferentes materiais empregues (ébanho e sissó, de cores escuras, que contrastam com a teca, madrepérola e marfim, de cores mais claras) (Moncada, no prelo p. 5). Esta decoração tem normalmente um desenvolvimento com esquemas geométricos e simétricos em espelho, e é compartimentada dentro de cada gaveta do contador, sendo limitada por faixas, tarjas e frisos (Ferrão, 1990 p. 146). A estilização dos motivos (estilização vegetal dos ornatos figurados e estilização geométrica dos motivos vegetais) é uma característica comum, sendo que também constatamos a tendência para vestir as figuras humanas com trajes indianos contemporâneos, de feições estilizadas. Existe igualmente um predomínio da combinação entre a utilização de uma decoração natural (onde o artista copia a natureza) e artificial (onde este se entrega à fantasia, não se podendo replicar a decoração no campo da realidade) (Silva, 1966 pp. 88-118). A decoração mencionada anteriormente, referente ao mobiliário indo-português e luso-mogol e aos seus centros de produção mantem-se para os contadores, denotando-se a utilização recorrente de motivos decorativos como as neginis, as águias bicéfalas, uma clara diversidade vegetalista, e finalmente, elementos europeus, como brasões e simbologia cristã (Moncada, no prelo pp. 38-43). Como exemplo, refere-se que as ordens religiosas usavam os contadores para guardar a sua documentação e também neles colocavam a sua heráldica (Dias, 2013 p. 57).

Existem três principais grupos de composições decorativas: composições historiadas, composições simbólicas e composições puramente ornamentais. Dentro das primeiras contam-se a existência de temas bíblicos, mitológicos de carácter épico e temas da vida corrente (exemplarmente figura 135, *in* Anexo). Nas composições simbólicas verificamos símbolos emblemáticos como as heráldicas, onde se observam águias bicéfalas e leões heráldicos (exemplarmente figura 46, *in* Anexo). Já nas composições ornamentais, observam-se elementos fitomórficos e geométricos (exemplarmente figura 2, *in* Anexo) (Silva, 1966 pp. 88-118).

Verificamos que existe uma maior preocupação com a decoração da frente e por vezes do tampo do contador, sendo a decoração das ilhargas frequentemente mais simples, não existindo normalmente ornamentação no tardo.

Muitas peças são ornadas de ferragens que, facilitam a sua normal utilização, ajudam a proteger a sua estrutura e apoiam a sua decoração (Moncada, no prelo pp. 51-58). Estas tendem a ser produzidas em ferro, por vezes estanhado; em cobre, normalmente dourado; em latão; e mais raramente em bronze e prata (Silva, 1966 p. 16). Devemos notar, contudo, a prática de produzir e fixar ferragens em território europeu.

Como observado no mobiliário, os contadores indo-portugueses e luso-mogóis foram produzidos essencialmente em dois espaços geográficos: sudoeste indiano e no norte da Índia, comumente mencionados como tendo uma decoração mogol (Dias, 2013 p. 267). A decoração realizada a sul do Império Mogol, influenciada pela cultura indiana (exemplarmente figura 2, *in Anexo*), tradicionalmente possui enrolamentos vegetalistas muito estilizados, onde se denota a clara importância da simetria. Estes são tendencialmente produzidos em teca e sissó, com embutidos e/ou marchetados de marfim e ébano. Comumente chamam-se «de Goa» a estes contadores, mas não é possível garantir as limitações geográficas do seu fabrico à capital do Estado da Índia, embora seja indiscutível que foram daí enviados para o Reino (Dias, 2008 p. 124).

Já os contadores luso-mogóis, (exemplarmente figura 4, *in Anexo*) são normalmente feitos em teca, sendo faixeados a ébano e/ou sissó não se observando a estrutura em teca, possuindo marchetaria e/ou embutidos muito finos, em marfim em tons naturais ou tingido, sobre as superfícies. As peças integravam materiais preciosos como carapaça de tartaruga e madreperla aos modelos portugueses. A decoração mogol é criada através de um elegante e minucioso desenho, sendo essencialmente fitomórfica, regular e simétrica, onde os motivos decorativos se apresentam afrontados ou adossados. Todavia, por vezes, observam-se figuras humanas, captadas durante as caçadas ou em cenas de vida da corte. Esta também é baseada em figuras geométricas ou arquitetónicas, como por exemplo cubos justapostos que contrastam entre si, graças à gradação das diferentes cores entre as faces dos mesmos (Dias, 1999 pp. 273-329). A ornamentação revela-se extraordinariamente densa oferecendo uma clara relação com a arte persa e as suas influências muçulmanas (Cruz, 2016 p. 47).

O mercado de arte leiloeiro nos últimos anos

2.1. O mercado de arte leiloeiro internacional

Os diversos setores do mercado da arte têm revelado uma *performance* díspar ao longo da última quinzena de anos, muitas vezes expondo uma falta de correlação entre eles, bem como com os mercados financeiros mundiais. No entanto, quando observadas a macro escala, as tendências no mercado da arte encontram-se intimamente ligadas a importantes variáveis económicas como medidas de crescimento nacional, prosperidade e riqueza. Quando a economia de um grupo cresce, a sua população tende a dispor de mais fundos para despende em arte. Enquanto que, quando a economia entra em declínio, o salário, o consumo e o investimento muitas vezes diminuem. Desde 2000, o desempenho do mercado da arte tem estado associado ao crescimento da economia e riqueza mundiais, com uma correlação de cerca de 75% ou mais para o PIB mundial, riqueza familiar (household wealth) e riqueza «High Networth» (McAndrew, 2018 p. 265). Os vendedores são fortemente influenciados pela estabilidade económica, seja mundial ou de um determinado mercado, e/ou se determinado momento é considerado como uma boa oportunidade para vender. O comportamento de compra é igualmente influenciado pelo sentimento de otimismo associado à riqueza pessoal do colecionador, assim como com a confiança financeira deste, no mercado da arte (McAndrew, 2019).

Globalmente, entre 2006 e 2007 as vendas em leilões cresceram tanto no valor como no volume de vendas, perto dos 33 mil milhões de dólares (mais que o triplo do valor de vendas desde 2000 a 2005). O mercado como um todo, sofreu uma queda de 44% nas suas vendas após a crise financeira global, entre 2007 e 2009. No período de 2009 a 2011 o mercado chinês foi crucial para apoiar a recuperação do mercado da arte mundial. A partir de 2009 o crescimento deste mercado foi retomado a um ritmo mais lento e com uma distribuição muito menos uniforme entre regiões, ativos e segmentos de riqueza.

A partir de 2012, fortes vendas no mercado da arte norte-americana impulsionaram o mercado leiloeiro, com as suas vendas a atingirem um máximo de pouco menos de 33 mil milhões de dólares em 2014. Depois de 2014, o mercado perdeu mais de 30% do seu valor¹⁴,

¹⁴ Valor referente a vendas.

apresentando dois anos de declínio de vendas (2015-2016). Observou-se um menor volume de lotes de valor mais elevado em leilão, tendo-se igualmente reparado num acautelamento por parte dos compradores.

Já em 2017, denotamos um fortalecimento da atividade económica mundial com uma recuperação robusta, reparada igualmente no mercado leiloeiro com uma subida de 27% em vendas, desde 2016. A subida de vendas mantém-se em 2018, apesar de forma mais lenta (3% em comparação com 2017), principalmente devido a vendas de maior valor monetário (acima dos 10 milhões de dólares) (McAndrew, 2018 pp. 104-105).

Em 2019, parcialmente devido a tensões geopolíticas e guerras comerciais, observamos as vendas em leilão a diminuírem 17% comparativamente a 2018 (McAndrew, 2020 pp. 126, 292).

As vendas do mercado leiloeiro caem de forma abrupta no ano seguinte (30%), em consequência da pandemia COVID-19. Todavia, comprovamos uma esperançosa recuperação do mercado em 2021, com vendas a totalizarem os 26,3 mil milhões de dólares, um crescimento de 47% comparativamente a 2020 (McAndrew, 2022 pp. 120-122).

Devemos ainda notar que, mundialmente, no período entre 2007 e 2021 a riqueza média diminuiu e a desigualdade de riqueza aumentou, com o nível de riqueza dos segmentos mais elevados da sociedade a crescer rapidamente. Esta concentração e crescimento de riqueza num pequeno número de indivíduos ajudou a impulsionar a venda de arte de valores mais elevados e, conseqüentemente, a recuperação deste mercado. Contudo, a redução de riqueza nos segmentos inferiores e médios da sociedade, juntamente com questões decorrentes da crise global do mercado financeiro e imobiliário fez aumentar a pressão sobre estes indivíduos. Isto poderá deixar o mercado da arte fora do alcance de muitos potenciais novos colecionadores, o que se poderá revelar prejudicial no seu futuro (McAndrew, 2018 p. 281).

No mercado leiloeiro internacional destacam-se três casas originalmente fundadas em Londres: a *Christie's*, a *Sotheby's* e a *Bonhams*, das quais faremos de seguida uma breve resenha.

Fundada em 1766, em Londres, a *Christie's* é reconhecida mundialmente pelos seus leilões presenciais e online, bem como pelas suas vendas privadas. A leiloeira oferece um portfólio completo de serviços onde estão incluídas avaliações, financiamento de arte e imóveis, e educação, entre outros. A *Christie's* encontra-se representada em 46 países, com sedes em Nova Iorque, Londres, Hong Kong, Paris e Genebra. Esta é a única leiloeira internacional autorizada a realizar vendas na China continental (Xangai). Nos últimos anos, a *Christie's* atingiu o recorde mundial de vendas de uma obra de arte vendida em leilão (*Salvator Mundi*, de Leonardo da

Vinci, em 2017, por 450,312 milhões de dólares), de uma obra do século XX vendida em leilão (*Shot Sage Blue Marilyn*, de Andy Warhol, em 2022, por 195,040 milhões de dólares) e de uma obra de um artista vivo vendida em leilão (*Rabbit*, de Jeff Koons, em 2019, por 91,075 milhões de dólares) (Christie's, 2022).

Instituída em Londres, por Samuel Baker em 1744, a *Sotheby's* apenas começou a fazer leilões de obras de arte no século XX, após o final da 1ª Guerra Mundial. Até então realizava apenas leilões de livros e, posteriormente, já no século XIX, leilões de gravuras, moedas, medalhas e de bens da Antiguidade Clássica. Atualmente possui 44 departamentos especializados, que incluem Arte Contemporânea, Arte Moderna e Impressionista, joias, relógios, entre outros, que possibilitam a realização de mais de seiscentos leilões anualmente. Após o início da pandemia, a *Sotheby's* foi a primeira leiloeira a mudar para um formato de leilão digital híbrido (Sotheby's, 2022). Esta e outras leiloeiras desenvolvem diversas estratégias de marketing inovadoras, como levar lotes em tournée ou fazer exposições «domésticas» de modo a aliciar os seus potenciais clientes (Afonso, et al., 2019 pp. 358-359).

A *Bonhams* é uma casa internacional de leilões fundada em 1793, em Londres, sendo considerada das maiores e mais conceituadas leiloeiras do mundo. A leiloeira realiza mais de 400 leilões em Londres, Nova Iorque, Los Angeles e Hong Kong. Consequentemente, possui especialistas em todas as principais áreas da arte, antiguidades, joias, automóveis e outros colecionáveis (Bonhams, 2022).

Atualmente, os EUA, a China e o Reino Unido são considerados os núcleos mundiais para leilões de arte, possuindo 78% deste mercado. A China detém 33% da quota do mercado, dominando-o à frente dos EUA com 32% (McAndrew, 2022 p. 124).

Apesar de a China dominar atualmente o mercado leiloeiro internacional, devemos notar que a Christie's e a *Sotheby's* são as únicas leiloeiras internacionais a colocarem em leilão e a venderem de forma consistente contadores indo-portugueses e luso-mogóis nos últimos quinze anos. Já a *Bonhams*, apesar de não revelar vendas consistentes desta categoria de peça, é a leiloeira, após a Christie's e a *Sotheby's*, que revela um maior número de vendas de contadores indo-portugueses e luso-mogóis. Das leiloeiras que dominam o mercado da arte, estas são as três casas que possuem um maior número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos nos últimos quinze anos. Contudo, iremos observar que o número de contadores apresentados em leilões internacionais é claramente inferior aos contadores que foram a leilão em Portugal no mesmo período. Deste modo, comprovamos o domínio do mercado português, em termos de quantidade, sobre o comércio destas peças.

Independentemente da influência que eventos mundiais de caráter diverso possam ter para com a colocação em leilão de contadores e sua posterior venda, devemos ainda ter em atenção que mudanças no volume de vendas em leilão de artes decorativas são frequentemente indicadores menos conclusivos do desempenho do mercado, visto que o volume de artes decorativas vendidas poderá variar bastante entre diferentes tipos leilões e regiões ao longo do tempo¹⁵ (McAndrew, 2017 pp. 99-100).

2.2. O mercado de arte leiloeiro português

Os anos anteriores à crise mundial, de 2008, revelaram o estado do mercado da arte português num ambiente ilusório de cosmopolitismo, progresso e abundância que durava desde a grande renovação do mercado nos anos 80. Esta aparente estabilidade e valorização dos valores de venda assegurou o fornecimento de peças ao mercado leiloeiro português. Contudo, a estagnação da atividade económica nacional, a produtividade anémica e o aumento do desemprego sentido nos anos anteriores a 2008, tornaram Portugal num alvo particularmente exposto aos tempos críticos que se aproximavam. Em termos culturais, testemunhamos uma mudança de gosto para a arte contemporânea, particularmente a internacional, sentida tanto dentro das grandes coleções particulares e públicas, como no mercado leiloeiro português, com a criação da leiloeira especializada em arte contemporânea *Sala Branca* (2008) (Afonso, et al., 2019 pp. 206-207; Nabais, 2015 pp. 6-7). Todavia, neste período, de acordo com João Júlio Teixeira, observamos ainda um grande grupo de compradores, ativo desde os anos 60, interessados em contadores indo-portugueses e luso-mogóis. Este grupo herdou o gosto colecionador francês dos séculos XIX/XX, sendo fortemente moldado por um espírito nacionalista.

Nesta altura, o mercado é inundado de peças possuindo, contudo, um valor inferior, obrigando as leiloeiras a multiplicarem o número de leilões realizados por ano. Deste modo, em 2006/2007, assistimos à abertura de várias leiloeiras em Portugal, como a *Renascimento*, a *Aqueduto* e a *São Domingos* (Teixeira, 2012 pp. 40-42).

No final de 2008, observamos uma clara recessão económica e um notável crescimento da dívida soberana que se fez igualmente sentir no setor leiloeiro artístico. O acentuar da crise

¹⁵ Os leilões de belas-artes tendem a oferecer uma referência mais clara de comparação entre mercados (McAndrew, 2017 pp. 99-100).

obrigou o governo português a apresentar, em 2011, um pedido de resgate financeiro à *troika*¹⁶. Por um lado, a crise acentuada trouxe a necessidade de venda a muitos proprietários, por outro lado deu garantia de estabilidade aos compradores que passaram a sentir-se mais confiantes em comprar obras de arte. Nesse mesmo ano nasce a *Veritas*, a partir de um antigo antiquário, consequência da perda de dinâmica do antiquariato para o mercado leiloeiro.

No final de 2014, com a saída da *troika* e após a implementação das suas medidas económicas e financeiras, verificou-se uma recuperação económica, tendo o mercado da arte português sentido igualmente este clima otimista.

No final de 2015, observamos um mercado da arte em boa forma, tendo este, contudo, minguido devido às eleições legislativas nacionais decorridas nesse mesmo ano. Estas deram a vitória ao PSD/CDS, mas sem a maioria de deputados no Parlamento. Deste modo, uma coligação formou-se à volta do PS, liderado por António Costa. Este governo tinha o apoio explícito e negociado com o PCP, o Bloco de Esquerda e Os Verdes, fazendo acreditar (pelo carácter antinatural do acordo de um partido do «sistema» com partidos «antissistema») que deveria durar muito pouco tempo e cairia com brevidade. Tal convicção levou os vendedores e os compradores a desconfiarem do mercado da arte português, tendo como consequência a queda do mesmo na ordem dos 40%. Praticamente todas as leiloeiras assumem ter tido prejuízos no ano de 2016. Os compradores de arte veem com grande desconfiança governos apoiados por partidos da esquerda «antissistema». O mercado melhorou em 2017, mas só se recompôs em 2018 quando ficou claro, que o referido Governo, não iria cair e que iria conseguir completar a sua legislatura (Afonso, et al., 2019 pp. 206-211).

Uma aparente recuperação do mercado nota-se até 2020, quando a pandemia COVID-19 faz com que a economia nacional caia abruptamente. Contudo, em 2021 conseguimos verificar a sua recuperação.

Atualmente, o mercado leiloeiro português encontra-se centrado em Lisboa e no Porto, dividindo-se em três segmentos: o superior, o intermédio e o inferior. De acordo com Luís Afonso e Alexandra Fernandes (Afonso, et al., 2019 pp. 365-366), tanto a *Cabral Moncada Leilões*, como o *Palácio do Correio Velho*, como a *Veritas* se encontram no segmento superior do mercado leiloeiro em Portugal, sendo mesmo as únicas leiloeiras nesta posição. Neste segmento, observamos um maior cuidado e critério na escolha e avaliação das peças, assim como lotes com maior qualidade, e consequentemente com um mais elevado valor de venda.

¹⁶ Comissão tripartida constituída pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia.

A *Cabral Moncada Leilões* foi fundada em 1996, por três sócios já anteriormente associados ao setor do antiquariato. Inicialmente, posicionou-se no nível intermédio, tendo evoluído para o superior. Nos seus leilões denota-se um maior número de peças associadas ao mundo dos Descobrimentos Portugueses, especialmente de arte luso-asiática. Possuem igualmente a editora *Scribe*, onde são publicadas obras dedicadas ao património artístico português.

O *Palácio do Correio Velho* foi fundado em 1989, como resultado de uma parceria com a ilustre casa de leilões *Sotheby's*. Durante os seus primeiros anos operou sobretudo no setor das antiguidades e das artes decorativas. No final dos anos 90, posicionou-se no setor da arte moderna e contemporânea, dominando-o até ao aparecimento da leiloeira *Sala Branca* (Afonso, et al., 2019 pp. 366-369).

A *Veritas* foi fundada em 2012. De momento encontra-se direcionada para os segmentos das Antiguidades e Arte Moderna e Contemporânea, investindo em simultâneo na promoção de temas específicos (Veritas, 2022).

No decorrer dos últimos dezasseis anos, estas têm sido as únicas leiloeiras portuguesas com vendas consistentes de contadores indo-portugueses e luso-mogóis. Nestes anos, a *Cabral Moncada Leilões* liderou claramente o mercado de contadores indo-portugueses e luso-mogóis, encontrando-se a *Veritas* e o *Palácio do Correio Velho* em segundo e terceiro lugares, respetivamente.

No segmento intermédio, destacam-se as leiloeiras *Renascimento* e *São Domingos*. Este segmento diferencia-se pelos seus lotes com um valor médio inferior ao das leiloeiras de topo e por levarem a leilão um maior número de peças (Afonso, et al., 2019 p. 369). Deste modo, iremos observar um número inferior de contadores a serem levados a leilão por estas instituições, devido ao valor tendencialmente superior daquelas peças.

A *Renascimento*, fundada em 2007, encontra-se sediada em Lisboa. Esta afirma-se especializada em leilões de «antiguidades, arte moderna e contemporânea, pratas e joias, arte tribal e indígena, armaria e militar, livros e manuscritos» (Renascimento, 2022). A *Renascimento* também realiza peritagens e avaliações para fins diversos, consultoria, gestão e conservação de coleções.

Já a *São Domingos*, a única leiloeira sediada no Porto referida nesta dissertação, organiza leilões de antiguidades, arte moderna e contemporânea desde 2004. Os seus clientes têm à sua disponibilidade leilões, avaliações, peritagens e consultadoria em diversas áreas artísticas e do mercado de luxo (São Domingos, 2022).

Reparamos que, de acordo com Luís Afonso (Afonso, 2012 pp. 14-18)¹⁷, o volume de lotes levados a leilão em Portugal é dominado pelas artes decorativas. Dentro desta categoria, observa-se igualmente a preponderância do mobiliário, ao lado da ourivesaria e prataria, e das porcelanas, dentro da qual poderemos posicionar os contadores indo-portugueses e luso-mogóis. Quando observada a distribuição cronológica das obras no mercado leiloeiro português, denota-se um claro predomínio de peças dos séculos XIX e XX/XXI, sendo estas seguidas por peças dos séculos XVIII, XVII e XVI, onde podemos situar os contadores. Já a análise da distribuição geográfica revela as peças provenientes do continente asiático, como os contadores indo-portugueses e luso-mogóis, como sendo as levadas a leilão com maior frequência, depois das peças portuguesas.

¹⁷ Estudo feito com base nos lotes de três leiloeiras, *Cabral Moncada Leilões, Palácio do Correio Velho e Sala Branca*, entre 2005 e 2011.

CAPÍTULO 3

Metodologia aplicada à análise de dados

Na presente dissertação, após uma pesquisa exaustiva através dos catálogos online e físicos das várias leiloeiras analisadas, assim como de websites como o *artnet*, foram estudados um total de 217 contadores indo-portugueses e luso-mogóis. Dos 182 apresentados em leilão em Portugal, 110 foram pela CML, 20 pelo PCV, 33 pela *Veritas*, 7 pela *Renascimento* e 12 pela *São Domingos*. Já dos 35 contadores que foram levados a leilão internacionalmente, 21 foram através da *Christie's*, 12 através da *Sotheby's* e 2 através da *Bonhams*. Todos estes contadores foram apresentados aos seus potenciais licitadores em leilões presenciais. Devemos ter ainda em consideração que, apesar desta pesquisa exaustiva, os contadores levados a leilão pela leiloeira *São Domingos* não se encontram todos apresentados neste trabalho, devido à impossibilidade de obtenção de cópias de cerca de quarenta catálogos da leiloeira. Apesar de termos conhecimento que muitos destes catálogos não se encontram categorizados como sendo de Antiguidades e, deste modo, não apresentarem contadores indo-portugueses e/ou luso-mogóis nas suas páginas, existe sempre a possibilidade de um ou mais contadores terem sido apresentados em leilão e nós não dispormos dessa informação para ser contabilizada nesta dissertação.

A baliza cronológica decidida para a análise de contadores indo-portugueses e luso-mogóis delimitou-se entre 2006 e 2021. Com esta fixação de dezasseis anos, temos como objetivo analisar os efeitos da crise imobiliária e financeira iniciada nos finais de 2008 e as suas repercussões no mercado leiloeiro, as consequências de acontecimentos geopolíticos e económicos sentidos durante este período, assim como as repercussões da pandemia gerada pela COVID-19, desde 2020.

A intenção de agregar nesta análise contadores indo-portugueses e luso-mogóis deve-se à presença tanto indiana como mogol na península indostânica no mesmo período em que a nação portuguesa alcançou e se instalou neste território. Consequentemente, ambas as culturas foram influenciadas de formas similares pela cultura portuguesa, produzindo peças, entre elas os contadores, de formatos semelhantes, ainda que, como já referido, possuindo decorações distintas. Será igualmente relevante dispor de um número significativo de contadores, para que os resultados estatísticos sejam representativos.

Para a análise dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis, e dos seus valores de mercado nos últimos dezasseis anos, estes foram divididos em nove categorias:

1. *Por leiloeira que levou os contadores a leilão.* Apesar de todos os leilões de leiloeiras portuguesas terem sido realizados em Portugal, este não será necessariamente o caso para as peças leiloadas por intermédio da *Christie's*, *Sotheby's* e *Bonhams*. Apesar destas leiloeiras se encontrarem sediadas em Londres, os seus leilões podem realizar-se em regiões geográficas diferentes. Este fator não será tido em conta nesta dissertação, visto que a intenção da mesma será a comparação entre o mercado leiloeiro nacional e o internacional. Deste modo, apesar da divisão entre leiloeiras, o mercado internacional será englobado na mesma categoria sem diferenciação da sua geografia.
2. *Por ano em que foram leiloados desde 2006.*
3. *Se foram vendidos ou não.*
4. *Pela sua qualidade.* Visto que esta categoria é influenciada por vários fatores, a mesma foi dividida em sete categorias. Estas foram consideradas como as mais significativas para a correta compreensão da qualidade de cada peça¹⁸ e conseqüentemente o seu valor monetário:
 - a. *Influência geográfica*, ou seja, se foram produzidos graças a uma influência indiana e portuguesa, sendo deste modo considerados indo-portugueses; ou se foram produzidos através do sincretismo da cultura mogol e portuguesa, sendo mencionados como contadores luso-mogóis.
 - b. *Formato*: contadores de chão, estrado (com ou sem trempe) ou mesa, com ou sem porta, ou de capela.
 - c. *Pelo século em que foram produzidos.*
 - d. *O principal material da sua decoração* (teca, ébano, sissó, tartaruga, marfim), ou outro (sândalo, não mencionado).
 - e. *O material das ferragens que dispõem* (latão, cobre, prata, ferro, outro).
 - f. Por fim, *a quantidade de decoração* que possuem, sendo esta dividida em três grupos: o primeiro com mínima decoração onde se observam leves filetes de marfim ou breves embutidos geométricos de madeira ou marfim a decorarem o contador; o segundo grupo que revela um intermédio de decoração entre o primeiro e o terceiro grupo; este último revela-se caracterizado pelo *horror vacui* da sua decoração.

¹⁸ Estas categorias foram influenciadas e fundamentadas pela análise dos seguintes artigos: (Czujack, 1997) e (Renneboog, et al., 2013).

Este primeiro conjunto de variáveis qualitativas foi depois codificado em classes, de acordo com a classificação expressa na tabela 3.1., para ulterior tratamento estatístico. Foram determinados os estatísticos descritivos de acordo com a codificação adotada (Tabela 1, *in* Anexo).

Tabela 3.1. Categorias dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis e correspondente reclassificação nominal.

Categorias dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis			Codificação		
1. Leiloeira			1-8		
2. Ano leilão			1-16		
3. Venda	sim		1		
	não		0		
4. Qualidade	a) Influência geográfica	indo-portugueses		1	
		luso-mogóis		0	
	b) Formato	chão	com portas		1
			sem portas		2
		estrado	com portas	com trempe	3
				sem trempe	4
			sem portas	com trempe	5
				sem trempe	6
	mesa	com portas		7	
		sem portas		8	
	capela		9		
	c) Século de fabrico	XVI		1	
		XVI/XVII		2	
		XVII		3	
		XVII/XVIII		4	
		XVIII		5	
	d) Material da decoração	teca		1	
		ébano		2	
		sissó		3	
		tartaruga		4	
		marfim		5	
		outro		6	
	e) Material das ferragens	latão		1	
cobre		2			
ferro		3			
outro		4			
f) Qualidade decoração	mínima		1		
	intermédia		2		
	<i>horror vacui</i>		3		

Devemos ainda mencionar a importância da existência de heráldica na decoração dos contadores. Contudo, apesar de termos iniciado esta dissertação com a intenção de contabilizar a existência de heráldica nos contadores analisados, apercebemo-nos que a sua presença é bastante reduzida (3 contadores com heráldica, em 217 contadores), fazendo com que esta amostra não fosse estatisticamente significativa para ser analisada em conjunto com os restantes dados.

Naturalmente, com o objetivo de estudar as oscilações dos valores atingidos em leilão pelos contadores indo-portugueses e luso-mogóis foram analisados os seus valores de martelo, assim como os seus valores de estimativa máxima e mínima apresentados por cada uma das leiloeiras. Todos os valores apresentados em libras (£) ou dólares (\$) foram convertidos para euros (€), visto esta ser a moeda mais recorrentemente usada. Estes valores foram convertidos tendo em conta a conversão média do ano no qual os contadores foram leiloados. Valores de inflação não foram considerados, sendo os valores apresentados, os valores nominais de quando as peças foram a leilão.

A ulterior análise estatística dos dados processou-se ao longo de três passos distintos que serão discutidos ao longo do capítulo 4. Nomeadamente, num primeiro passo iniciou-se a avaliação univariada de cada um dos atributos considerados, quantitativos e qualitativos, seguida de uma avaliação cruzada entre diferentes conjuntos de variáveis, com o objetivo de caracterizar associações predominantes, designadamente, a identificação das características, se existentes, que mais condicionam o valor monetário das peças em apreço. Numa última fase, realizou-se uma regressão não paramétrica, a regressão Lowess (Locally Weighted Scatterplot Smoothing) (Cleveland, 1979; Härdle, 1990), que possibilitou o ajuste de uma reta suavizada, num gráfico de dispersão (figura 4.17.) permitindo a visualização da relação entre as variáveis e, desta forma, prever tendências. A forma da função de regressão pode indicar-nos onde são esperadas observações com valores máximos da variável resposta, para determinados valores das variáveis explicativas, ou se é indicada uma espécie particular de dependência entre elas. Para o caso em estudo, foi utilizado o Valor de Martelo como variável resposta e os outros atributos considerados, codificados em classes (Qualidade, Tabela 3.1.), como variáveis explicativas. Para os contadores que não foram vendidos e, portanto, para os quais não existe valor de martelo, para efeitos estatísticos, a estimativa mínima foi considerada como Valor de Martelo. Deste modo, considerando o conjunto de atributos explicativos, o valor médio da variável resposta é dado pela função de regressão (Härdle, 1990). Os benefícios da suavização não paramétrica são, uma abordagem flexível para a representação dos dados de uma forma

fácil de calcular. As desvantagens estão relacionadas com o facto de não poder ser usada para obter uma equação simples para um conjunto de dados, o que implica uma certa subjetividade de interpretação.

Análise e discussão das vendas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis (2006-2021)

4.1. Valores de martelo, estimativas mínimas e estimativas máximas

Iniciaremos a análise de dados relativamente ao período compreendido entre 2006 e 2021 através da apreciação das categorias definidas no capítulo anterior e relativas a: estimativa mínima, estimativa máxima e valor de martelo.

Relativamente ao histograma referente à distribuição da estimativa mínima com que os contadores foram levados a leilão (figura 4.1.), verifica-se que a maioria dos contadores foram colocados em leilão com uma estimativa mínima na classe dos zero-dez mil euros. A frequência de contadores presentes em leilão com estimativas mínimas superiores a dez mil euros desce progressivamente em cada uma das classes. Esta redução da frequência de contadores com o valor crescente da estimativa mínima verifica-se porque os contadores mais valiosos, ou melhor dizendo, contadores avaliados pelas leiloeiras como mais valiosos, vão a leilão com menor regularidade que contadores avaliados como menos valiosos.

O histograma correspondente à distribuição dos valores associados à estimativa máxima (figura 4.2.) mostra, naturalmente, uma forte associação à estimativa mínima. Esta é calculada como correspondendo a cerca de 50% a 80% do valor de martelo atingido por uma obra semelhante num leilão recente, enquanto a estimativa máxima corresponde a um aumento de 50% sobre o valor da estimativa mínima (Afonso, et al., 2019 pp. 352-353). Deste modo, denotamos uma descida diretamente proporcional à distribuição dos valores da estimativa mínima, à medida que as classes vão aumentando em valor. A partir da classe dos quarenta-cinquenta mil euros, observamos uma clara descida de número de contadores em leilão. Curiosamente, na classe dos trinta-quarenta mil euros, observa-se uma ligeira subida comparativamente ao intervalo anterior. Isto sugere que a maioria dos contadores com estimativas mínimas nas classes de vinte a quarenta mil euros, mantiveram a sua estimativa máxima dentro do segundo intervalo.

Relativamente ao valor de martelo conseguido pelos contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão (figura 4.3.), constatamos que a maioria destes se inclui na classe dos zero-dez mil euros. Estes dados serão bastante evidentes, visto que a maioria dos contadores

colocados em leilão estão nesta mesma categoria, e ao serem valores mais acessíveis, existe uma parte maior da população a ter capacidade para os adquirir. Este facto comprova, igualmente, que na época também se produziram um maior número deste tipo de contadores do que dos mais importantes e valiosos. Novamente, a tendência para o número de contadores vendidos reduzir quando o seu valor aumenta é perceptível nas correspondentes distribuições. Esta situação, como mencionado acima, é facilmente compreensível, visto que com o aumento de valor monetário pago, principalmente acima dos quarenta mil euros, existe uma parte substancialmente menor dos apreciadores que terá acesso à sua aquisição.

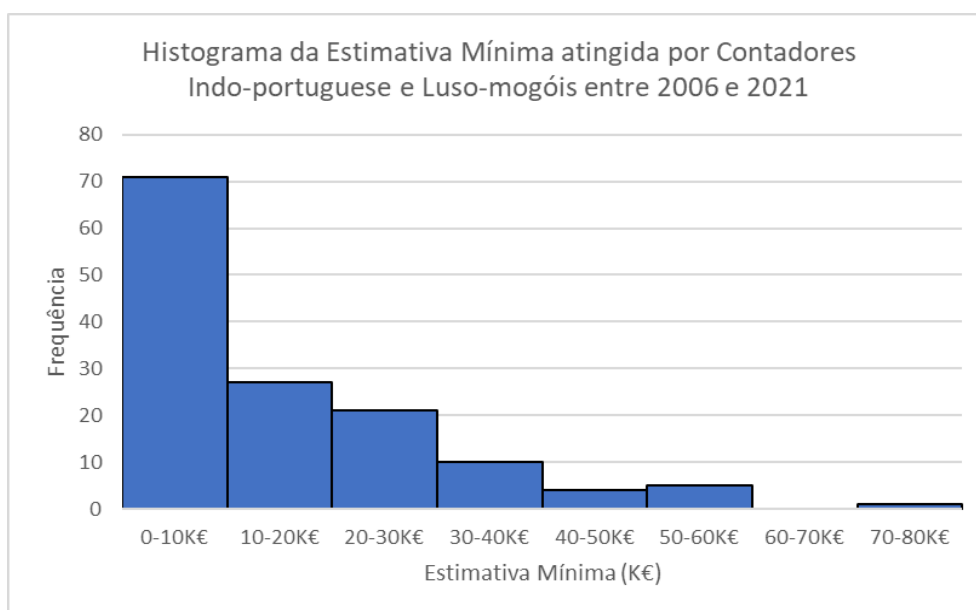


Figura 4.1. Histograma da estimativa mínima dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021.

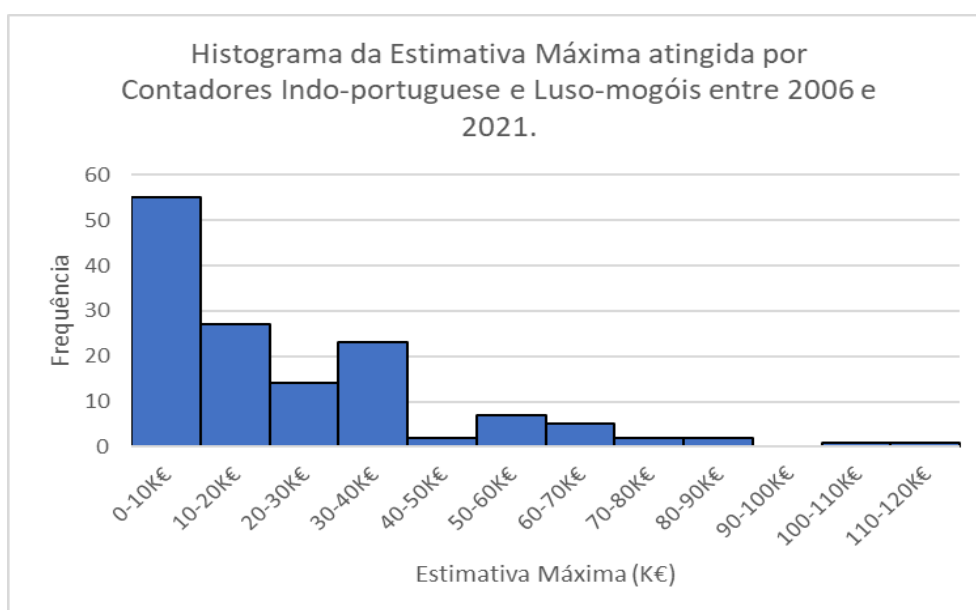


Figura 4.2. Histograma da estimativa máxima dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021.

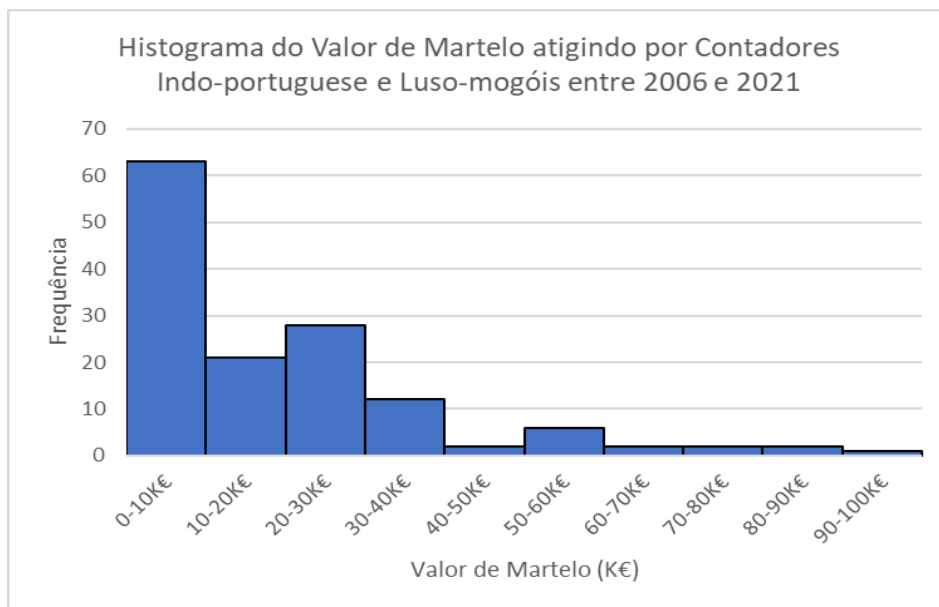


Figura 4.3. Histograma do valor de martelo atingido por contadores indo-portugueses e luso-mogóis entre 2006 e 2021.

4.2. Distribuição e avaliação temporal

Ao analisarmos os dados associados ao mês em que os contadores indo-portugueses e luso-mogóis são colocados em leilão e vendidos (figuras 4.4. a 4.7.), podemos verificar que uma clara maioria de contadores vão à praça (39%) no último trimestre do ano. A seguir ao quarto trimestre, o segundo trimestre possui o maior número de contadores em leilão (26%), sendo este seguido pelo terceiro (18%) e primeiro trimestres (17%). Apesar de as leiloeiras não levarem a leilão nenhum contador durante o mês de agosto, dado que as leiloeiras portuguesas encerram ou já encerraram pelo menos parcialmente durante este mês, o terceiro trimestre revela-se superior ao primeiro apenas por um ponto percentual. A situação observada, quando analisamos os dados associados à venda de contadores durante os diferentes meses do ano, é bastante semelhante à análise de contadores presentes em leilão no mesmo período. O melhor trimestre para a venda e compra de contadores mantem-se o quarto (39%), sendo mais uma vez seguido pelo segundo trimestre (25%). Já o primeiro (19%) e o terceiro (17%) trimestres invertem a sua posição, ainda que somente com uma ligeira diferença percentual de dois pontos. Em ambas as análises o mês de dezembro revela-se como o melhor mês para vender/comprar um contador indo-português ou luso-mogol em leilão. Nacionalmente, isto deve-se ao facto de todas as leiloeiras realizarem leilões em dezembro, antes do final do ano e perto do Natal, uma época tradicional de compras. Internacionalmente, esta situação é justificada pelas duas

tradicionais grandes épocas de leilões serem junho e dezembro, onde as grandes casas leiloeiras inglesas fazem os seus principais leilões.

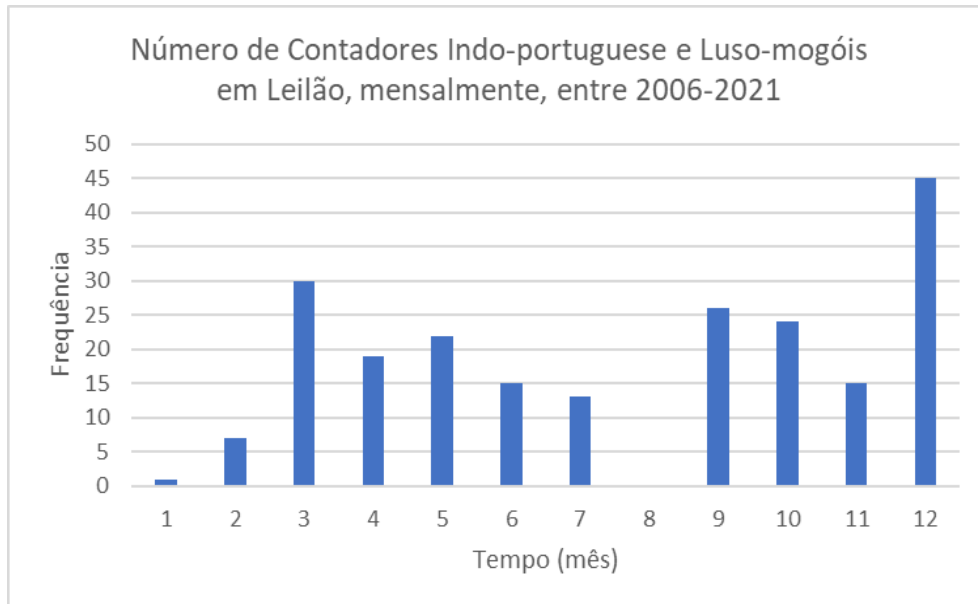


Figura 4.4. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão, mensalmente, entre 2006 e 2021.

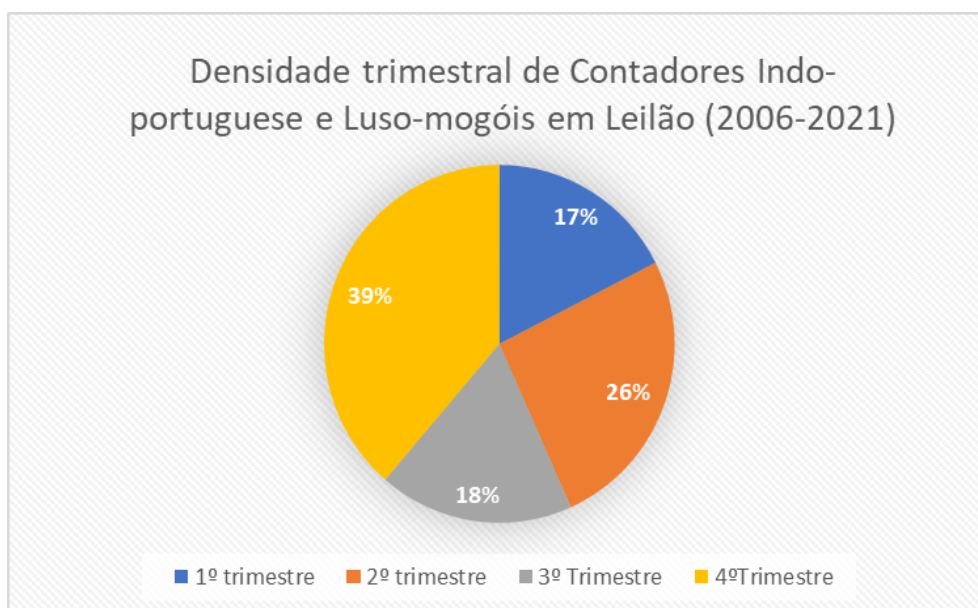


Figura 4.5. Densidade trimestral de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão entre 2006 e 2021.

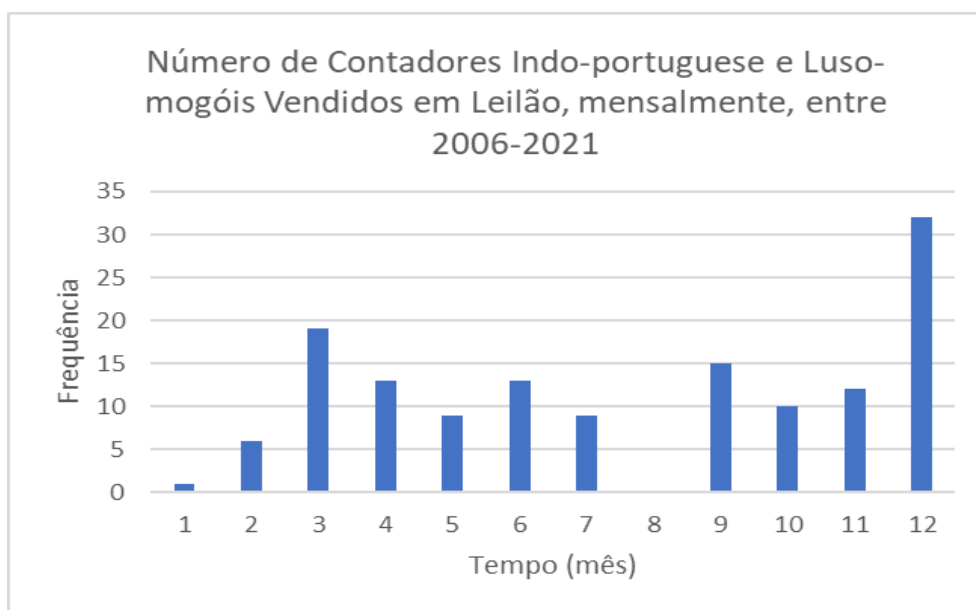


Figura 4.6. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos, mensalmente, em leilão, entre 2006 e 2021.

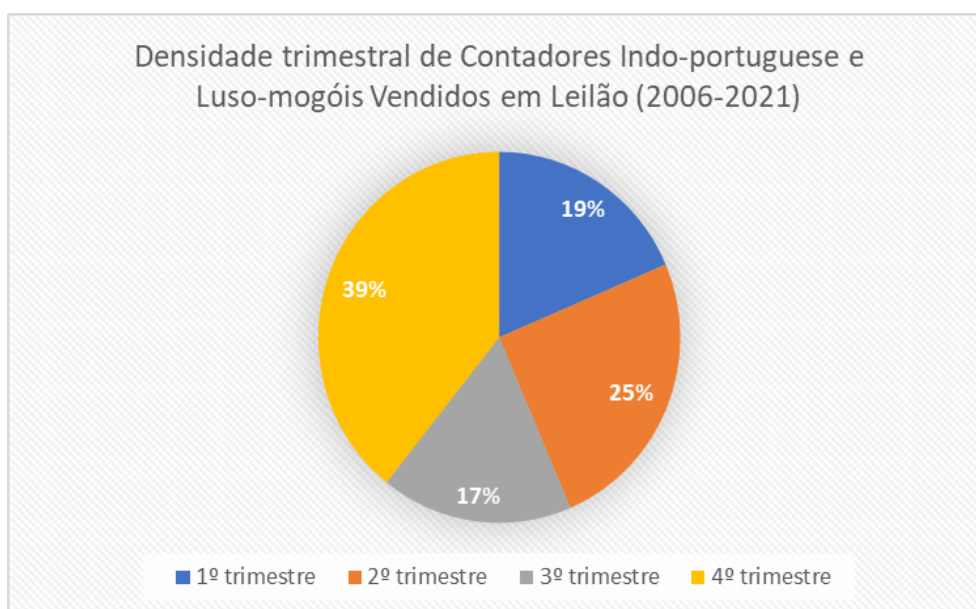


Figura 4.7. Densidade trimestral de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão entre 2006 e 2021.

De seguida iremos estudar a distribuição anual dos contadores indo-portugueses e lusomogóis dentro da baliza cronológica definida, entre 2006 e 2021 (figuras 4.8. a 4.10.). Para uma análise completa devemos compreender que, apesar de nos encontrarmos a examinar tanto dados nacionais como internacionais, o número de contadores apresentados em leilão no mercado português (182) é muito superior ao número de contadores apresentados em leilões internacionais (35). Deste modo, podemos afirmar que a conjuntura política, social, económica e cultural portuguesa será a mais significativa. Mais à frente, iremos analisar, comparativamente, o mercado leiloeiro nacional e o mercado leiloeiro internacional de modo a obtermos uma visão mais discriminatória entre os dois mercados.

Relativamente ao número de contadores colocados em leilão, entre 2006 e 2021, observamos uma ligeira, mas constante subida entre 2006 (cinco contadores) e 2008 (nove contadores). Em 2006 todos os contadores colocados em leilão foram vendidos, revelando a aparente estabilidade reparada no mercado leiloeiro. Este também foi o ano em que menos contadores entraram no mercado leiloeiro entre 2006 e 2021.

Entre 2007 e 2008 entram no mercado mais contadores devido à maior prosperidade observada no mercado leiloeiro internacional com fortes aumentos no valor e no volume de vendas, pertos dos 33 mil milhões de dólares, mas também devido à inundação do mercado leiloeiro português com mais peças de arte que em anos anteriores (Teixeira, 2012 pp. 40-42; McAndrew, 2018 p. 104). Curiosamente, em 2007 menos contadores foram vendidos que em 2006, todavia atingindo um valor superior em vendas, revelando, à revelia do mencionado anteriormente (subcapítulo 2.2.), um aumento no valor médio dos contadores.

Em 2008, mais contadores são levados a leilão e mais contadores são vendidos que em 2007, mas originando uma receita inferior. Esta inundação do mercado com novas peças poderá ter sido uma consequência da crise global que se fez sentir no final de 2008. Vendedores à procura de liquidez, e colecionadores a aproveitarem o momento para adquirirem peças de arte que de outro modo dificilmente apareceriam no mercado e por preços para si favoráveis, possibilitam esta situação em que mais contadores são vendidos por valores inferiores. Devemos ainda ter em atenção que, a maioria dos contadores colocados em leilão foram vendidos, demonstrando que este período de maior euforia não assustou possíveis compradores. No ano seguinte, deparamo-nos com um ligeiro decréscimo no número de contadores a serem levados a leilão, assim como a serem vendidos. Esta situação estará associada à contração da economia mundial, sentida em Portugal de forma mais drástica. O mercado da arte como um todo sofreu uma queda de 44% em receitas entre 2007 e 2009 (McAndrew, 2018 p. 104).

Contudo, o valor de vendas atingindo nesse ano (2009) é superior ao de 2008, principalmente devido à venda de dois contadores (CML 92 e CML 95) por valores bastantes elevados pela CML.

A recuperação do mercado de arte internacional é sentida em 2010 com o aumento do número de contadores a serem levados a leilão, assim como vendidos nestes, apesar das suas receitas serem inferior às de 2009. Os contadores levados a leilão demonstram uma maior confiança dos vendedores nas leiloeiras, todavia os valores que alcançam revelam um mercado ainda em profunda recuperação.

Entre 2011 e 2012 a recuperação continua em todas as frentes com mais contadores a serem vendidos e as suas receitas a aumentarem igualmente. Nos finais de 2011 o governo português apresenta um pedido de resgate financeiro à *troika*. Esta situação ter-se-á sentido no mercado leiloeiro português em 2012 com a inundação do mercado com contadores de colecionadores à procura de liquidez, numa situação semelhante à observada em 2008. Apesar de neste ano se ter verificado o maior número vendas de contadores registadas neste estudo (18), também observamos que um número elevado de contadores não foi vendido quando colocado em leilão (12), revelando a precaução dos colecionadores quanto à fragilidade do mercado, tanto da arte como financeiro.

No ano de 2013, o número de contadores levados a leilão desce de trinta para somente dez, com os restantes valores a diminuírem também. A última referida inundação do mercado de contadores terá assustado os vendedores, visto que se a oferta aumenta e a procura se mantém ou mesmo diminui, os valores pelos quais os bens se vendem também diminuem. Este fator poderá ter alertado futuros vendedores para que os anos, após 2012, seriam uma má ocasião para colocarem os seus contadores em leilão, tendo-se denotado uma clara quebra também neste aspeto. A quebra observada deverá ser maioritariamente influenciada pelo mercado português, visto que neste período o mercado da arte internacional encontra-se em recuperação, não se observando quebras significativas.

No ano seguinte, os valores mantêm-se semelhantes aos de 2013, notando-se, contudo, um aumento no valor das vendas para esse ano. Assim, podemos concluir uma valorização dos contadores no mercado português. Devemos ainda ter em atenção que, 2014 foi um ano bastante forte no mercado internacional, sendo mesmo equiparado a 2007, portanto, este crescimento também poderá influenciar a valorização dos contadores no mercado da arte (McAndrew, 2018 p. 104).

A partir de 2015, após a saída da *troika* de Portugal, observamos um crescimento do número de contadores no mercado leiloeiro, assim como das suas vendas, verificando-se uma estabilização do mercado entre 2015 e 2019. Neste ano, o mercado internacional leiloeiro diminuiu as suas vendas em 9% (comparativamente ao ano anterior) (McAndrew, 2017 p. 96). Todavia, esta quebra sente-se principalmente graças à existência de um menor volume de lotes com preço mais elevado em leilão, estando os contadores indo-portugueses e luso-mogóis fora desta categoria.

Na generalidade, 2016 revela uma ligeira quebra nos valores, sendo estes influenciados por um crescimento lento da economia global. Apesar do início do ano ser promissor, esta tendência é revertida graças a fracos investimentos, pressões deflacionárias, e instabilidade geopolítica e económica associada ao Brexit, às eleições americanas e mesmo à coligação PS/PCP/Bloco de Esquerda/Os Verdes mencionada anteriormente (subcapítulo 2.2.) (McAndrew, 2017 pp. 220-221).

Em 2017, com o fortalecimento, tanto da economia nacional como da economia internacional, denotamos um fortalecimento do mercado leiloeiro no que toca aos contadores, com mais contadores em leilão e mais vendas a serem efetuadas, atingindo-se o valor mais elevado de receitas no período estudado (McAndrew, 2018 pp. 264-266).

No intervalo de tempo, entre 2016 e 2018, o número de contadores e as suas vendas mantêm-se muito semelhantes, denotando-se uma ligeira descida nas receitas em 2018. O aumento na desigualdade de riqueza fez com que, desde 2007, a grande maioria das transações até um milhão de dólares tivessem diminuído de valor (McAndrew, 2018 p. 104). O crescimento económico mais lento, graças à guerra comercial entre os EUA e a China, os crescentes receios de inversão da globalização, com um possível recuar para políticas nacionais protecionistas, e o caos político e económico associado ao Brexit (McAndrew, 2019 pp. 313-314) terão igualmente contribuído para uma redução de investimento generalizado e consecutivamente para a redução do valor atingido pelas transações de contadores.

Em 2018, os contadores colocados em leilão foram vendidos por preços inferiores aos dos anos anteriores, o que poderá ter preocupado potenciais vendedores impedindo-os de colocarem contadores em leilão em 2019. Este medo poderá estar igualmente relacionado com o ambiente de incerteza geopolítico e económico observado no mundo nesse ano (guerras comerciais entre os EUA e a China, agitação política e social em Hong Kong e a saída do Reino Unido da União Europeia). Apesar de este parecer não ter perturbado os compradores, terá feito com que muitos vendedores escolhessem vender de forma privada os seus bens (McAndrew, 2020 p. 126). Com

uma oferta a diminuir, mas com uma procura aparentemente semelhante, o valor total de vendas atingido superou o apresentado no ano de 2018.

Em 2020, devido à pandemia COVID-19, constatamos uma clara quebra no mercado leiloeiro, com o mercado leiloeiro internacional a perder 30% do valor das suas vendas, comparativamente com 2019, sendo o momento mais baixo da década. Apesar da existência de compradores, os vendedores não consideraram o mercado estável para colocar as suas peças em leilão causando um declínio nas vendas e na liquidez do mercado. Portanto, um dos maiores efeitos que se fizeram sentir devido à pandemia foi a redução na oferta de peças para leilão, com todas as grandes leiloeiras admitirem uma redução em vendas, em 2020. A pandemia obrigou ao cancelamento da maioria dos leilões presenciais em todo o mundo, tendo sido vendidos menos lotes em leilão, em 2020. Em todos os grupos etários denotou-se pouca indicação de que a pandemia havia alterado o nível de preços em que os colecionadores negociavam, existindo evidências de uma parcela ligeiramente maior de colecionadores a comprarem peças de valores mais elevados (McAndrew, 2021 pp. 102-107 e 303).

Já no ano seguinte, uma perceptível recuperação do mercado revelou-se. Todas as categorias analisadas subiram entre 2020 e 2021. O mercado recuperou, principalmente com a venda de peças de valores mais elevados, mas também graças a um influxo de novos compradores. O volume de lotes em leilão aumentou em 2021, assim como o seu valor (mas de forma menos evidente) (McAndrew, 2022 p. 122). Contudo, observamos um maior número de contadores a não ser vendido, relativamente àqueles que foram vendidos, revelando assim potenciais preocupações para a venda futura de contadores indo-portugueses e luso-mogóis. Acentuou-se a diferença de desigualdade de riqueza. As tendências de aumento desta desigualdade também poderão resultar num mercado mais restrito, onde grande parte do seu desempenho se concentra no topo, tornando-o suscetível a certos riscos e limitações (McAndrew, 2020 p. 272).

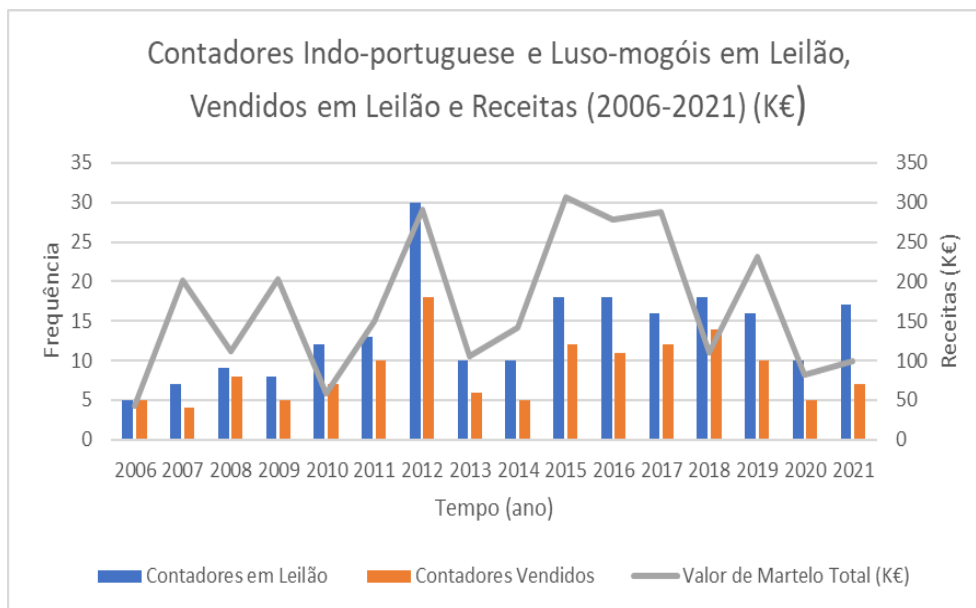


Figura 4.8. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão anualmente entre 2006 e 2021. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão anualmente entre 2006 e 2021. Receitas (k€) dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão entre 2006 e 2021.

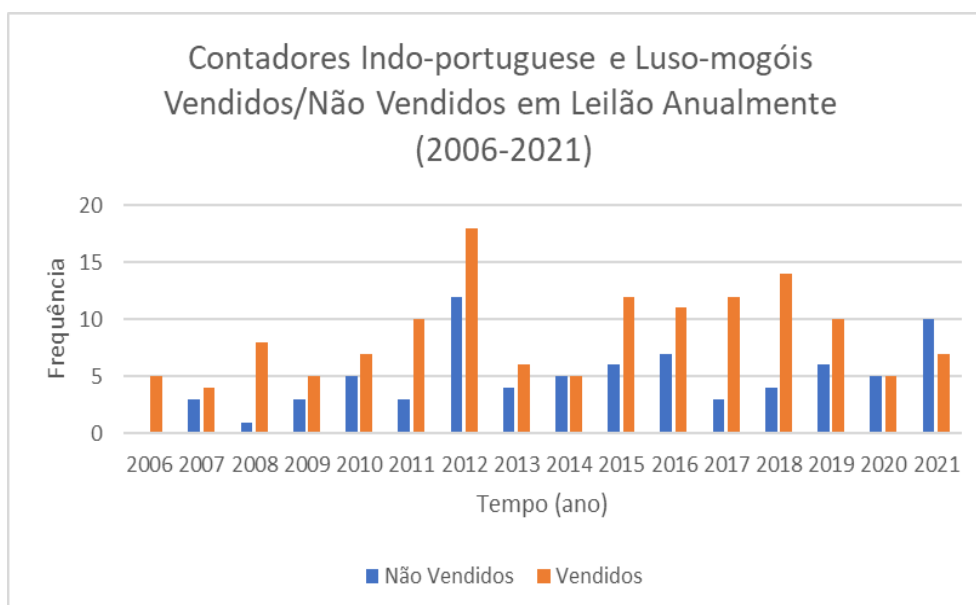


Figura 4.9. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis «vendidos/não vendidos» em leilão anualmente entre 2006 e 2021.

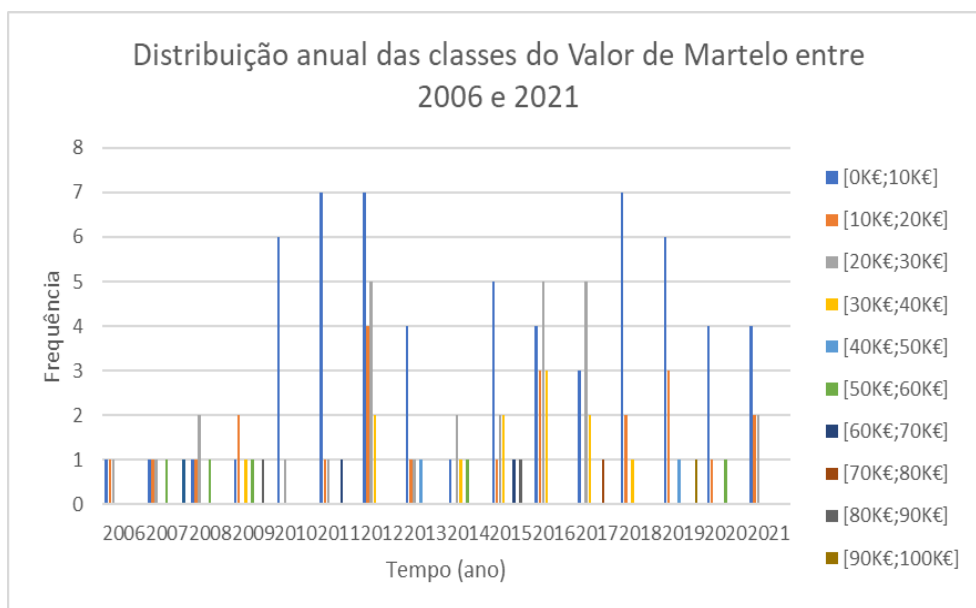


Figura 4.10. Distribuição anual das classes do valor de martelo entre 2006 e 2021.

4.3. Avaliação qualitativa dos atributos a considerar

No que toca à influência indiana ou mogol patente nos contadores (figura 4.11.) observamos que, mais de 60% são indo-portugueses, sendo que constatamos um ligeiro decréscimo quando estes são vendidos, ainda assim superando as vendas de contadores luso-mogóis. Todavia, devemos reparar que apesar de serem relativamente menos vezes colocados em leilão, os contadores luso-mogóis, quando colocados em leilão, são vendidos com mais frequência (75%) que os contadores indo-portugueses (58%). O valor médio de martelo de cada categoria é bastante semelhante, com os contadores indo-portugueses mais uma vez a superarem ligeiramente os contadores luso-mogóis. Como seria de esperar, após a análise dos dados anteriores, o total de receitas arrecadadas em leilão pelos contadores indo-portugueses é superior.

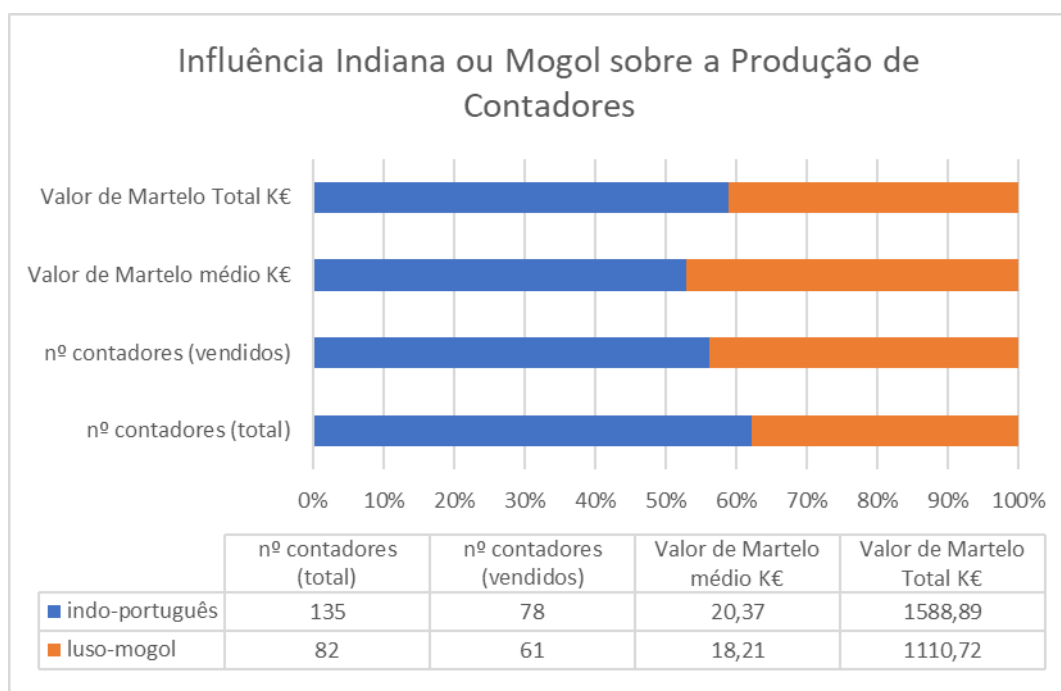


Figura 4.11. Influência indiana ou mogol sobre produção de contadores.

Passando agora a analisar e discutir o formato dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis (figura 4.12). Antes de mais, devemos mencionar a inexistência de contadores de estrado com portas e com trempe nesta amostra. Quando primeiro observamos o gráfico, a clara predominância dos contadores de chão sem portas é evidente. Estes possuem o maior número de contadores colocados em leilão, assim como o maior número de contadores vendidos, sendo igualmente os que mais contribuíram para o valor total de vendas de contadores nos últimos dezasseis anos. Contudo, notamos que os contadores de estrado sem portas e possuindo trempe atingem um valor médio superior em leilão que os restantes formatos, apesar de serem vendidos menos frequentemente (20%)¹⁹. Depois dos contadores de chão sem portas, os contadores de estrado sem portas e sem trempe, e os contadores de mesa sem portas são os que se destacam, visto serem colocados em leilão e serem vendidos com mais frequência que os seus pares (69% e 73% respetivamente), contribuindo deste modo de uma forma mais significativa para as receitas realizadas pelos contadores dos seus formatos, já que a média de cada contador vendido não é particularmente elevada. Nesta categoria devemos ainda focar-nos nos contadores de

¹⁹ Esta análise é feita tendo em conta apenas um único contador de estrado sem portas e possuindo trempe que atingiu valor de martelo em leilão entre 2006 e 2021.

capela que, apesar de serem levados a leilão com menor frequência, o valor médio pelo qual são vendidos é bastante relevante, ficando somente atrás dos contadores de chão com portas e dos contadores de estrado sem portas com trempe.

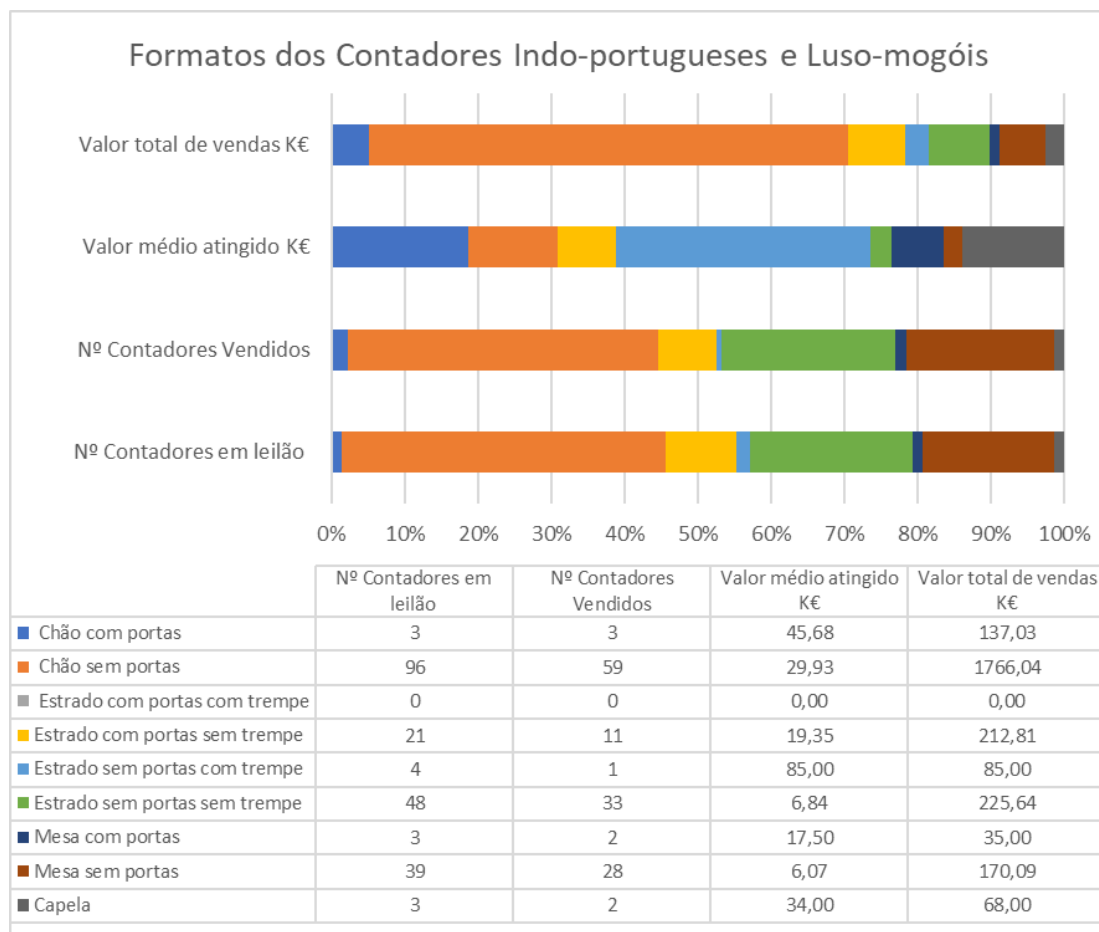


Figura 4.12. Formatos dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.

Na apreciação dos dados associados ao material utilizado nas ferragens dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis (figura 4.13.), tornou-se necessária a utilização do termo «Outros», visto que em muitas das descrições dos contadores, feitas pelas leiloeiras, estas se limitaram a designar as ferragens apenas como de metal. Portanto, será provável que, dentro desta categoria possam estar incluídos contadores com ferragens em latão, cobre, ferro ou mesmo prata ou ouro, mas que não nos foi possível contabilizar. Ao iniciarmos esta análise testemunhamos uma preeminência de ferragens em cobre, tanto nos contadores levados a leilão, como no número total de contadores vendidos. São ainda as ferragens em cobre que mais contribuem para as receitas obtidas. Todavia os contadores com ferragens em latão possuem um valor médio superior aos anteriores. O ferro é notoriamente utilizado de forma mais

conservadora sendo, igualmente menos valioso que o os restantes metais, quando observado o valor médio atingido por cada contador em leilão.

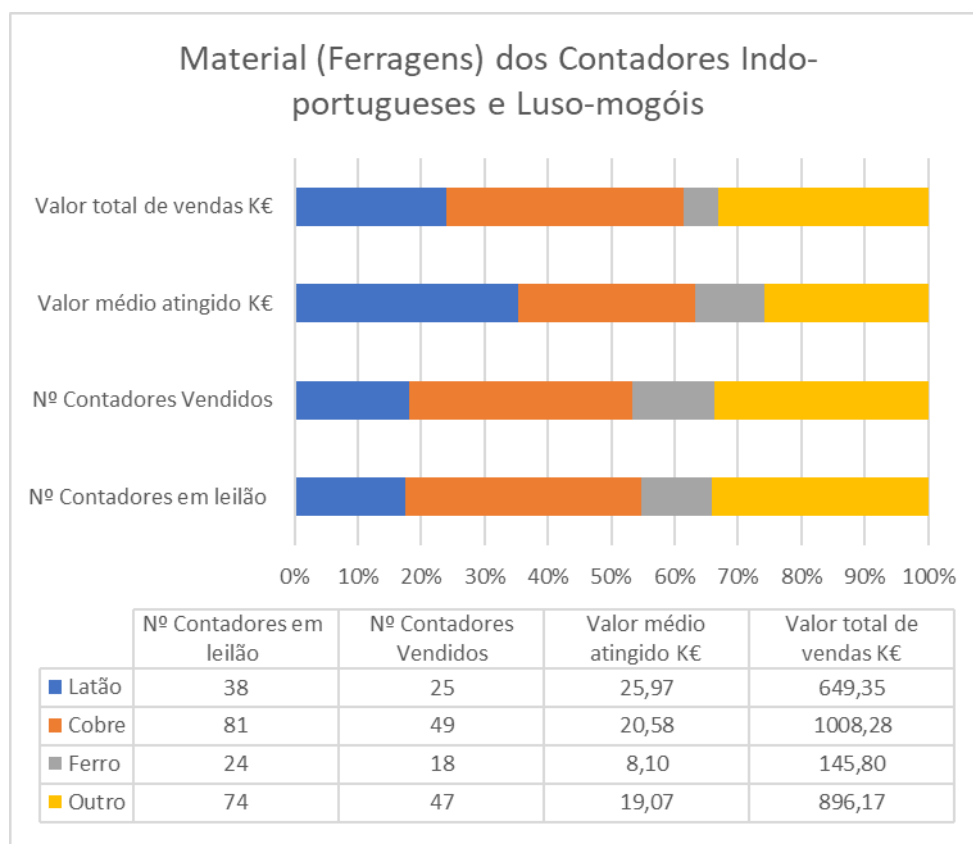


Figura 4.13. Material (ferragens) dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.

Relativamente ao material do qual os contadores são maioritariamente decorados (figura 4.14.) devemos esclarecer que o termo «Outros» se refere a contadores decorados a sândalo, ou pela decoração ser meramente descrita como madeira. Numa primeira observação, conseguimos facilmente notar a importância da teca para a decoração dos contadores. Este material supera os restantes no número de contadores colocados em leilão, assim como no valor de receitas atingindo através do mesmo. Já os contadores decorados a ébano são vendidos com mais frequência quando colocados em leilão (75%), comparativamente com os contadores em teca (62%), sissó (63%) e tartaruga (60%), mas em menor frequência que os contadores decorados a marfim (100%). Deste modo podemos afirmar que o marfim tem sido considerado com o material mais estimado, sendo o ébano a madeira favorita dos colecionadores. Contudo, quando nos voltamos para o valor médio alcançado por cada contador em leilão, deparamo-nos

com valores algo semelhantes entre o ébano, o sissó e a tartaruga, encontrando-se a teca e o marfim ligeiramente abaixo dos mesmos.

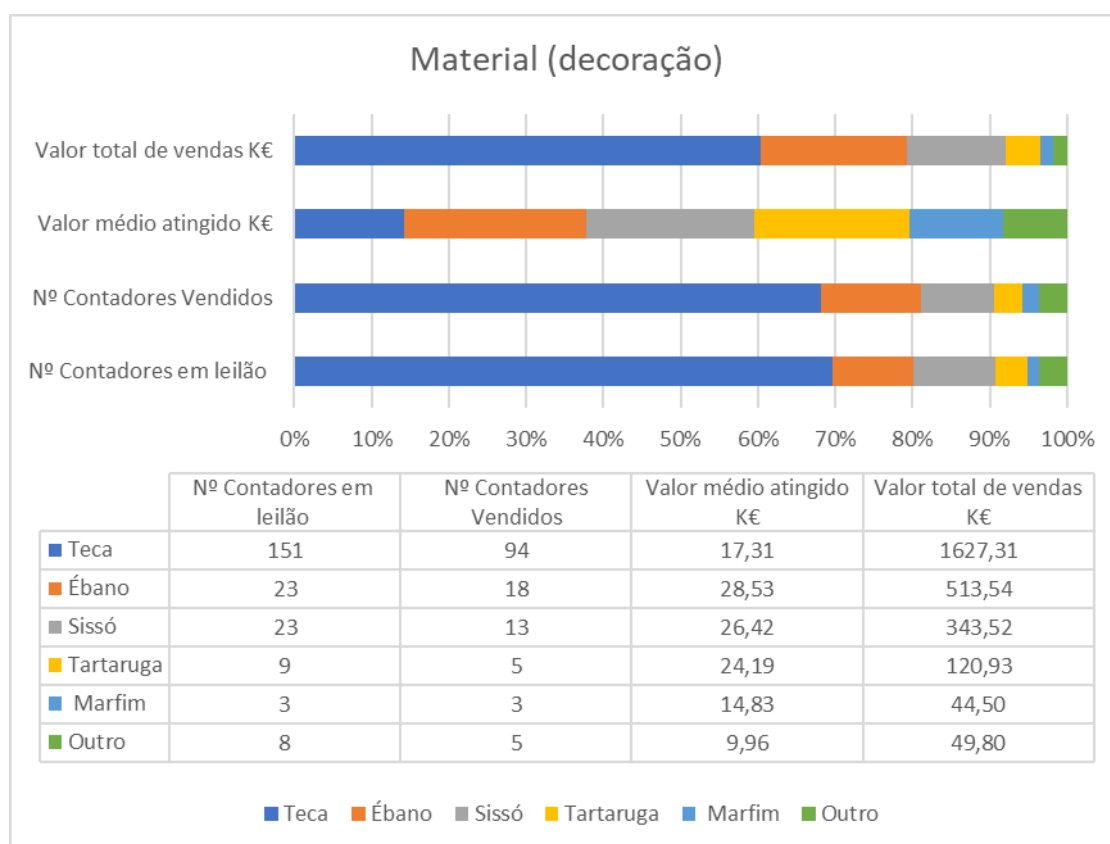


Figura 4.14. Material (decoreção) dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.

Relativamente à quantidade de decoreção observada nos contadores indo-portugueses e luso-mogóis (figura 4.15.) podemos observar a prevalência de uma decoreção caracterizada pelo *horror vacui* (nível 3) sobre as restantes. Tanto no que toca ao número de contadores em leilão, assim como à sua venda, valor médio de venda e receitas arrecadadas entre 2006 e 2021. Isto dever-se-á ao facto de os avaliadores colocarem maiores expectativas nos contadores de níveis de decoreção 3 e avaliarem-nos por valores proporcionalmente mais elevados. Os contadores de níveis de decoreção 1 (mínima) e 2 (intermédia) são bastante similares, denotando-se uma ligeira superioridade dos contadores de decoreção nível 2 em todas as categorias. Todavia, devemos notar que, tanto os contadores de nível 1 como os contadores de nível 2 são vendidos com mais frequência quando colocados em leilão (67% e 71% respetivamente) que os contadores de nível 3 (61%).

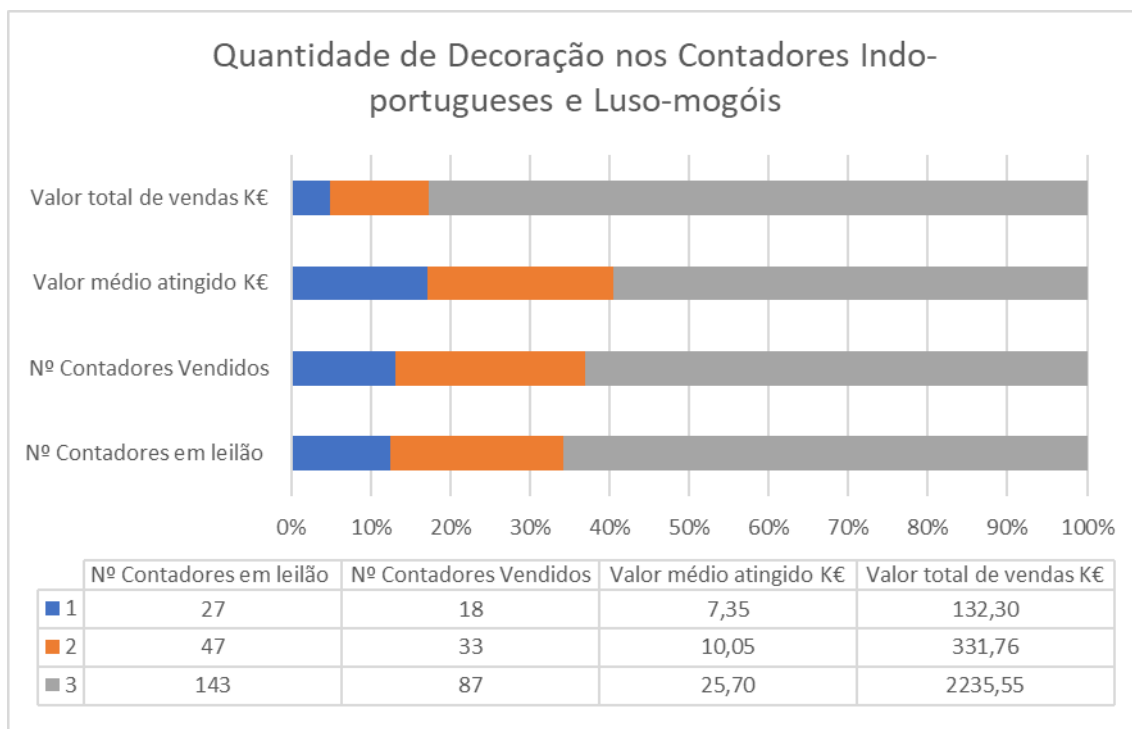


Figura 4.15. Quantidade de decoração nos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.

Quando examinamos os dados referentes aos contadores divididos por séculos (figura 4.16.) deparamo-nos com o predomínio dos contadores do século XVII sobre os restantes. Somente quando observamos o valor médio arrecadado por cada contador aquando da sua venda denotamos uma maior proporcionalidade entre os valores. Enquanto os contadores dos séculos XVII, XVII/XVIII e XVIII lideram os valores médios atingidos, os contadores dos séculos XVI e XVI/XVII ficam um pouco atrás.

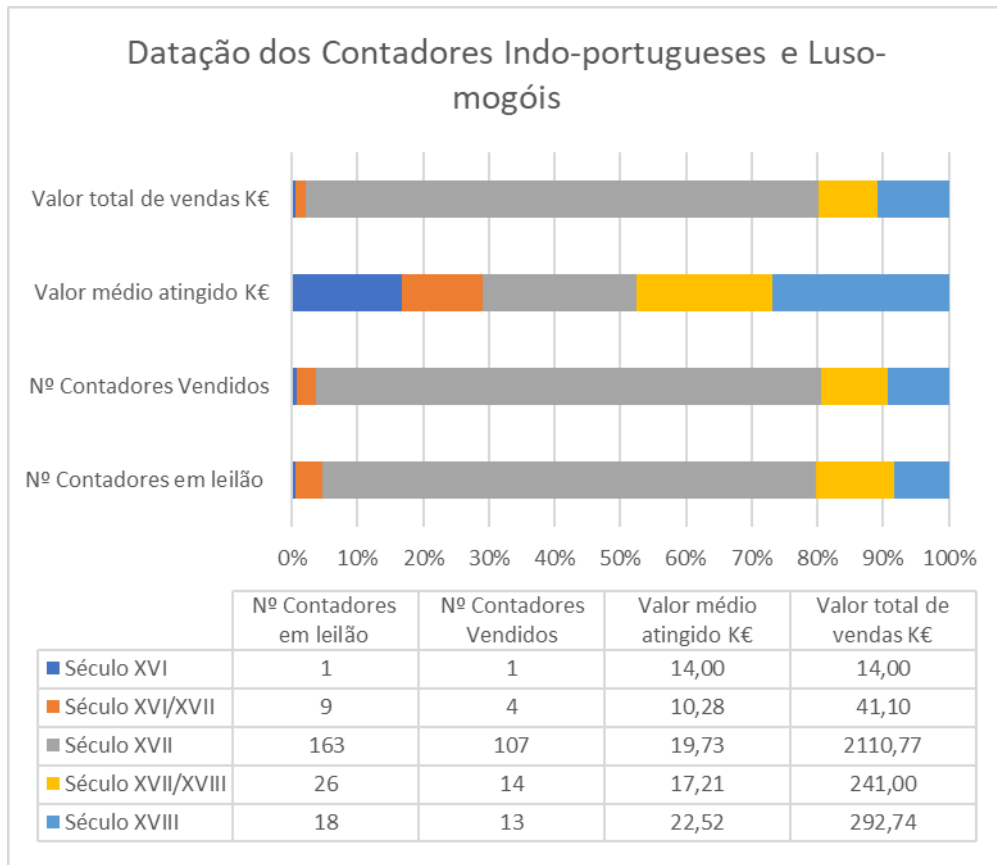


Figura 4.16. Datação dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis.

Finalmente, a regressão não paramétrica adotada (Cleveland, 1979; Härdle, 1990), com o valor de martelo como variável dependente (€) e os atributos considerados, codificados em classes, como variáveis explicativas, permitiu uma avaliação multivariada de todos os atributos considerados revelando, através da análise dos resíduos obtidos, padrões para os valores de martelo que se passam a discutir de seguida. Para claridade da análise, entende-se como resíduo a diferença entre o valor de martelo real e o valor predito pela regressão. Desta forma, quanto menor for o resíduo associado à estimativa do Valor de Martelo de um qualquer contador, maior é a associação entre o seu Valor de Martelo real e o seu Valor de Martelo estimado. Assim, maior é a explicação, ou contributo, das variáveis explicativas consideradas, para o real Valor de Martelo obtido. Consequentemente, resíduos positivos indicam um Valor de Martelo real superior ao que seria esperado, tendo em conta os atributos em estudo, e resíduos negativos um Valor de Martelo real inferior ao espectável.

Quando examinamos a estimativa do Valor de Martelo, tendo em conta as variáveis explicativas consideradas (figura 4.17 e tabela 4.1.), é notório que, para a maioria dos contadores em análise, a relação é bastante forte, verificando-se a existência de cerca de doze

contadores que, estatisticamente se caracterizam como valores anómalos severos (outliers), associados a resíduos, positivos ou negativos, consideráveis, ou seja, para a maioria dos contadores em análise é possível encontrar uma forte relação entre o Valor de Martelo associado e os atributos estudados, relevando consequentemente valores residuais baixos. No que respeita ao Valor de Martelo dos contadores com comportamento outlier, poderemos concluir que não existe essa relação, e que, eventualmente, as características que definiram os Valor de Martelo que lhes estão associadas serem outras que não as agora consideradas.

Numa tentativa de compreender que outros atributos poderão justificar o comportamento dos contadores outliers verificamos que a grande maioria dos contadores vendidos acima do valor estimado foram à praça através de leiloeiras internacionais. Deste modo, poderemos afirmar que os contadores valorizam quando colocados em leilão fora de Portugal. O único contador vendido em Portugal que se integra neste grupo (CML92) foi vendido em 2009, em plena crise económica, quando o comportamento do mercado foi atípico. Em desenvolvimentos futuros serão estudados separadamente este conjunto de contadores visando a identificação dos atributos explicativos dos Valor de Martelo associados. No que respeita aos contadores outliers abaixo da previsão referem-se aqueles que foram à praça, mas não foram vendidos, não tendo assim valor de martelo, mas que para o estudo estatístico foram considerados os valores de estimativa mínima a leilão. Poderemos, deste modo, conjecturar que estes contadores terão sido colocados em leilão com uma estimativa mínima demasiado elevada, fazendo desinteressar os seus potenciais compradores.

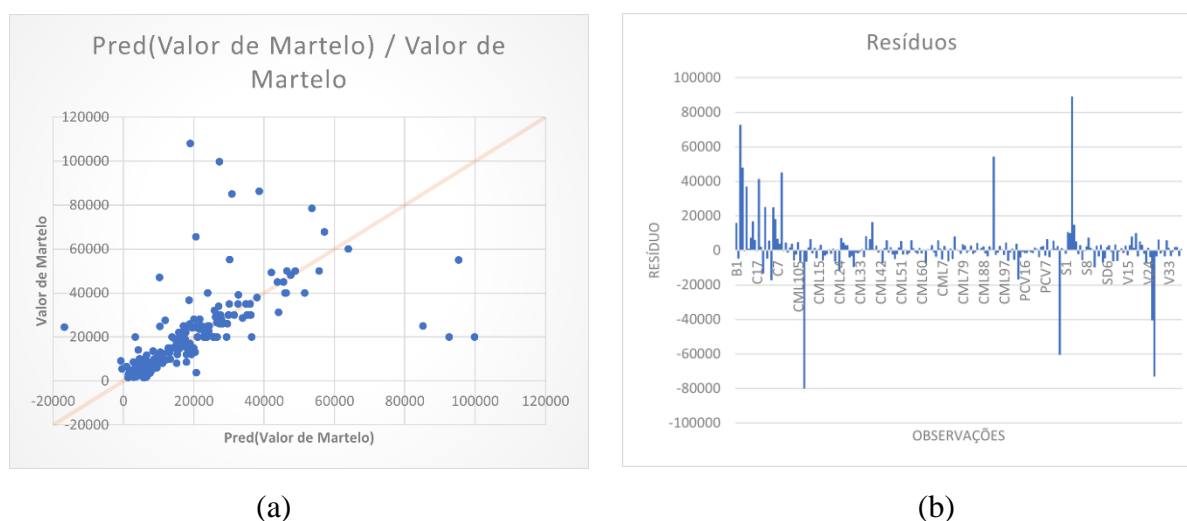


Figura 4.17. a) Diagrama de dispersão e reta ajustada por LOWESS (Locally Weighted Scatterplot Smoothing) e b) Representação dos resíduos associados à estimativa do valor de martelo dos contadores analisados.

Tabela 4.1. Valores de martelo, valores de martelo preditos e resíduos associados a cada contador analisado, ordenados pelos valores crescentes dos resíduos.

Observações	Valor de Martelo (€)	Predição (Valor de Martelo) (€)	Resíduos (€)
CML108	20000,000	99860,479	-79860,479
V27	20000,000	92671,976	-72671,976
R5	25000,000	85242,539	-60242,539
V26	55000,000	95356,188	-40356,188
C4	3750,000	20720,958	-16970,958
PCV13	20000,000	36505,698	-16505,698
C2	31075,000	44184,600	-13109,600
CML24	40000,000	51599,694	-11599,694
SD11	8500,000	17968,999	-9468,999
CML30	20000,000	29432,228	-9432,228
CML62	13000,000	20399,971	-7399,971
V23	12000,000	19352,541	-7352,541
CML43	8000,000	15115,828	-7115,828
SD4	20000,000	26688,801	-6688,801
CML109	40000,000	46321,219	-6321,219
CML22	30000,000	36288,224	-6288,224
SD9	30000,000	35980,993	-5980,993
CML72	12000,000	17977,821	-5977,821
CML106	40000,000	45977,538	-5977,538
V10	20000,000	25830,879	-5830,879
CML99	20000,000	25742,537	-5742,537
CML103	50000,000	55664,821	-5664,821
CML17	20000,000	25645,446	-5645,446
S6	28500,000	33873,501	-5373,501
PCV11	30000,000	35242,765	-5242,765
CML7	15000,000	19978,191	-4978,191
CML49	1800,000	6602,378	-4802,378
CML74	1600,000	6381,122	-4781,122
B3	2068,000	6690,317	-4622,317
C21	1417,500	5838,287	-4420,787
CML14	15000,000	19390,383	-4390,383
SD5	1500,000	5774,571	-4274,571
CML29	3600,000	7566,635	-3966,635
PCV14	60000,000	63960,702	-3960,702
CML35	20000,000	23733,397	-3733,397
PCV9	20000,000	23733,397	-3733,397
PCV4	26000,000	29580,853	-3580,853
V25	6000,000	9575,029	-3575,029
CML67	12000,000	15387,131	-3387,131

V31	10000,000	13293,295	-3293,295
V2	8000,000	11196,571	-3196,571
V28	15000,000	18183,251	-3183,251
SD2	5000,000	8163,781	-3163,781
CML9	16000,000	19152,244	-3152,244
V4	15000,000	18063,380	-3063,380
CML3	20000,000	23021,804	-3021,804
V8	20000,000	22931,951	-2931,951
CML18	4000,000	6820,197	-2820,197
PCV7	6500,000	9271,062	-2771,062
V15	9500,000	12132,352	-2632,352
CML97	3000,000	5317,035	-2317,035
CML93	3000,000	5233,577	-2233,577
CML104	26000,000	28199,310	-2199,310
CML48	26000,000	28199,310	-2199,310
CML52	3000,000	5158,317	-2158,317
CML54	5000,000	7077,561	-2077,561
S4	16934,400	18929,727	-1995,327
CML19	22500,000	24334,874	-1834,874
CML5	2000,000	3798,129	-1798,129
CML83	9000,000	10611,440	-1611,440
CML20	5000,000	6578,561	-1578,561
CML78	5000,000	6578,561	-1578,561
S1	13920,000	15497,636	-1577,636
V22	16000,000	17569,853	-1569,853
CML59	30000,000	31567,719	-1567,719
V3	8500,000	10005,003	-1505,003
CML32	10000,000	11466,038	-1466,038
CML60	22000,000	23423,138	-1423,138
CML89	5800,000	7202,021	-1402,021
CML12	1600,000	2980,702	-1380,702
PCV17	26000,000	27295,571	-1295,571
CML80	5000,000	6224,099	-1224,099
CML55	22000,000	23186,466	-1186,466
PCV2	1800,000	2984,783	-1184,783
V13	20000,000	21168,535	-1168,535
PCV16	15000,000	16144,688	-1144,688
CML100	22000,000	23098,467	-1098,467
CML46	27000,000	28059,294	-1059,294
PCV1	2000,000	3052,939	-1052,939
CML94	20000,000	21043,847	-1043,847
CML31	35000,000	36022,223	-1022,223
CML66	35000,000	36022,223	-1022,223

CML41	6000,000	6995,740	-995,740
CML84	4000,000	4901,892	-901,892
PCV19	15500,000	16386,304	-886,304
CML58	3800,000	4522,072	-722,072
SD8	3100,000	3691,950	-591,950
V5	45000,000	45570,595	-570,595
PCV15	4000,000	4554,509	-554,509
CML33	2300,000	2818,770	-518,770
V11	8000,000	8347,660	-347,660
CML107	13000,000	13227,933	-227,933
C17	6150,000	6366,639	-216,639
PCV18	4200,000	4376,647	-176,647
CML1	15000,000	15085,852	-85,852
S7	26550,000	26630,389	-80,389
CML81	15000,000	15076,716	-76,716
V30	15000,000	15053,019	-53,019
C11	37950,000	37983,430	-33,430
CML77	6000,000	6005,529	-5,529
CML4	2800,000	2777,581	22,419
CML76	9500,000	9470,423	29,577
SD10	15000,000	14955,075	44,925
CML23	30000,000	29936,512	63,488
CML53	30000,000	29936,512	63,488
CML91	30000,000	29936,512	63,488
CML61	28000,000	27919,278	80,722
CML63	28000,000	27919,278	80,722
CML64	13000,000	12913,426	86,574
CML2	15000,000	14891,175	108,825
CML86	15000,000	14891,175	108,825
R7	1500,000	1375,165	124,835
CML71	35000,000	34874,095	125,905
CML96	35000,000	34874,095	125,905
R1	4000,000	3718,593	281,407
CML42	3000,000	2665,686	334,314
PCV3	48000,000	47576,678	423,322
CML37	11500,000	11004,165	495,835
CML15	2000,000	1443,737	556,263
V9	8500,000	7928,044	571,956
CML34	25000,000	24375,310	624,690
C13	16912,500	16271,889	640,611
CML21	3900,000	3166,359	733,641
CML69	6500,000	5764,065	735,935
PCV10	6500,000	5738,337	761,663

CML73	5500,000	4674,686	825,314
R3	2500,000	1663,298	836,702
CML44	3200,000	2313,931	886,069
V12	12000,000	11009,721	990,279
CML57	10000,000	8969,548	1030,452
R6	25000,000	23953,531	1046,469
CML13	16000,000	14891,071	1108,929
CML6	50000,000	48879,543	1120,457
CML87	7500,000	6373,694	1126,306
V18	28000,000	26856,193	1143,807
V33	45000,000	43852,047	1147,953
SD1	10000,000	8784,269	1215,731
V24	3700,000	2425,955	1274,045
CML101	12500,000	11185,815	1314,185
CML50	5200,000	3785,642	1414,358
PCV20	7000,000	5514,700	1485,300
CML11	19000,000	17512,269	1487,731
SD6	3000,000	1462,157	1537,843
V7	5500,000	3922,393	1577,607
V6	15000,000	13330,403	1669,597
CML47	4000,000	2323,213	1676,787
PCV5	4200,000	2343,594	1856,406
C19	12000,000	10069,651	1930,349
S8	23600,000	21637,609	1962,391
CML90	6000,000	4009,459	1990,541
CML88	6000,000	3977,146	2022,854
PCV6	15000,000	12777,215	2222,785
CML70	8500,000	6269,760	2230,240
R4	5000,000	2644,708	2355,292
CML95	30000,000	27639,245	2360,755
V14	35000,000	32610,379	2389,621
CML82	8500,000	6092,147	2407,853
CML8	9000,000	6522,018	2477,982
CML40	13000,000	10494,050	2505,950
SD12	30000,000	27421,865	2578,135
SD7	9000,000	6393,749	2606,251
S5	6000,000	3355,720	2644,280
CML65	18000,000	15324,071	2675,929
V16	25000,000	22294,711	2705,289
CML27	29000,000	26288,066	2711,934
CML28	29000,000	26288,066	2711,934
CML16	6500,000	3621,817	2878,183
V21	24000,000	20981,684	3018,316

SD3	6500,000	3463,949	3036,051
V1	5000,000	1755,846	3244,154
CML79	9000,000	5603,949	3396,051
CML102	50000,000	46484,086	3515,914
PCV12	20000,000	16469,928	3530,072
C8	7625,000	3994,510	3630,490
CML85	9500,000	5491,197	4008,803
CML98	25000,000	20853,353	4146,647
CML26	22000,000	17707,193	4292,807
CML10	19000,000	14655,184	4344,816
CML105	24000,000	19624,307	4375,693
V20	35000,000	30171,896	4828,104
S3	11600,000	6642,331	4957,669
CML51	13500,000	8433,934	5066,066
R2	10000,000	4737,362	5262,638
C3	9887,500	4547,286	5340,214
CML56	23000,000	17485,270	5514,730
CML68	23000,000	17424,794	5575,206
V32	6500,000	905,597	5594,403
CML45	8500,000	2872,816	5627,184
C16	5381,250	-376,181	5757,431
V29	32000,000	25965,213	6034,787
CML110	20000,000	13854,238	6145,762
PCV8	22000,000	15776,718	6223,282
CML38	28000,000	21767,248	6232,752
C7	39040,000	32701,077	6338,923
CML25	34000,000	27079,180	6920,820
C14	25830,000	18800,310	7029,690
S9	49200,000	42066,636	7133,364
V17	25000,000	17238,316	7761,684
CML75	25000,000	17140,973	7859,027
CML36	28000,000	20063,935	7936,065
V19	9000,000	-663,294	9663,294
S11	14000,000	4256,099	9743,901
S10	67677,500	57202,189	10475,311
S2	24847,200	10359,411	14487,789
B1	27531,000	11899,745	15631,255
CML39	40000,000	23945,052	16054,948
C15	19987,500	3355,834	16631,666
C6	36600,000	18673,000	17927,000
C5	78375,000	53678,100	24696,900
C20	55160,000	30294,117	24865,883
C12	47100,000	10305,692	36794,308

C18	24375,000	-16747,685	41122,685
C9	65550,000	20681,904	44868,096
C10	86250,000	38640,827	47609,173
CML92	85000,000	30913,996	54086,004
C1	99750,000	27293,062	72456,938
S12	108001,460	19036,227	88965,233

4.4. Mercado nacional vs mercado internacional

Na análise dos contadores vendidos em Portugal contra os vendidos internacionalmente (figuras 4.18. a 4.20.) devemos fazer a ressalva que, nesta dissertação, enquanto o mercado leiloeiro português é representado por 182 contadores, o mercado leiloeiro internacional é somente representado por 35 contadores. Deste modo, entende-se como o mercado português se encontra melhor caracterizado relativamente ao internacional. Se apenas um contador for adquirido num determinado ano fora de Portugal, provavelmente, este não será suficiente para caracterizar de uma forma clara o mercado em que se insere, assim como os eventos que possam ter condicionado a sua aquisição.

Advertidos pelo que anteriormente se diz, denotamos logo no ano de 2006 a inexistência de contadores presentes em leilões internacionais. Relativamente aos contadores em leilões portugueses observamos uma ligeira, mas constante subida entre 2006 e 2007 tanto no número de contadores em leilão, como no número de vendas e nas receitas que estes alcançaram.

Em 2007 e 2008 mais contadores entram no mercado tanto nacional como internacional, em comparação com 2006. Este aumento em contadores vendidos é influenciado pela inundação do mercado leiloeiro português com mais peças de arte que em anos anteriores (Teixeira, 2012 pp. 40-42).

Em 2008, Portugal mantém a sua trajetória de receitas, enquanto internacionalmente, o único contador no mercado é vendido e arrematado por um valor inferior aos do ano anterior, provavelmente por ser um contador de mesa (C21), com uma decoração nível 1, adornado somente com filetes de marfim nas extremidades.

No ano seguinte, observamos um decréscimo no número de contadores a serem levados à praça em Portugal, não sendo este sentido no mercado leiloeiro internacional. Apesar de, em Portugal, o número de contadores vendidos se manter igual a 2008, observamos que as receitas aumentam, sendo justificadas através da venda de dois contadores por valores bastantes

elevados pela CML (CML 92 e CML 95). Internacionalmente as transações aumentam, assim como as receitas, não se denotando consequências da crise global de 2008.

2010 revela um aumento do número de contadores a serem levados a leilão e de contadores vendidos, com o valor a baixar comparativamente a 2009.

Em 2011, observamos o mercado leiloeiro português a continuar a recuperar, com o mercado internacional a levar a leilão e a vender menos contadores que no ano anterior, todavia alcançando melhores receitas.

Nos finais de 2011, o governo português apresenta um pedido de resgate financeiro à *troika*. Como anteriormente mencionado, esta situação ter-se-á sentido no mercado leiloeiro português, em 2012, com a inundação do mercado com contadores de vendedores à procura de liquidez. Este é o ano que revela dados mais elevados no que toca ao número de contadores em leilão, número de contadores a serem vendidos, e receitas alcançadas no mercado leiloeiro português entre 2006 e 2021. Já no mercado internacional continuamos a testemunhar a sua recuperação, com um maior número de contadores colocados em leilão e consecutivas vendas, apesar de se observar uma redução das receitas neste ano.

Em Portugal, no ano de 2013, devido à inundação do mercado com contadores no ano anterior, é notada uma clara quebra em todos os gráficos. A inundação do mercado poderá ter sinalizado futuros vendedores que os anos após 2012 seriam má altura para se colocar contadores em leilão, visto que, se a oferta aumentar e a procura se mantiver, o valor do item irá baixar. Neste período, o mercado da arte internacional encontra-se em recuperação, contrariando o ano anterior com menos contadores no mercado, mas com um número mais elevado de receitas a ser registado. Isto poderá demonstrar como a manutenção da procura, mas a redução da oferta poderá valorizar o preço dos contadores.

No ano seguinte, no mercado leiloeiro português, denotamos um sinal de recuperação com todos os gráficos a revelarem um aumento entre 2013 e 2014. Infelizmente, no mercado internacional não existiram contadores a ir à praça. Contudo, devemos ainda ter em atenção que 2014 foi um ano bastante forte no mercado internacional, sendo mesmo equiparado a 2007 (McAndrew, 2018 p. 104), portanto, podendo ser este um sinal de que a inexistência de contadores no mercado terá acontecido devido a um desinteresse dos colecionadores em vendê-los, e não num potencial decréscimo na sua procura.

A partir de 2015, após a saída da *troika* de Portugal, observamos um crescimento do número de contadores no mercado leiloeiro, assim como das suas vendas. Neste ano o mercado internacional leiloeiro diminui as suas vendas 9% (em comparação com o ano anterior).

Todavia, esta quebra sente-se principalmente graças à existência de um menor volume de lotes com preço mais elevado em leilão, estando os contadores indo-portugueses e luso-mogóis fora desta categoria (McAndrew, 2017 p. 96). Deste modo, observamos um crescimento desta parte do mercado, sendo mesmo o ano com maior volume de receitas entre 2006 e 2021.

Entre 2015 e 2019, verifica-se uma estabilização no que toca ao número de contadores colocados em leilão, tanto em Portugal como internacionalmente, revelando uma consolidação do mercado.

O ano de 2016 revela uma ligeira quebra no número de contadores vendidos internacionalmente, assim como das suas receitas, sendo estes influenciados por um crescimento lento da economia global e instabilidade geopolítica e económica associada ao Brexit e às eleições americanas. Já o mercado leiloeiro português, tem o segundo ano mais elevado em termos de vendas e suas receitas entre 2006 e 2021, demonstrando definitivamente a sua recuperação da crise de 2008.

Em 2017, com o fortalecimento da economia internacional, denotamos um fortalecimento do mercado leiloeiro internacional (McAndrew, 2018 pp. 264-266), com mais vendas, atingindo-se o segundo valor mais elevado de receitas feito em vendas de contadores entre 2006 e 2021. Em Portugal, observamos o mercado a baixar ligeiramente, apesar de continuar a demonstrar valores elevados em todas as frentes.

No ano seguinte, ambos os mercados leiloeiros revelam baixas nas suas receitas, com Portugal a demonstrar igualmente uma quebra no número de contadores vendidos. Estes valores são compreensíveis quando observamos o maior número de contadores a serem vendidos na classe zero-dez mil euros (figura 4.10.). O crescimento económico mais lento, graças à guerra comercial entre os EUA e a China, e o caos político e económico associado ao Brexit (McAndrew, 2019 pp. 313-314), terão igualmente contribuído para uma redução de investimento generalizado e, consecutivamente, para uma redução do valor alcançado pelos contadores.

No ano de 2019, observa-se uma ligeira quebra no número de contadores em leilão tanto no mercado português como no internacional. No mercado português, esta quebra é contraposta por um maior número de contadores vendidos, assim como pelas suas receitas, em comparação com o ano anterior. Já internacionalmente, apesar de menos contadores terem sido vendidos, o total de receitas alcançadas supera o valor de 2018. Estes valores contrapõem a tendência do mercado leiloeiro internacional que caiu 17% em vendas, comparativamente a 2018. As receitas

alcançadas internacionalmente resultaram da venda de um só contador, sendo que este poderá não representar com precisão o mercado leiloeiro internacional (McAndrew, 2020 p. 126).

Em 2020, devido à pandemia COVID-19 constatamos uma clara descida no mercado leiloeiro, com o mercado leiloeiro internacional a perder 30% do valor das suas vendas, comparativamente com 2019, o momento mais baixo da década (McAndrew, 2021 pp. 102-107).

Já no ano seguinte, revela-se uma perceptível recuperação do mercado, mas principalmente internacionalmente, onde todas as categorias analisadas subiram entre 2020 e 2021. Contudo, quando olhamos para Portugal, apesar de existir um maior número de contadores em leilão, assim como de vendas, observamos um menor valor de receitas em 2021 que em 2020, demonstrando a fragilidade deste mercado comparativamente com o mercado internacional.

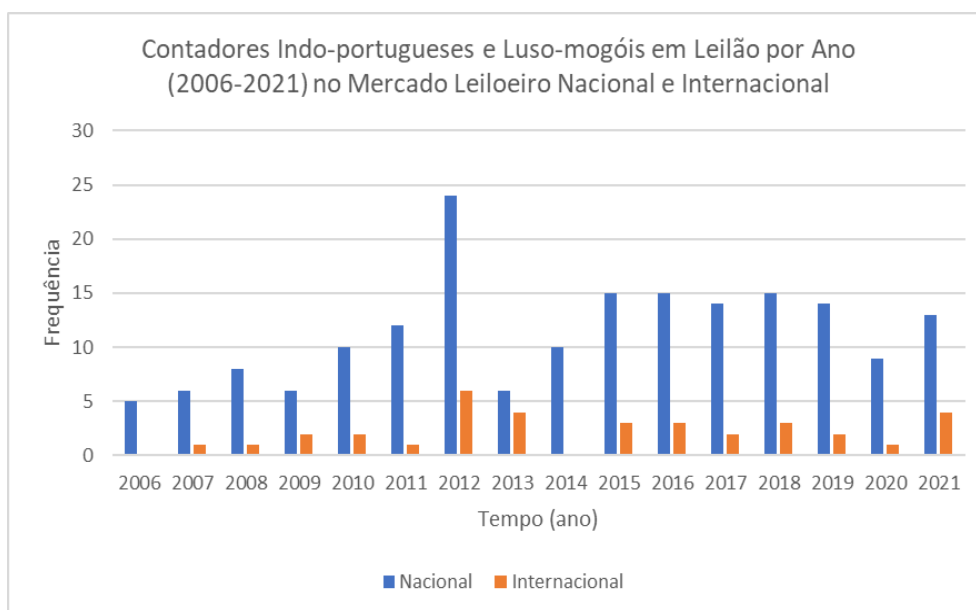


Figura 4.18. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão por ano (2006-2021) no mercado leiloeiro nacional e internacional.

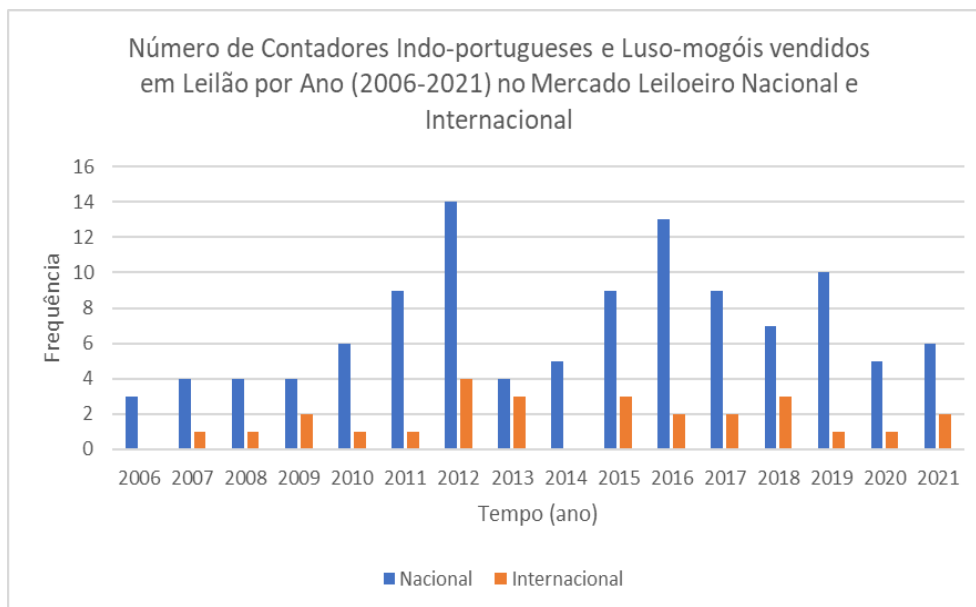


Figura 4.19. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão por ano (2006-2021) no mercado leiloeiro nacional e internacional.

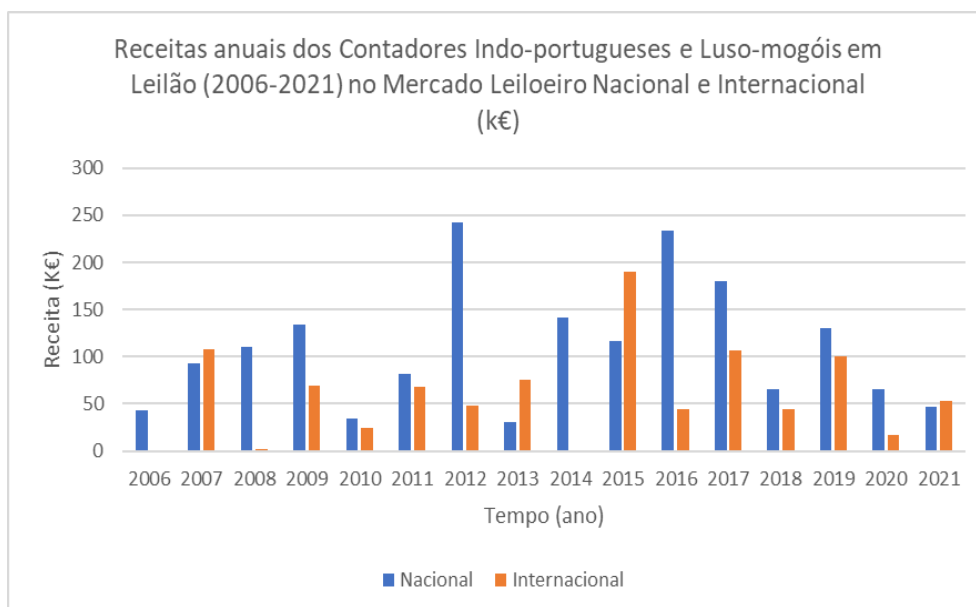


Figura 4.20. Receitas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão por ano (2006-2021) no mercado leiloeiro nacional e internacional (k€).

4.5. Por leiloeira

Quando observamos os gráficos relativos à divisão de dados por leiloeira (Figuras 4.21. a 4.24.) denotamos o claro domínio do mercado pela CML, tanto em contadores colocados em leilão como em contadores vendidos. A seguir à CML (51%), em número de contadores colocados em leilão, encontram-se a *Veritas* (15%), a *Christie's* (10%), o PCV (9%), a *Sotheby's* (6%), a *São Domingos* (6%), a *Renascimento* (3%) e finalmente a *Bonhams* (1%). Desde logo, denota-se o domínio do mercado português sobre o internacional, ainda que, com a *Christie's* a superar o PCV por um ponto percentual. No que se refere a contadores vendidos, a CML (52%) mantém a liderança, com a *Christie's* (13%) a revelar a sua importância no mercado, superando o PCV (12%) e a *Veritas* (11%), que é igualmente superada pelas duas leiloeiras anteriores. Ainda que esta diferença seja pequena, com apenas um ponto percentual a separar cada leiloeira da seguinte, esta tendência é mais clara quando observamos as receitas atingidas por cada leiloeira, com a *Christie's* a superar em larga escala os valores conseguidos pelo PCV e pela *Veritas*. No gráfico da figura 4.23., observamos a prevalência do mercado internacional sobre o nacional. Este domínio de receitas por parte das leiloeiras internacionais já tinha sido referido aquando da análise e discussão da figura 4.17. e tabela 4.1. Apesar da CML continuar a liderar as vendas de contadores mundialmente, tanto a *Christie's*, como a *Sotheby's* ultrapassam as vendas feitas pelas restantes leiloeiras portuguesas, entre 2006 e 2021. Se observarmos a frequência com a qual cada leiloeira vende contadores, a *Bonhams* supera facilmente as restantes leiloeiras, tendo vendido os dois contadores que colocou em leilão ao longo destes dezasseis anos. A *Christie's* e o PCV seguem-se-lhe com uma frequência de venda de 86% e 85%, respetivamente. Em último lugar encontra-se naturalmente a *Renascimento* (14%), tendo somente vendido um contador dos sete que colocou em leilão.

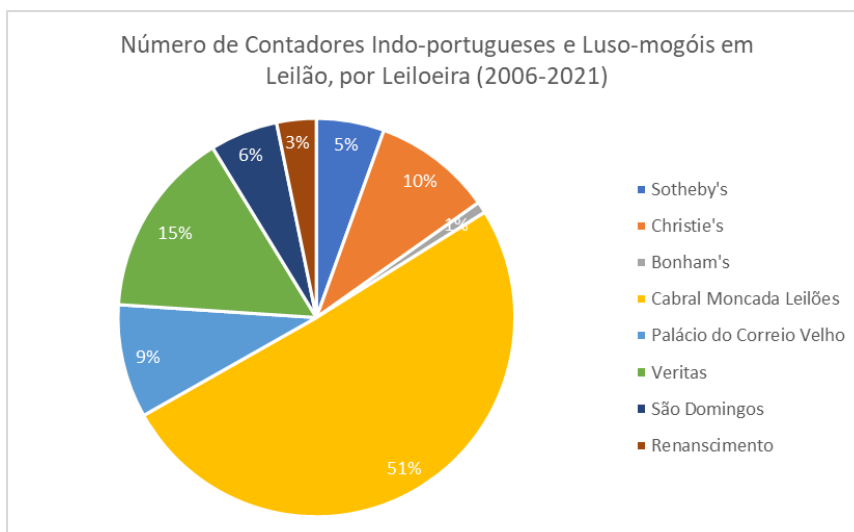


Figura 4.21. Número de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão, nacional e internacional, por leiloeira, entre 2006 e 2021.

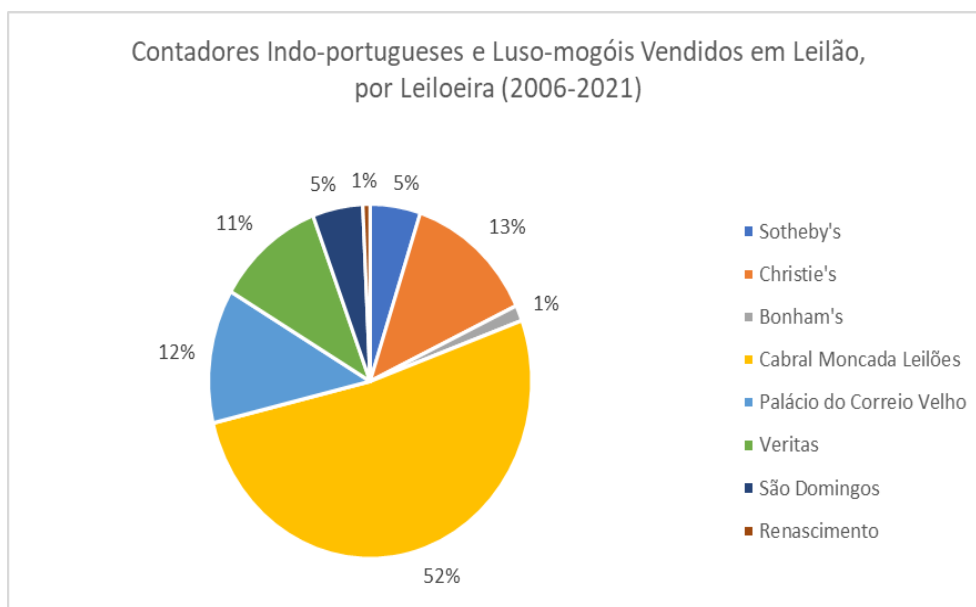


Figura 4.22. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão por leiloeira, nacional e internacional, entre 2006 e 2021, em %.

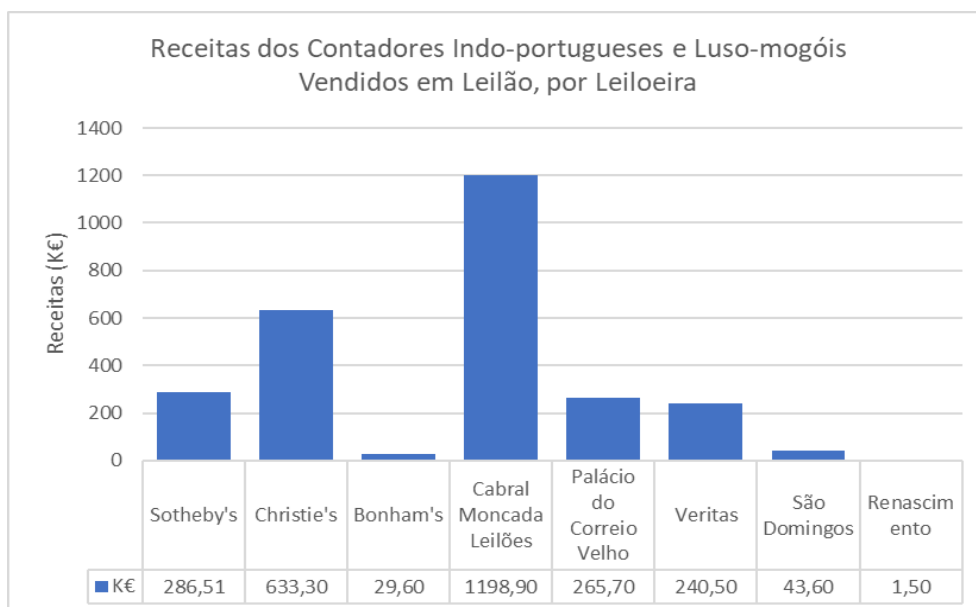


Figura 4.23. Receitas dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis vendidos em leilão, nacional e internacional, por leiloeira.

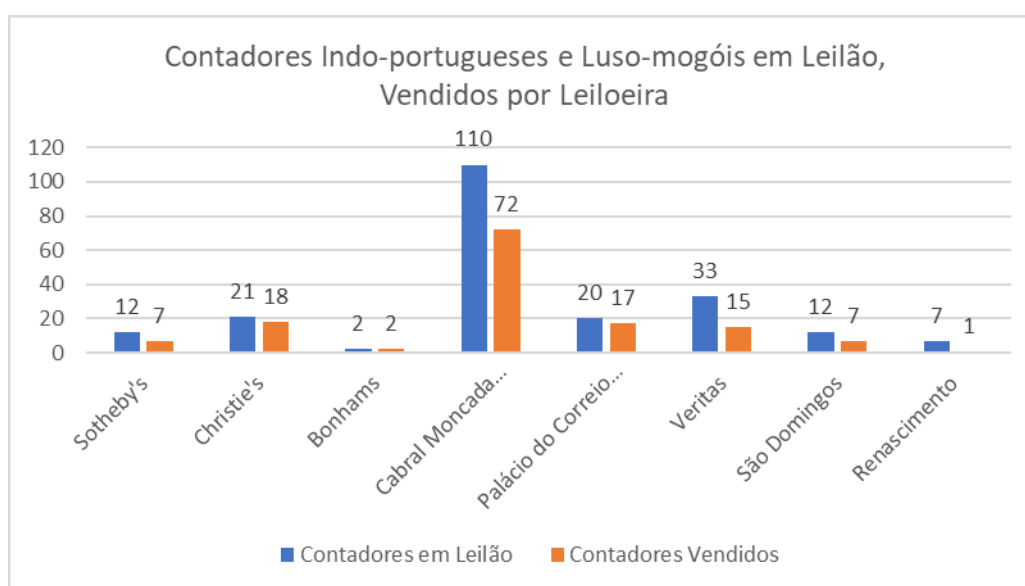


Figura 4.24. Contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão, nacional e internacional, vendidos por leiloeira.

Ao observarmos os dados de «Valor de Martelo», «Estimativa Máxima» e «Estimativa Mínima» de cada leiloeira (figuras 4.25. a 4.31.), reparamos que a *Renascimento* nunca teve contadores a serem licitados ao mesmo valor, ou acima da sua estimativa máxima. Já a *Sotheby's* mostra a maioria dos seus valores de martelo entre a sua estimativa mínima e estimativa máxima, enquanto a *Bonhams* revela o total dos seus contadores a serem vendidos

acima da sua estimativa máxima, revelando a existência de mais do que um licitador para os seus contadores. Focando-nos agora na CML, observamos valores de martelo mais próximos da sua estimativa máxima no primeiro quarto do gráfico, sendo que denotamos uma clara mudança para valores mais aproximados da estimativa mínima no restante gráfico, revelando não só possivelmente um menor número de licitadores para cada contador, assim como um menor interesse nos mesmos. O PCV tende a revelar valores de martelo mais próximos da sua estimativa máxima, enquanto a *Veritas* mostra uma maioria de valores de martelo mais próximos da estimativa mínima. Relativamente às leiloeiras nas quais os valores de martelo ultrapassaram a estimativa máxima, a *Bonhams*, a CML e a *Christie's* claramente lideram, sendo que, apesar de a terceira possuir um total de vezes menor que a segunda, a ultrapassagem do valor de estimativa máxima pelos licitadores é mais frequente na *Christie's* (33% na *Christie's*, contra 18% na CML).

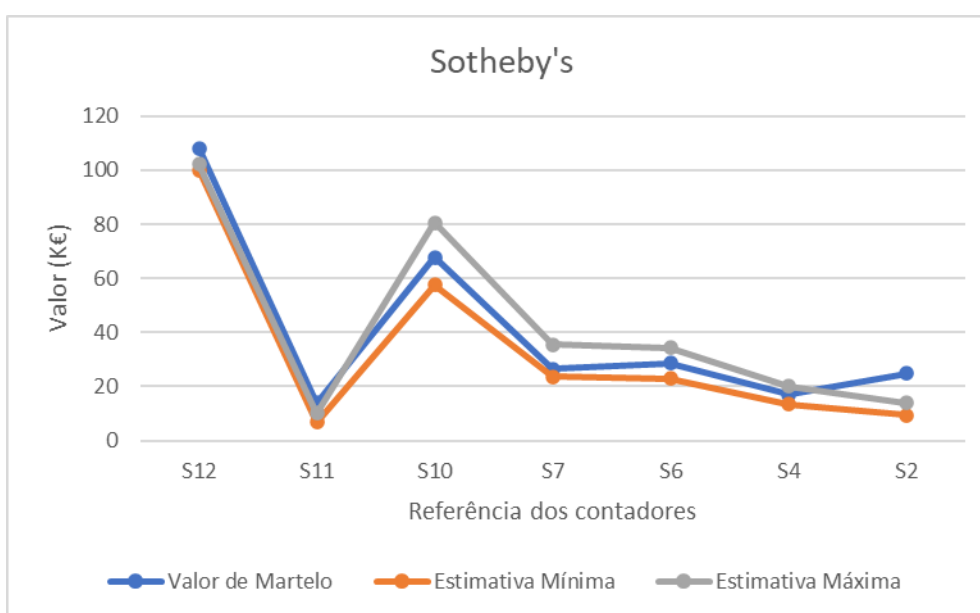


Figura 4.25. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *Sotheby's* entre 2006 e 2021.

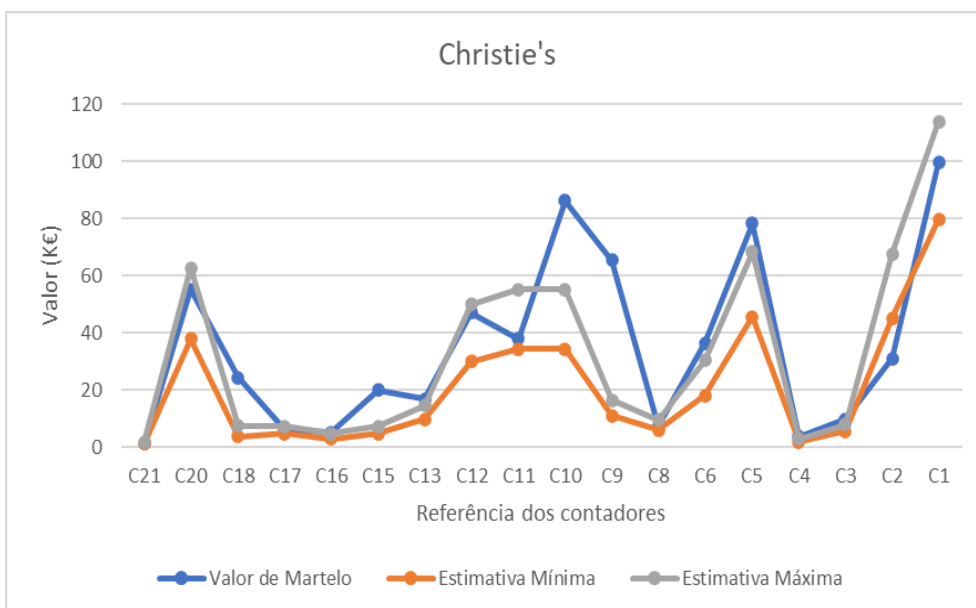


Figura 4.26. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *Christie's* entre 2006 e 2021.

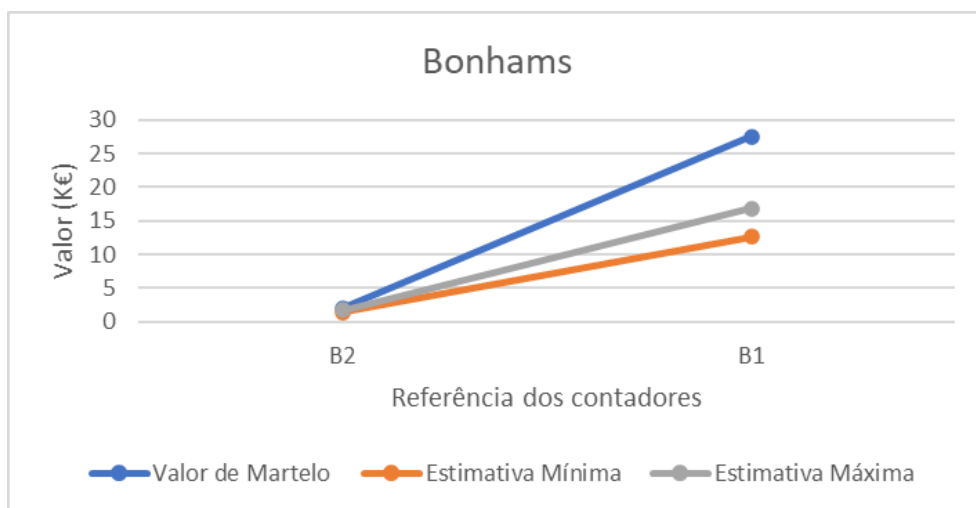


Figura 4.27. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *Bonhams* entre 2006 e 2021.

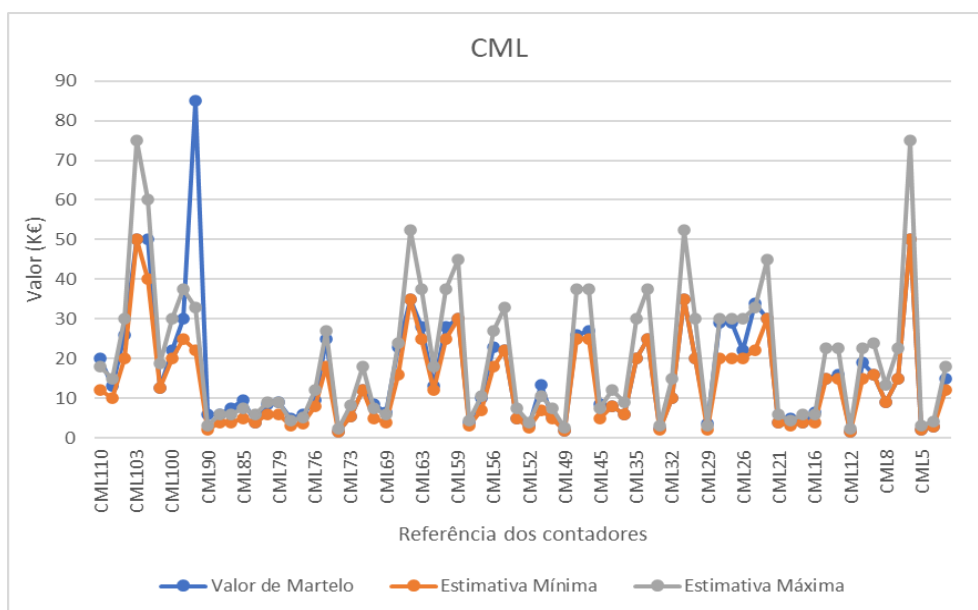


Figura 4.28. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *Cabral Moncada Leilões* entre 2006 e 2021.

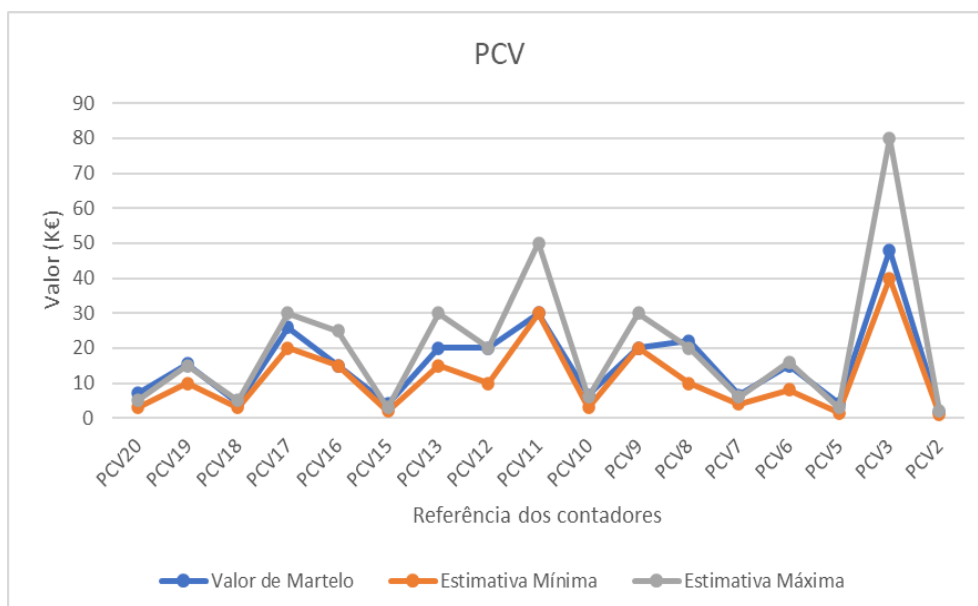


Figura 4.29. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *Palácio do Correio Velho* entre 2006 e 2021.

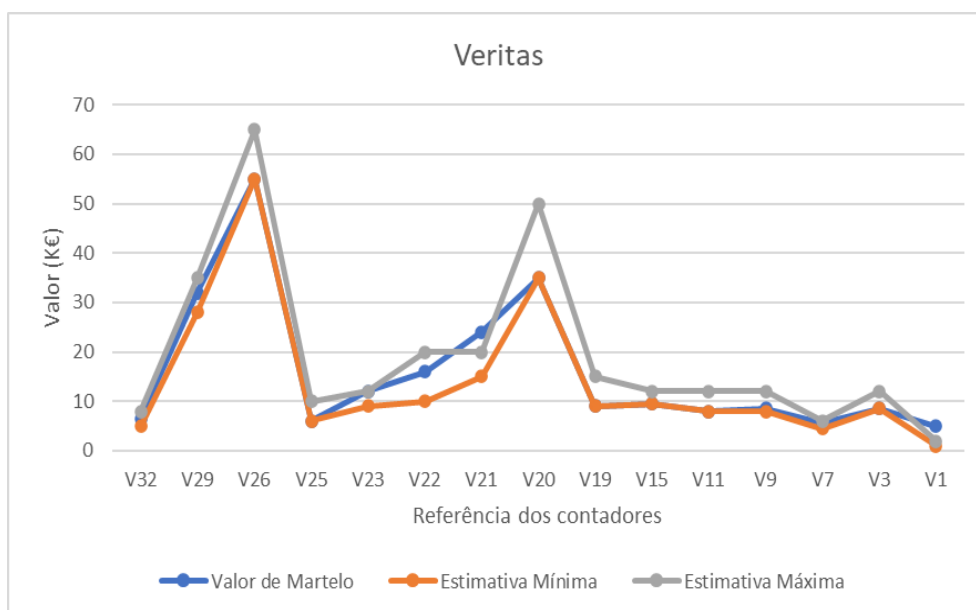


Figura 4.30. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *Veritas* entre 2006 e 2021.

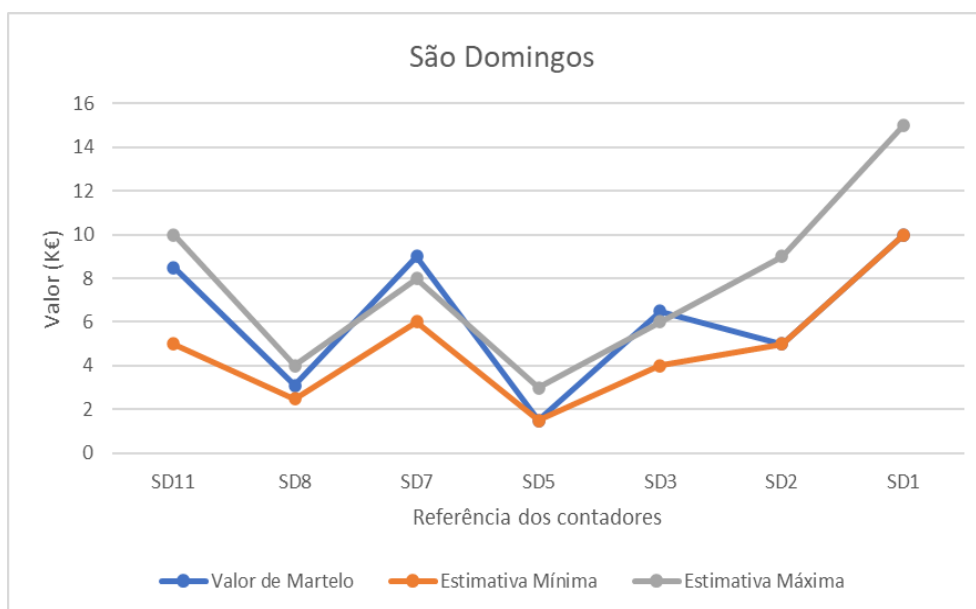


Figura 4.31. Valor de martelo, estimativa mínima e estimativa máxima dos contadores vendidos pela *São Domingos* entre 2006 e 2021.

O Futuro dos Contadores no Mercado Leiloeiro

Para compreender a evolução futura do comércio de contadores no mercado leiloeiro nacional e internacional teremos de nos debruçar sobre este mercado, sobre as vendas de artes decorativas no mesmo e sobre os seus potenciais compradores e vendedores.

Debrucemo-nos primeiramente sobre o mercado leiloeiro e a preferência que sobre ele recai por parte dos compradores. Na vertente da oferta no mundo dos Mercados da Arte, verificamos diversas formas através das quais os compradores possuem a capacidade de adquirir peças de arte, neste caso contadores indo-portugueses e/ou luso-mogóis: por intermédio de leiloeiras, de feiras de arte e de retalhistas, sendo que estes últimos podem subdividir-se em antiquários, dealers e marchands. De acordo com Claire McAndrew (McAndrew, 2022 p. 234), em 2021, os leilões foram o segundo meio preferido pelos compradores para adquirirem os seus bens de interesse, somente atrás dos dealers e das galerias, sendo que nestes últimos não se encontram contadores nos seus inventários, visto que, atualmente, estas peças somente são comercializadas no mercado secundário. Este é um interesse que tem crescido desde 2016 (McAndrew, 2019 p. 366; McAndrew, 2018 p. 301), realçando desta forma a força das casas de leilão dentro dos Mercados da Arte, revelando-se igualmente um meio ideal para a contínua venda e aquisição de contadores indo-portugueses e luso-mogóis.

No que se refere à venda de artes decorativas no mercado da arte, categoria na qual inserimos os contadores indo-portugueses e luso-mogóis, nos últimos cinco anos denotamos, mais uma vez, um crescimento anual de aquisições realizadas dentro desta categoria (McAndrew, 2019 p. 348; 2020 p. 323; 2021 p. 296).

Relativamente aos compradores interessados na aquisição de artes decorativas, nos últimos cinco anos, a maioria dos mesmos são representados, cada vez mais, por gerações mais novas. Entre 2016 e 2018, as artes decorativas representaram 70% das compras feitas pela *Geração Z*²⁰, 77% pela *Geração Y*²¹, 64% pela *Geração X*²² e somente 45% pelos *Baby Boomers*²³

²⁰ Designação dada ao conjunto de pessoas que nasceram sensivelmente entre o final dos anos 1990 e a década de 2010 (Priberam, 2022).

²¹ Designação dada ao conjunto de pessoas que nasceram sensivelmente entre o início dos anos 1980 e o final dos anos 1990 (Priberam, 2022).

²² Designação dada ao conjunto de pessoas que nasceram sensivelmente entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1980, a seguir à geração *baby boomers* (Priberam, 2022).

²³ Designação dada ao conjunto de pessoas nascidas entre 1946 e o final dos anos 1960, numa época de aumento impressionante da natalidade que se seguiu à Segunda Guerra Mundial (Priberam, 2022).

(McAndrew, 2019 p. 350). Entre 2020 e 2021, este paradigma manteve-se com a *Geração Y* a ultrapassar as restantes gerações na compra de artes decorativas (84%), com o portefólio de compra de artes decorativas da *Geração X* a ser contabilizado em 79% e os *Baby Boomers* em 74% (McAndrew, 2021 p. 297). Ainda detetamos um crescimento na percentagem de artes decorativas adquiridas por todas as gerações, revelando, desta forma, um bom presságio para a compra dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis no mercado da arte.

A análise e discussão acima realizada revela um mercado cada vez mais positivo para a aquisição de artes decorativas, onde se incluem os contadores em apreço, em leilão, sendo estas compras realizadas tanto pelas gerações mais antigas, como pelas mais novas. Contudo, devemos sempre atentar na singularidade e especificidade dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis, e de como estas poderão limitar a comercialização destas peças no mercado leiloeiro da arte.

Apesar do aparente bom presságio discutido em cima, os antigos e novos compradores deverão ter em consideração um fator cada vez mais relevante e influente na aquisição de contadores indo-portugueses e luso-mogóis: a legislação referente à comercialização de bens que possuam marfim. O marfim é uma das matérias-primas mais frequentemente utilizadas na decoração de contadores, sendo que nesta dissertação, a grande maioria possui este material nos seus embutidos. Esta legislação, no nosso entender, poderá vir a limitar a comercialização de contadores indo-portugueses e luso-mogóis no futuro.

Até recentemente, o marfim, e as peças deste produzidas, era regulamentado, contudo, a sua comercialização nunca tinha sido proibida.

A partir das décadas de 70 e 80 do século XX, observou-se uma redução crescente e consistente das populações de elefantes em várias regiões do continente africano, levando a uma preocupação crescente com a preservação desta espécie.

Este declínio, em conjunto com uma preocupação acrescida associada à poluição global, à destruição dos ecossistemas e ao esgotamento dos recursos naturais do nosso planeta criou a necessidade de idealizar compromissos e acordos entre vários países (Sena, 2021 pp. 5-6), sendo desta forma criada a Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem (Convenção CITES: *The Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora*) (Bastos, 2021 p. 641), com «o objetivo de estabelecer medidas e normas internacionais que auxiliassem e encaminhassem os países a criarem medidas para a proteção das espécies de fauna e flora» (Sena, 2021 p. 6). Esta Convenção entrou em

vigor a 1 de julho de 1975, com a União Europeia a juntar-se a 9 de abril de 2015 (Bastos, 2021 p. 645).

Apesar de os elefantes se encontrarem incluídos, tanto no Anexo 1²⁴, como no Anexo 2²⁵ da CITES, o marfim embutido nos contadores indo-portugueses e luso-mogóis mencionados nesta dissertação é considerado como um «espécie pré-Convenção CITES²⁶», visto estas peças pertencerem aos séculos XVI, XVII e XVIII, pelo que esta convenção não se lhes aplica. Desta forma, estas peças podem ser livremente comercializadas, bastando a posse de um Certificado CITES para a sua circulação e transação.

Desde 2016, os Estados Unidos da América, através do *Endangered Species Act*, implementaram uma proibição praticamente total do comércio de objetos em marfim. Contudo, objetos que contenham marfim com mais de cem anos, ou seja, se o item não tiver sido produzido ou trabalhado depois de 1918, poderá ser comercializado (Bastos, 2021 p. 653; Sena, 2021 p. 12). Assim, os contadores indo-portugueses e luso-mogóis também poderão ser comercializados nos EUA.

No final de 2017, o governo da R. P. da China banuiu o comércio de marfim e todas as atividades associadas à manufatura de objetos deste material. Contudo, o transporte, as ofertas e a exposição de objetos de marfim, assim como a sua venda em lojas especialmente autorizadas e em leilões de antiguidades é autorizada, sendo, desta forma, o comércio de contadores indo-portugueses e luso-mogóis permitido (Bastos, 2021 p. 653).

Já no Reino Unido, o *Ivory Act 2018*, promulgado em 2018 proíbe o comércio de marfim²⁷ e de objetos que o possuam. Contudo, existem isenções para o mesmo: itens considerados de excepcional valor artístico, histórico ou cultural anteriores a 1918; miniaturas de retratos anteriores a 1918; itens anteriores a 1947 que incluam «less than 10 % of the total volume of

²⁴ «O Anexo I compreende todas as espécies ameaçadas de extinção que são ou poderiam ser afetadas pelo comércio.» (Bastos, 2021 p. 647).

²⁵ «O Anexo II inclui todas as espécies que, apesar de atualmente não estarem necessariamente ameaçadas de extinção, poderiam vir a estar se o comércio dos espécimes dessas espécies não estivesse sujeito a uma regulamentação estrita que evita uma exploração incompatível com a sua sobrevivência.» (Bastos, 2021 p. 647).

²⁶ «the date from which the provisions of the Convention apply to a specimen be the date on which the species concerned was first included in the Appendices; and b) the date on which a specimen is acquired be considered as the date the animal or plant or, in the case of parts or derivatives, the animal or plant from which they were taken, was known to be: i) removed from the wild; or ii) born in captivity or artificially propagated in a controlled environment; or iii) if such date is unknown or cannot be proved, the date on which the specimen was acquired shall be the earliest provable date on which it was first possessed by a person. (Resolução 13.6 de 2004, revista em 2016 pela Cop17) » (Bastos, 2021 p. 651).

²⁷ «An act to prohibit dealing in ivory, and for connected purposes» (Ivory Act, 2018).

the material of which the item is made» onde se incluíam a maioria dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis; instrumentos musicais anteriores a 1975, que possuam «less than 20 % of the total volume of the material of which the instrument is made»; e aquisições feitas por museus com estatuto devidamente reconhecido (Bastos, 2021 p. 654; 2018).

Apesar de a União Europeia se reger pela CITES até recentemente, a 30 de dezembro de 2021 foi promulgado o Regime da UE que rege o comércio de marfim, tornando, deste modo, a União Europeia num espaço onde o comércio de marfim será mais fortemente controlado e limitado. Dentro deste novo regime, o comércio de marfim será praticamente suspenso, com a existência de algumas exceções: marfim em bruto para o restauro de instrumentos musicais ou «antiguidades de elevada importância cultural, artística ou histórica anteriores a 1947 (...»); instrumentos musicais com marfim adquiridos entre 1947 e 1975; artigos trabalhados anteriores a 1947 comercializados dentro da EU; reexportação de instrumentos musicais e antiguidades vendidas a museus; e importação de instrumentos musicais e antiguidades compradas por museus (Comunicação da comissão - Documento de orientação revisto - Regime da UE que rege o comércio de marfim, 2021).

Após a exposição das diversas leis que regem os principais países que comercializam marfim, incluindo a União Europeia, denotamos que, apesar de a comercialização de contadores indo-portugueses e luso-mogóis não ser interdita na grande maioria dos mesmos, todos estes artigos terão de deter um comprovativo legal relativo ao seu estatuto de antiguidade, pois, todos estes países assumem a possibilidade de comercialização de bens em/com marfim desde que estes sejam comprovadamente antiguidades. Todo este processo poderá penalizar, tanto os potenciais vendedores, como os potenciais compradores destes bens, visto que toda a burocracia associada a estes bens presumivelmente será morosa e dispendiosa. Se nos focarmos somente no novo regime promulgado pela UE, observamos um presente problemático para a comercialização dos contadores, visto que toda a comercialização de antiguidades para fora da União Europeia, assim como a sua importação está completamente suspensa, com exceção da venda ou compra por museus, o que potencialmente limitará fortemente o mercado. A UE, e em particular Portugal, são o maior mercado de e para contadores indo-portugueses e luso-mogóis, podendo este novo regime debilitar particularmente este mercado.

Deste modo, poderemos antever num futuro próximo a queda no valor dos contadores, visto que, de acordo com a lei da oferta e da procura, se a procura diminuir, o valor dos bens diminuirá. Outra consequência possível, será a transferência da comercialização dos contadores com marfim do mercado legal para o mercado ilegal, dada a natureza proibitiva destas leis.

Contudo, devemos ainda denotar que, ao analisarmos os gráficos presentes nesta dissertação, não verificamos qualquer correlação entre a promulgação das anteriores leis e a quebra no comércio de contadores indo-portugueses e luso-mogóis, pelo menos no que se refere ao mercado leiloeiro. Face ao que foi exposto, poderemos colocar a seguinte questão: «Será este um bom presságio para a comercialização destes contadores, ou o novo regime imposto pela UE será mais orientador que as restantes leis do mercado leiloeiro?», para a qual ainda não dispomos de resposta, mas certamente da qual dependerá o futuro do mercado em apreço.

Para além dos fatores acima discutidos, também a recente invasão da Ucrânia pela Federação Russa deverá ser considerada como um acontecimento influenciador no funcionamento dos mercados leiloeiros da arte. A guerra na Ucrânia está a desestabilizar o mundo e, como já anteriormente referido, a estabilidade mundial propicia o florescimento destes mercados. Um evento desta escala poderá facilmente impactar o mercado da arte a nível mundial e, conseqüentemente, a venda e compra de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão.

Conclusões e Considerações Finais

O principal objetivo da conexão entre Portugal e a Índia visava a continuação da cruzada contra o Islão; a conversão cristã da população; e a hegemonia política e económica através do controlo do monopólio comercial marítimo no Índico (Ferrão, 1990 pp. 1-8).

A descoberta do caminho marítimo para a Índia pelos portugueses não só modificou as relações políticas entre estes e as diferentes nações desta parte da Ásia, mas também as suas relações mercantis. Deste modo, o mercado intercontinental fez crescer a produção de bens artísticos, nomeadamente de mobiliário.

O mobiliário indo-português e luso-mogol resulta do sincretismo estético, técnico e funcional entre as culturas portuguesa e aquelas presentes na península indostânica. A maioria deste mobiliário foi executada para exportação, e/ou venda a altas chefias portuguesas durante a sua estadia no Oriente.

Existiram duas grandes regiões que se dedicaram à produção destes objetos: o sudoeste indiano, e os territórios controlados pelo Império Mogol, a norte e noroeste da Índia.

Apesar de existirem diversas definições para o termo contador como peça de mobiliário (Atterbury, et al., 1994 p. 214; Montenegro, 1995 pp. 29-41; Calado, et al., 2005 p. 107; Silva, 1966 pp. 230-232), poderemos considerar a definição de Maria da Conceição Borges de Sousa e Celina Bastos (Bastos, et al., 2004 p. 85) como a mais rigorosa e pormenorizada: «móvel utilizado para a guarda de documentos ou pequenos objetos de valor, é constituído por um corpo ou «caixa», onde se inserem sobrepostas e justapostas, um número de gavetas, à vista, com as «frentes» aparentemente iguais, podendo esconder um ou mais segredos. Quando de maiores dimensões, apoia-se numa base, mesa ou trempe propositadamente executada para o efeito, quase sempre rematada com um avental mais ou menos elaborado. A base é constituída por uma base simples, nalguns casos com gavetas e/ou gavetões ou, mais raramente, por um armário baixo. Nalguns casos, possui um corpo intermédio geralmente decorado de forma semelhante à caixa. Este pode ser independente, fazer parte da base, ou mais raramente, fazer parte da caixa. O contador com mesa, encontra-se habitualmente encostado à parede, por conseguinte só raramente apresenta decoração nas costas. Este termo que designa um móvel de feição nacional, não tem correspondência nos seus congéneres europeus («cabinets»), cuja parte superior apresenta diversas variantes: tampa ou alçapão superior, gavetas com «frentes» desiguais agrupadas em torno de um nicho ou «escaninho» e duas portas».

Já a origem do termo «contador» estará relacionada com a profissão – contador – e com as funções administrativas que desempenhava, com início nos finais do século XIII.

Os contadores têm uma origem europeia, tardo-medieval e renascentista devido às necessidades criadas pelo novo paradigma europeu, ideia apoiada por autores como Pedro Dias, Bernardo Ferrão e Maria Helena Mendes Pinto. Contudo, outros autores são de opinião que o contador europeu é originário do Extremo Oriente, como Low-Bear e Lieselotte Möller (Ferrão, 1990 p. 136).

Na Índia, a presença dos contadores revela uma economia em constante desenvolvimento, sendo estas peças utilizadas pelos contadores, não só como símbolo da sua profissão, mas também como forma de diferenciação social e pessoal.

Relativamente à sua forma, existem três formatos distintos de contadores: contadores de chão; contadores de estrado; e contadores de mesa (Dias, 2013 p. 267; Moncada pp. 37-38). Estes também podem ser divididos em quatro modelos: modelo português; modelo alemão; «modelo de capela»; e o modelo híbrido.

Os contadores indo-portugueses e luso-mogóis foram produzidos essencialmente em dois espaços geográficos: sudoeste indiano e norte da Índia (Dias, 2013 p. 267). A decoração influenciada pela cultura indiana tradicionalmente possui enrolamentos vegetalista muito estilizados, onde se denota a clara importância da simetria. Estes são tendencialmente produzidos em teca e sissó, com embutidos e/ou marchetados de marfim e ébano. Já os contadores de influência mogol são feitos em teca ou ébano, sendo faixeados a ébano, possuindo um embutido muito fino, em marfim e em metal, sobre as superfícies de teca ou ébano. A decoração mogol é criada através de um elegante e minucioso desenho, sendo essencialmente fitomórfica, regular e simétrica.

Os diversos setores do mercado da arte têm revelado uma performance díspar ao longo da última quinzena de anos, muitas vezes expondo uma aparente falta de conexão entre eles, bem como com os mercados financeiros mundiais. No entanto, quando observadas a macro escala, as tendências do mercado da arte encontram-se intimamente ligadas a importantes variáveis económicas, tal como medidas de crescimento nacional, prosperidade e riqueza. Os vendedores e compradores são fortemente influenciados pela estabilidade económica. O comportamento de compra e venda é igualmente influenciado pelo sentimento de otimismo associado à riqueza pessoal do colecionador, assim como com a confiança financeira deste no mercado da arte (McAndrew, 2019).

No mercado leiloeiro internacional destacam-se três casas, originalmente fundadas em Londres: a *Christie's*, a *Sotheby's* e a *Bonhams*. Atualmente, o mercado leiloeiro português encontra-se centrado em Lisboa e no Porto, dividindo-se em três segmentos: o superior, o intermédio e o inferior. Tanto a *Cabral Moncada Leilões*, como o *Palácio do Correio Velho*, como a *Veritas* se encontram no segmento superior do mercado leiloeiro em Portugal. Já as leiloeiras *Renascimento* e *São Domingos* pertencem ao segmento intermédio.

Na metodologia utilizada para a análise estatística dos contadores indo-portugueses e lusomogóis e dos seus valores de mercado nos últimos dezasseis anos, os contadores foram divididos em nove categorias que tiveram em consideração: a leiloeira, ano de venda, se foram vendidos ou não e a sua qualidade (influência geográfica, formato, século em que foram produzidos, material da decoração, material das ferragens e a sua quantidade de decoração).

Relativamente à análise de dados observamos, primeiro, que a maioria dos contadores analisados foram colocados em leilão com uma estimativa mínima e máxima na classe dos zero-dez mil euros e igualmente foram vendidos dentro desta mesma classe. Os contadores com valores mais acessíveis tornam-se alcançáveis a uma maior fração da população. Este facto comprova igualmente que, na época, também se produziram um maior número deste tipo de contadores, do que dos mais importantes e valiosos.

Ao analisarmos os dados associados ao mês de venda/aquisição, verificamos que uma clara maioria de contadores vão à praça e são vendidos no último trimestre do ano, sendo dezembro o mês com maior número de vendas. Nacionalmente isso deve-se ao facto de todas as leiloeiras realizarem leilões em dezembro, antes do final do ano e perto do Natal, uma época tradicional de compras. Internacionalmente, deve-se ao facto das duas tradicionais grandes épocas de leilões serem junho e dezembro, onde as grandes casas leiloeiras inglesas fazem os seus principais leilões.

Relativamente ao número de contadores colocados em leilão, entre 2006 e 2021, observamos uma clara influência de eventos económicos e políticos nacionais/mundiais a influenciarem a sua ida à praça/venda. Este é o caso da crise global de 2008 ou de pedido de resgate financeiro à *troika* feito por Portugal em 2011, onde existiu uma inundação do mercado de contadores devido à necessidade de liquidez dos seus vendedores. Contudo, esta inundação originou uma receita inferior ao expectável, pelo que no ano seguinte um menor número de contadores foi à praça. Neste caso, podemos assumir que o incremento da oferta foi superior ao da procura, o que conduziu a um decréscimo do preço dos contadores, exemplo claro da lei da oferta e da procura. Este cenário foi desfavorável para os vendedores, visto que o valor dos seus

bens diminuiu, sendo, no entanto, um fenómeno temporariamente positivo para as leiloeiras que continuaram a aumentar as suas receitas. Todavia, em 2013 aquele efeito desfavorável persiste, observando-se agora a baixa de preços a desmotivar os vendedores de colocarem os seus contadores em leilão. Como consequência, verifica-se um decréscimo nas receitas das leiloeiras. Com o decréscimo de contadores em leilão, mas com a sua procura a manter-se, estes voltam a valorizar. Como observado, os valores dos contadores são influenciados por eventos políticos, económicos e sociais, assim, verificamos uma recuperação dos valores dos contadores em anos subsequentes à crise devido à recuperação económica nacional.

O pedido de resgate financeiro à *troika* feito por Portugal em 2011 influenciou bastante o mercado global dos contadores, visto que é no nosso país que, preferencialmente, os contadores vão à praça e onde, portanto, se efetua o maior número de transações. Enquanto o mercado leiloeiro português é representado por 182 contadores, o mercado leiloeiro internacional é somente representado por 35 contadores, nesta dissertação. Deste modo, entende-se como o mercado português se encontra melhor caracterizado relativamente ao internacional, e de como os eventos nacionais ficam patentes na análise estatística efetuada. Em 2020, devido à pandemia COVID-19, constatamos uma clara quebra no mercado leiloeiro, visto que esta tragédia obrigou ao cancelamento da maioria dos leilões presenciais. Já no ano seguinte revela-se uma perceptível recuperação do mercado.

O predomínio de contadores de influência indiana é compreensível quando reparamos que a presença portuguesa foi geograficamente mais intensa em partes da península indostânica, culturalmente indianas. Dentro dos contadores de influência indiana denotamos que a maioria dos contadores possuem um formato de chão sem portas, de ferragens em cobre, em teca e a predominância do *horror vacui*, justificada pela densidade dos temas decorativos que revelam claros traços indianos, mogóis ou mesmo islâmicos (Pinto, 1992 p. 15). Também observamos um predomínio de contadores do século XVII, visto que estes foram produzidos durante a totalidade deste século, e confirmando que foi durante o século XVII que a sua produção se intensificou.

Na análise estatística dos dados, quando se aplicou a regressão não paramétrica (regressão Lowess), o Valor de Martelo foi utilizado como variável resposta e os outros atributos considerados, codificados em classes, como variáveis explicativas, o que permitiu verificar que é notório que para a maioria dos contadores em análise, a relação é bastante forte. Ou seja, para a maioria dos contadores em análise é possível encontrar uma relação entre o Valor de Martelo associado e os atributos estudados.

Quando observamos os gráficos relativos à divisão de dados por leiloeira, denotamos o claro domínio do mercado pela CML, tanto em contadores colocados em leilão como em contadores vendidos, com a *Christie's* a dominar internacionalmente. Esta prevalência por parte da CML compreende-se, visto que esta é a leiloeira em Portugal, senão mesmo no mundo, que coloca em leilão mais peças lusíadas. Dada a integração dos contadores indo-portugueses e mogóis nesta categoria, é perceptível que a CML mantenha a domínio sobre a colocação em leilão e venda desta subcategoria.

A análise e discussão acima realizada, e quando estudada em conjunto com o mercado leiloeiro, as vendas de artes decorativas no mesmo e os seus potenciais compradores revela um mercado cada vez mais positivo para a aquisição de artes decorativas, onde se incluem os contadores em apreço, em leilão, sendo estas compras realizadas tanto pelas gerações mais idosas, como pelas mais jovens. Contudo, devemos sempre atentar na singularidade e especificidade dos contadores indo-portugueses e luso-mogóis, e de como estas poderão limitar a comercialização destas peças no mercado leiloeiro da arte.

Apesar do aparente bom presságio, os compradores deverão ter em consideração outro fator: a legislação mais restritiva que tem sido implementada referente à comercialização de bens que possuem marfim, que dificultará a comercialização destes itens. Contudo, devemos ainda denotar que, da análise estatística efetuada nesta dissertação, não verificamos qualquer correlação entre a promulgação das anteriores leis e a quebra no comércio de contadores indo-portugueses e luso-mogóis, pelo menos no que se refere ao mercado leiloeiro.

Para além dos anteriores fatores, também a recente invasão da Ucrânia pela Federação Russa deverá ser considerada como um acontecimento influenciador no funcionamento dos mercados leiloeiros da arte, visto que um evento desta escala poderá facilmente impactar negativamente o mercado da arte a nível mundial e, conseqüentemente, a venda e compra de contadores indo-portugueses e luso-mogóis em leilão. A crise financeira, agravada pela inflação já denotada, irá obrigar à venda de bens por parte da população para suportar o desmesurado aumento do custo de vida, daí resultando um maior número de bens no mercado da arte e, provavelmente, um maior número de contadores no mercado.

Já as classes sociais mais elevadas, receosas da desvalorização do seu dinheiro, irão preferir adquirir bens tangíveis, tais como obras de arte. Todavia, relativamente aos contadores, que maioritariamente possuem marfim, devemos questionar-nos, se os compradores terão interesse na sua aquisição, devido às suas restrições legislativas, e quanto estarão disponíveis a pagar. Possivelmente, muitos compradores não terão interesse em adquirir bens que possuam

limitações legais e que estas impossibilitem a sua exportação legal, ou eventualmente só estarão interessados na sua compra por um valor muito acessível e mais baixo do que tem sido praticamente até recentemente. Deste modo, poderemos, possivelmente, observar uma queda nos valores dos contadores, principalmente daqueles mais comuns.

Fontes

Comunicação da comissão - Documento de orientação revisto - Regime da UE que rege o comércio de marfim. (30 de 12 de 2021). *Jornal Oficial da União Europeia*.
Ivory Act 2018. (20 de 12 de 2018). Reino Unido. Obtido em 21 de 08 de 2022, de <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/2018/30/contents>

Referências

Bibliografia

- Afonso, L. U. (2012). Características e Tendências no Mercado Leiloeiro Português nos Últimos Anos. Em L. Urbano Afonso & A. Fernandes, *Os leilões e o mercado da arte em Portugal. Estrutura, história, tendências* (pp. 7-31). Lisboa: Scribe.
- Afonso, L. U., & Fernandes, A. (2019). *Mercados da Arte*. Lisboa: Edições Síllabo.
- Atterbury, P., & Tharp, L. (1994). *Enciclopédia Ilustrada de Antiguidades*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Bastos, C., & Sousa, M. (2004). Mobiliário. Em *Normas de Inventário*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Bastos, F. L. (2021). O regime jurídico-internacional aplicável à circulação e ao comércio de objetos de arte em marfim. Em J. da Silva Horta, C. Almeida, & P. Mark, *Marfins Africanos no Mundo Atlântico, 1400-1900* (pp. 641-659). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Calado, M., & Silva, J. (2005). *Dicionário de Termos da Arte e Arquitectura*. Lisboa: Presença.
- Cleveland, W. (1979). Robust locally weighted regression and smoothing scatterplots. *J. Amer*, nº 74, pp. 829-836.
- Crespo, H. M. (2020). *A Índia em Portugal, Um tempo de confluências artísticas*. Porto: MNSR.
- Cruz, S. C. (2016). *Conversas de Contadores sobre o Indo Português: a justificação de uma exposição, Tese de Mestrado*. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Czujack, C. (1997). Picasso Paintings at Auction, 1963-1964. *Journal of Economic Literature*, 21(3), 229-247.
- Dias, P. (1999). *História da Arte Portuguesa no Mundo - O Espaço Índico (Séculos XV-XIX)* (Vol. II). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Dias, P. (2002). *O Contador das Cenas Familiares*. Porto: Pedro Aguiar Branco.
- Dias, P. (2008). *Índia, Artes decorativas e iconográficas* (Vols. Arte de Portugal no Mundo, 11). Lisboa: Público.
- Dias, P. (2013). *Mobiliário indo-português*. Lisboa: Imagialis.
- Dias, P. (2022). *Mobiliário Luso-mogol de Exportação para as Feitorias Portuguesas da Costa Oriental de África, nos séculos XVI e XVII*. Ciclo de conferências, Histórias de um Império – Colecção Távora Sequeira Pinto. Lisboa: Museu do Oriente.
- Ferrão, B. (1990). *Mobiliário Português III*. Porto: Lello & Irmão - Editores.
- Freire, F. C. (2002). *Mobiliário, Móveis de Conter, Pousar e de Aparato* (Vol. Volume II). Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Gomes, J. d. (1883). *Relíquias da Arte Nacional*. Aveiro: Exposição Distrital de Aveiro, Grémio Moderno.
- Härdle, W. (1990). *Applied Nonparametric Regression* (Econometric Society Monographs). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CCOL0521382483
- Irwin, J. (1955). Reflections on Indo-Portuguese Art. *The Burlington Magazine*, 97(633), pp. 386-390.
- Jaffer, A. (2002). *Luxury Good from India: The art of the Indian Cabinet Maket*. Londres: Victoria and Albert Museum.
- Marques, A. H. de Oliveira (1984), *História de Portugal*, tom II, citado por Mattoso, J. (1993), *História de Portugal, No Alvorecer da Modernidade*, vol. III. Lisboa: Círculo de Leitores.
- McAndrew, C. (2017). *The Art Market 2017*. Suíça: UBS e Art Basel.

- McAndrew, C. (2018). *The Art Market 2018*. Suíça: UBS e Art Basel.
- McAndrew, C. (2019). *The Art Market 2019*. Suíça: UBS e Art Basel.
- McAndrew, C. (2020). *The Art Market 2020*. Suíça: UBS e Art Basel.
- McAndrew, C. (2021). *The Art Market 2021*. Suíça: UBS e Art Basel.
- McAndrew, C. (2022). *The Art Market 2022*. Suíça: UBS e Art Basel.
- Moncada, M. C. (2013). Época de Produção do Mobiliário Lusíada, 1520-1750. *ARTIS, Arte Portuguesa no Mundo*(1), pp. 30-41.
- Moncada, M. C. (no prelo). Mobiliário Lusíada. Em M. C. Moncada, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Instituto de História da Arte, FLUL.
- Montenegro, R. (1995). *Guia de História do Mobiliário: estilos de mobiliário do Renascimento*. Lisboa: Presença.
- Nabais, D. A. (2015). *Economic and Financial Analysis of the Portuguese Art Market*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Mercados da Arte, Lisboa, Departamento de História, ISCTE.
- Pinto, M. H. (1992). *De Goa a Lisboa*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Pinto, M. H. (1998). Escritórios, contadores e outros móveis indo-portugueses. Em *Vasco da Gama e a Índia, Conferência Internacional* (Vol. III, pp. 309-336). Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, F. H. (1994). O Encanto dos Contadores Indo-portugueses. *Oceanos - Indo-portuguesmente*(19/20), pp. 16-21.
- Renneboog, L., & Spaenjers, C. (2013). Buying Beauty: on prices and returns in the art market. *Management Science*, 59(1), 36-53.
- Robinson, J. C. (1881). *Catalogue of the special Loan Exhibition of Spanish and Portuguese*. Londres: Sons and Taylor.
- Sena, I. M. (2021). *Legislação relativa à comercialização de peças de arte em mármore*, Dissertação de Mestrado em Mercados da Arte, Lisboa, Departamento de História, ISCTE.
- Silva, M. M. (1966). *A Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa: Edições Excelsior.
- Távora, B. F. (1983). *A Imaginária Luso-oriental*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Teixeira, J. J. (2012). O Mercado Leiloeiro em Portugal (2005-2012). A Crise Financeira: Efeitos e Consequências. Em L. Afonso, & A. Fernandes, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal. Estrutura, História, Tendências* (pp. 39-50). Lisboa: Scribe.
- Viterbo, F. M. (1883). A Exposição de Arte Ornamental: notas ao catálogo. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 3(10).

Webgrafia

- Bonhams. *About us*. Obtido em 23 de 07 de 2022, de https://www.bonhams.com/about_us/
- Christie's. (s.a.). *About us*. Obtido em 30 de 03 de 2022, de <https://www.christies.com/about-us/welcome-to-christies>
- Domingos, São. *Sobre*. Obtido em 30 de 03 de 2022, de <https://www.leiloeirasaodomingos.pt/sobre>
- Priberam (2022). *Geração*. Obtido em 26 de 05 de 2022, de <https://dicionario.priberam.org/gera%C3%A7%C3%A3o>
- Renascimento. (s.a.). *Sobre nós*. Obtido em 30 de 03 de 2022, de <https://www.renascimento-sa.pt/web/leiloeira/sobre-nos>

Sotheby's. (s.a.). *About Us*. Obtido em 23 de 07 de 2022, de <https://www.sothebys.com/en/about?locale=en>

Veritas. (s.a.). *Sobre nós*. Obtido em 05 de 04 de 2021, de <https://www.linkedin.com/company/veritas-art-auctioneers/about/>

Anexo

Índice do Anexo

Figura 1 «Mapa das principais cidades orientais com as quais os Portugueses entraram em contacto no decurso do séc. XVI. Além das quais que senhorearam, em muitos se estabeleceram grupos de portugueses, que se instalavam um pouco por toda a parte.» (Marques, 1984 apud Mattoso, 1993, p. 47)	103
Figura 2 (S1) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Material das ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVII.	103
Figura 3 (S2) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	104
Figura 4 (S3) Contador de estrado, sem portas. Sissó, ébano, marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.	104
Figura 5 (S4) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	105
Figura 6 (S5) Contador de estrado, sem portas. Teca, pau-preto, osso. Material de ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVII.	105
Figura 7 (S6) Contador de chão, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	106
Figura 8 (S7) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano, osso de vaca, marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.	106
Figura 9 (S8) Contador de chão, sem portas. Ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	107
Figura 10 (S9) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, marfim. Material de ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVII.	107
Figura 11 (S10) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	108
Figura 12 (S11) Contador de mesa, sem portas. Sissó, marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVI.	108
Figura 13 (S12) Contador de chão, sem portas. Ébano, teca e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	109

Figura 14 (C1) Contador de chão, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	109
Figura 15 (C2) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Material das ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	110
Figura 16 (C3) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em madeira. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	110
Figura 17 (C4) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	111
Figura 18 (C5) Contador de chão, sem portas. Ébano, sissó, marfim e osso. Material de ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.	111
Figura 19 (C6) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	112
Figura 20 (C7) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	112
Figura 21 (C8) Contador de estrado de trempe, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	113
Figura 22 (C9) Contador de chão, com portas. Ébano, marfim, osso e tartaruga. Ferragens em latão. Império Mogol, Séc. XVII.....	113
Figura 23 (C10) Contador de chão, sem portas. Ébano, sissó, marfim e osso. Material de ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.....	114
Figura 24 (C11) Contador de chão, sem portas. Sissó, ébano, osso e marfim. Material de ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVIII.	114
Figura 25 (C12) Contador de chão, com portas. Ébano, sissó e marfim. Material de ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	115
Figura 26 (C13) Contador de chão, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Índia. Séc. XVIII.	115
Figura 27 (C14) Contador de estrado, sem portas. Ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.	116
Figura 28(C15) Contador de estrado, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	116
Figura 29 (C16) Contador de mesa, sem portas. Teca, tartaruga e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.....	117

Figura 30 (C17) - Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	117
Figura 31 (C18) Contador de chão, com portas. Ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Trempe posterior. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.	118
Figura 32 (C19) Contador de mesa, com portas. Teca, tartaruga e marfim. Ferragens em marfim. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	118
Figura 33 (C20) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	119
Figura 34 (C21) Contador de mesa, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em madeira. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.	119
Figura 35 (B1) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, osso e marfim. Material das ferragens não especificado. Índia. Séc. XVII.	120
Figura 36 (B2) Contador de estrado, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	120
Figura 37 (CML1) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	121
Figura 38 (CML2) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	121
Figura 39 (CML3) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	122
Figura 40 (CML4) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano, sissó, sândalo e marfim. Sem ferragens. Índia. Séc. XVII/XVIII.	122
Figura 41 (CML5) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	123
Figura 42 (CML6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	123
Figura 43 (CML7) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Sem ferragens. Índia. Séc. XVII/XVIII.	124
Figura 44 (CML8) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	124
Figura 45 (CML9) Contador de chão, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	125

Figura 46 (CML10) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	125
Figura 47 (CML11) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Sem ferragens. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	126
Figura 48 (CML12) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	126
Figura 49 (CML13) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	127
Figura 50 (CML14) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	127
Figura 51 (CML15) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	128
Figura 52 (CML16) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	128
Figura 53 (CML17) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	129
Figura 54 (CML18) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	129
Figura 55 (CML19) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	130
Figura 56 (CML20) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	130
Figura 57 (CML21) Contador de mesa, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVI/XVII.	131
Figura 58 (CML22) Contador de estrado, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	131
Figura 59 (CML23) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	132
Figura 60(CML24) Contador de estrado, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	132
Figura 61 (CML25) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	133

Figura 62 (CML26) Contador de mesa, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	133
Figura 63 (CML27) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	134
Figura 64 (CML28) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	134
Figura 65 (CML29) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	135
Figura 66(CML30) Contador de estrado, com portas. Sândalo, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	135
Figura 67 (CML31) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	136
Figura 68 (CML32) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	136
Figura 69 (CML33) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	137
Figura 70 (CML34) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	137
Figura 71 (CML35) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens não originais em metal dourado. Índia. Séc. XVII.....	138
Figura 72 (CML36) Contador de estrado, com portas. Sândalo, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	138
Figura 73 (CML37) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	139
Figura 74 (CML38) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	139
Figura 75 (CML39) Contador de capela. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.....	140
Figura 76 (CML40) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	140
Figura 77(CML41) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em falta. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.....	141

Figura 78 (CML42) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	141
Figura 79 (CML43) Contador de chão, sem portas. Base posterior. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	142
Figura 80 (CML44) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	142
Figura 81 (CML45) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	143
Figura 82 (CML46) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	143
Figura 83 (CML47) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	144
Figura 84 (CML48) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	144
Figura 85 (CML49) Contador de mesa, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	145
Figura 86 (CML50) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.	145
Figura 87 (CML51) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	146
Figura 88 (CML52) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Material de ferragens não especificadas. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	146
Figura 89 (CML53) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	147
Figura 90 (CML54) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Material das ferragens não especificado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	147
Figura 91 (CML55) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	148
Figura 92 (CML56) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	148
Figura 93 (CML57) Contador de estrado, sem portas. Ébano, teca e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	149

Figura 94 (CML58) Contador de estrado sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.....	149
Figura 95 (CML59) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	150
Figura 96 (CML60) Contador de estrado, com trempe, sem portas. Teca e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	150
Figura 97 (CML61) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	151
Figura 98 (CML62) Contador de chão, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	151
Figura 99 (CML63) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	152
Figura 100 (CML64) Contador de chão, sem portas. Trempe posterior. Teca, ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.....	152
Figura 101 (CML65) Contador de chão, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	153
Figura 102 (CML66) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	153
Figura 103 (CML67) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	154
Figura 104 (CML68) Contador de mesa, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em prata. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.....	154
Figura 105 (CML69) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	155
Figura 106 (CML70) Contador de mesa, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	155
Figura 107 (CML71) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	156
Figura 108 (CML72) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	156
Figura 109 (CML73) Contador de mesa, sem portas. Teca e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.....	157

Figura 110 (CML74) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	157
Figura 111 (CML75) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	158
Figura 112 (CML76) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó, sândalo e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	158
Figura 113 (CML77) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	159
Figura 114 (CML78) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVI/XVII.	159
Figura 115 (CML79) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	160
Figura 116 (CML80) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	160
Figura 117 (CML81) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	161
Figura 118 (CML82) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	161
Figura 119 (CML83) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	162
Figura 120 (CML84) Contador de mesa, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.....	162
Figura 121 (CML85) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	163
Figura 122 (CML86) Contador de estrado, com portas. Sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	163
Figura 123 (CML87) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	164
Figura 124 (CML88) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	164
Figura 125 (CML89) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	165

Figura 126 (CML90) Contador de mesa, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.....	165
Figura 127 (CML91) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	166
Figura 128 (CML92) Contador de estrado, de trempe, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	166
Figura 129 (CML93) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.....	167
Figura 130 (CML94) Contador de chão, sem portas. Trempe posterior. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	167
Figura 131 (CML95) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	168
Figura 132 (CML96) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	168
Figura 133 (CML97) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	169
Figura 134 (CML98) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	169
Figura 135 (CML99) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.....	170
Figura 136 (CML100) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Material de ferragens não especificado. Armas de Almeida (ou Melo). Índia. Séc. XVII.	170
Figura 137(CML101) Contador de estrado, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	171
Figura 138 (CML102) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	171
Figura 139 (CML103) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	172
Figura 140 (CML104) Contador de chão, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	172
Figura 141 (CML105) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Material de ferragens não especificado. Armas de Almeida (ou Melo). Índia. Séc. XVII.	173

Figura 142 (CML106) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.....	173
Figura 143 (CML107) Contador de mesa, com portas. Teca, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	174
Figura 144 (CML108) Contador de estrado, com trempe, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em bronze e marfim. Índia. Séc. XVII.....	174
Figura 145 (CML109) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.....	175
Figura 146 (CML110) Contador de capela. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	175
Figura 147 (PCV1) Contador de estrado, sem portas. Madeira não especificada e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	176
Figura 148 (PCV2) Contador de estrado, sem portas. Madeira não especificada e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	176
Figura 149 (PCV3) Contador de capela. Teca, sissó e ébano. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	177
Figura 150 (PCV4) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.	177
Figura 151 (PCV5) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.....	178
Figura 152 (PCV6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	178
Figura 153(PCV7) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII/XVIII.	179
Figura 154 (PCV7) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII/XVIII.	179
Figura 155 (PCV9) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	180
Figura 156 (PCV10) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	180
Figura 157 (PCV11) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	181

Figura 158 (PCV12) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.	181
Figura 159 (PCV13) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	182
Figura 160 (PCV14) Contador de chão, sem portas. Madeira e ferragens não mencionadas. Índia. Séc. XVIII.	182
Figura 161 (PCV15) Contador de estrado, sem portas. Teca, pau-santo, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.	183
Figura 162 (PCV16) Contador de chão, sem portas. Embutidos de ébano e marfim (madeira «principal» não mencionada). Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	183
Figura 163(PCV17) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	184
Figura 164(PCV18) Contador de estrado, sem portas. Teca, pau-santo e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.	184
Figura 165(PCV19) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	185
Figura 166 (PCV20) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em marfim. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	185
Figura 167 (V1) Contador de chão, sem portas. Trempe posterior. Teca, e outras madeiras. Ferragens em madeira. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.	186
Figura 168 (V2) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	186
Figura 169 (V3) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	187
Figura 170 (V4) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	187
Figura 171 (V5) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e osso. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.	188
Figura 172 (V6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVIII.	188
Figura 173 (V7) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e osso. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.	189

Figura 174(V8) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	189
Figura 175 (V9) Contador de mesa, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	190
Figura 176 (V10) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	190
Figura 177 (V11) Contador de mesa, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	191
Figura 178 (V12) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e osso. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	191
Figura 179 (V13) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVI/XVII.	192
Figura 180(V14) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.	192
Figura 181 (V15) Contador de chão, sem portas. Teca e sissó. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	193
Figura 182 (V16) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	193
Figura 183 (V17) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.	194
Figura 184 (V18) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	194
Figura 185 (V19) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.	195
Figura 186 (V20) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	195
Figura 187 (V21) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	196
Figura 188 (V22) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e ébano. Ferragens em metal. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.	196
Figura 189(V23) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII / XVIII.	197

Figura 190 (V24) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	197
Figura 191 (V25) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.	198
Figura 192 (V26) Contador de chão, sem portas. Sissó, teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVIII.	198
Figura 193 (V27) Contador de estrado, com trempe, sem portas. Teca. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.	199
Figura 194 (V28) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	199
Figura 195 (V29) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	200
Figura 196 (V30) Contador de chão, sem portas. Sissó, teca e ébano. Ferragens em metal. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.	200
Figura 197 (V31) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e ébano. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.	201
Figura 198 (V32) Contador de estrado, sem portas. Pau-santo e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.	201
Figura 199 (V33) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	202
Figura 200 (SD1) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	202
Figura 201 (SD2) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	203
Figura 202 (SD3) Contador de estrado, sem portas. Pau-santo e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.	203
Figura 203 (SD4) Contador de chão, sem portas. Sissó e ébano. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVIII.	204
Figura 204 (SD5) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.	204
Figura 205 (SD6) Contador com mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.	205

Figura 206 (SD7) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.....	205
Figura 207 (SD8) Contador com estrado, sem portas. Teca. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.	206
Figura 208 (SD9) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e ébano. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	206
Figura 209 (SD10) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	207
Figura 210 (SD11) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.	207
Figura 211 (SD12) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	208
Figura 212 (R1) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	208
Figura 213 (R2) Contador de chão, sem portas. Teca e sissó. Ferragens em latão. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.	209
Figura 214 (R3) Contador de estrado, sem portas. Sissó e ébano. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII/XVIII.....	209
Figura 215 (R4) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.	210
Figura 216 (R5) Contador de estrado, de trempe, sem portas. Sissó. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	210
Figura 217 (R6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.....	211
Figura 218 (R7) Contador de mesa, sem portas. Teca. Ferragens em teca. Índia. Séc. XVII.	211
 Tabela 1 Estatísticos descritivos para as variáveis consideradas pela recodificação adotada	 212

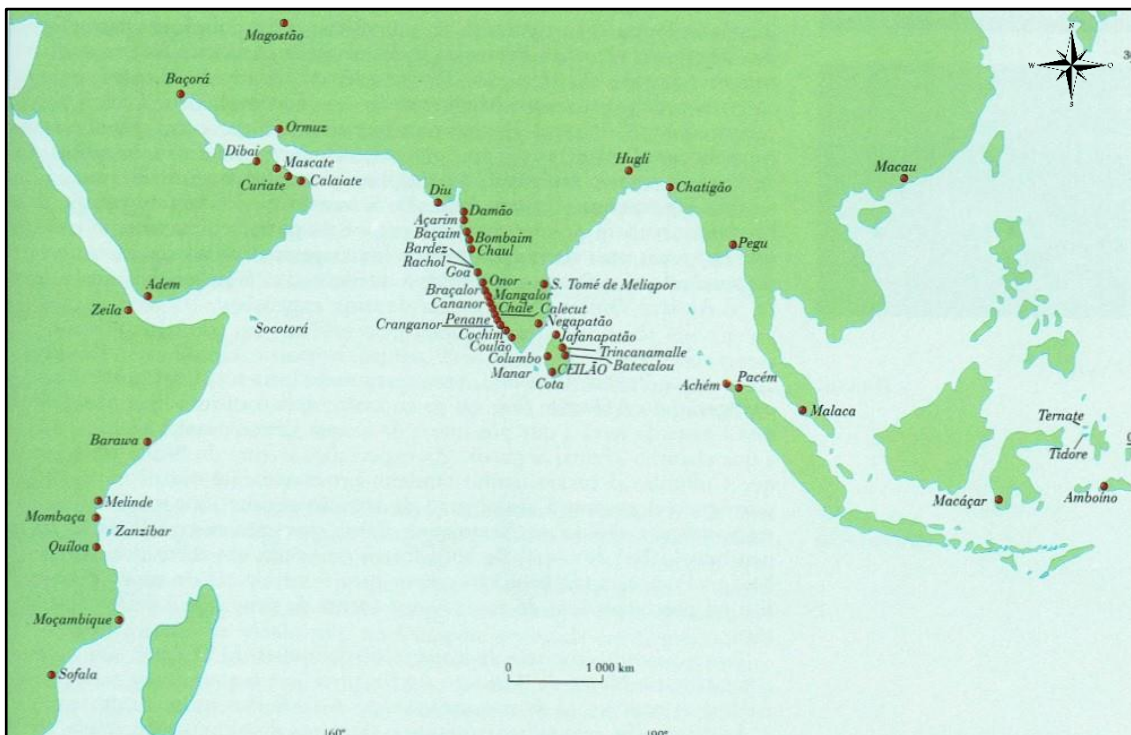


Figura 32 «Mapa das principais cidades orientais com as quais os Portugueses entraram em contacto no decurso do séc. XVI. Além das quais que senhorearam, em muitos se estabeleceram grupos de portugueses, que se instalavam um pouco por toda a parte.» (Marques, 1984 *apud* Mattoso, 1993, p. 47)



Figura 33 (S1)²⁸ Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim²⁹. Material das ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 133 x 94 x 51 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 20 880,00 €

Estimativa mínima: 13 920,00 €

Decoração: 3

Fonte: Sotheby's

²⁸ «S» referente a Sotheby's.

²⁹ Em todas as descrições deste anexo o primeiro material mencionado (e muito raramente o segundo material descrito) refere-se ao material da estrutura da peça, podendo igualmente fazer parte da sua decoração. Os restantes materiais referem-se somente à sua decoração.



Figura 34 (S2) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 133 x 93,5 x 49,5 cm
Valor de martelo: 24 847,00 €
Estimativa máxima: 13 920,00 €
Estimativa mínima: 9 280,00 €
Decoração: 3
Fonte: Sotheby's



Figura 35 (S3) Contador de estrado, sem portas. Sissó, ébano, marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.
Dim.: 29,5 x 45,5 x 30 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 17 400,00 €
Estimativa mínima: 11 600,00 €
Decoração: 2
Fonte: Sotheby's



Figura 36 (S4) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 156 x 112 x 59 cm
Valor de martelo: 16 934,00 €
Estimativa máxima: 20 160,00 €
Estimativa mínima: 13 440,00 €
Decoração: 3
Fonte: Sotheby's



Figura 37 (S5) Contador de estrado, sem portas. Teca, pau-preto, osso. Material de ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVII.
Dim.: não mencionadas
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 8 000,00 €
Estimativa mínima: 6 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Sotheby's



Figura 38 (S6) Contador de chão, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 118 x 86 x 47 cm

Valor de martelo: 28 500,00 €

Estimativa máxima: 34 200,00 €

Estimativa mínima: 22 800,00 €

Decoração: 3

Fonte: Sotheby's



Figura 39 (S7) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano, osso de vaca, marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.

Dim.: não mencionadas

Valor de martelo: 26 500,00 €

Estimativa máxima: 35 400,00 €

Estimativa mínima: 23 600,00 €

Decoração: 3

Fonte: Sotheby's



Figura 40 (S8) Contador de chão, sem portas. Ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 143,5 x 92 x 90 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 35 400,00 €

Estimativa mínima: 23 600,00 €

Decoração: 3

Fonte: Sotheby's

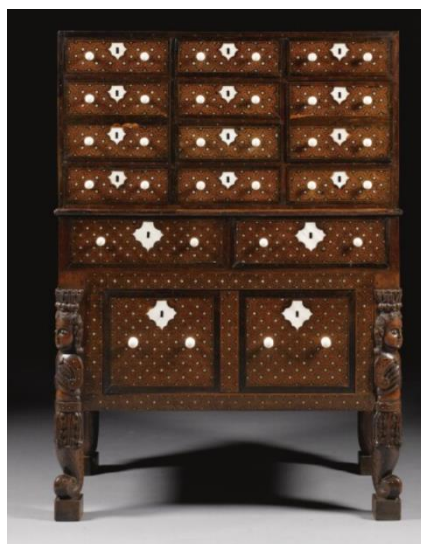


Figura 41 (S9) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, marfim. Material de ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 133 x 93 x 50 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 60 001,00 €

Estimativa mínima: 49 200,00 €

Decoração: 3

Fonte: Sotheby's



Figura 42 (S10) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 126,5 x 103 x 51 cm
Valor de martelo: 67 678,00 €
Estimativa máxima: 80 500,00 €
Estimativa mínima: 57 500,00 €
Decoração: 3
Fonte: Sotheby's



Figura 43 (S11) Contador de mesa, sem portas. Sissó, marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVI.
Dim.: não mencionado
Valor de martelo: 14 000,00 €
Estimativa máxima: 10 080,00 €
Estimativa mínima: 6 720,00 €
Decoração: 2
Fonte: Sotheby's



Figura 44 (S12) Contador de chão, sem portas. Ébano, teca e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: não mencionado

Valor de martelo: 108 001,00 €

Estimativa máxima: 100 001,00 €

Estimativa mínima: 102 200,00 €

Decoração: 3

Fonte: Sotheby's



Figura 45 (C1)³⁰ Contador de chão, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 143,5 x 90 x 92 cm

Valor de martelo: 99 750,00 €

Estimativa máxima: 114 000,00 €

Estimativa mínima: 78 800,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's

³⁰ «C» referente a Christie's.



Figura 46 (C2) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Material das ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 43 x 58 x 43 cm

Valor de martelo: 31 075,00 €

Estimativa máxima: 67 800,00 €

Estimativa mínima: 45 200,00 €

Decoração: 2

Fonte: Christie's



Figura 47 (C3) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em madeira. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 22,8 x 36,8 x 23,8 cm

Valor de martelo: 9 888,00 €

Estimativa máxima: 5 650,00 €

Estimativa mínima: 7 910,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's



Figura 48 (C4) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 28 x 48 x 31,5 cm

Valor de martelo: 3 750,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 2 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Christie's



Figura 49 (C5) Contador de chão, sem portas. Ébano, sissó, marfim e osso. Material de ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 130 x 88,5 x 53.5 cm

Valor de martelo: 78 375,00 €

Estimativa máxima: 45 600,00 €

Estimativa mínima: 68 400,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's



Figura 50 (C6) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 147,3 x 109,8 x 59,4 cm

Valor de martelo: 36 600,00 €

Estimativa máxima: 30 500,00 €

Estimativa mínima: 18 300,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's

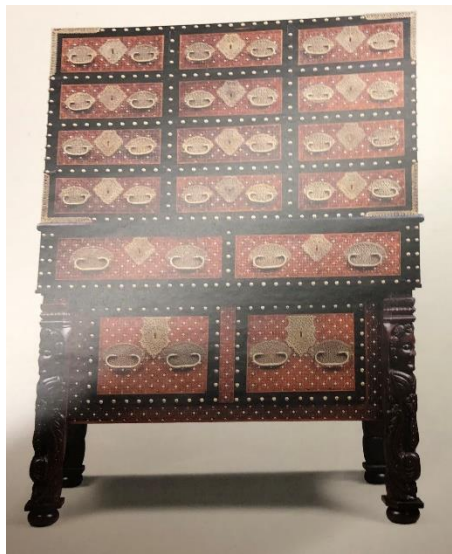


Figura 51 (C7) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: não especificadas

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 53 680,00 €

Estimativa mínima: 39 040,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's



Figura 52 (C8) Contador de estrado de trempe, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 77 x 79,4 x 45 cm

Valor de martelo: 7 625,00 €

Estimativa máxima: 9 760,00 €

Estimativa mínima: 6 100,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's



Figura 53 (C9) Contador de chão, com portas. Ébano, marfim, osso e tartaruga. Ferragens em latão. Império Mogol, Séc. XVII.

Dim.: 142 x 106 x 52 cm

Valor de martelo: 86 250,00 €

Estimativa máxima: 55 200,00 €

Estimativa mínima: 34 500,00 €

Decoração: 2

Fonte: Christie's



Figura 54 (C10) Contador de chão, sem portas. Ébano, sissó, marfim e osso. Material de ferragens não mencionado. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 130 x 88,5 x 53,5 cm

Valor de martelo: 86 250,00 €

Estimativa máxima: 55 200,00 €

Estimativa mínima: 34 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's



Figura 55 (C11) Contador de chão, sem portas. Sissó, ébano, osso e marfim. Material de ferragens não mencionado. Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 125 x 97 x 53 cm

Valor de martelo: 37 950,00 €

Estimativa máxima: 55 200,00 €

Estimativa mínima: 34 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Christie's



Figura 56 (C12) Contador de chão, com portas. Ébano, sissó e marfim. Material de ferragens não mencionado.
 Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
 Dim.: 110 x 75 x 45,5 cm
 Valor de martelo: 47 100,00 €
 Estimativa máxima: 50 000,00 €
 Estimativa mínima: 30 000,00 €
 Decoração: 3
 Fonte: Christie's



Figura 57 (C13) Contador de chão, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Material de ferragens não especificado.
 Índia. Séc. XVIII.
 Dim.: 99 x 63 x 39,5 cm
 Valor de martelo: 16 912,00 €
 Estimativa máxima: 14 760,00 €
 Estimativa mínima: 9 840,00 €
 Decoração: 3
 Fonte: Christie's



Figura 58 (C14) Contador de estrado, sem portas. Ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: não especificadas

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 33 210,00 €

Estimativa mínima: 25 830,00 €

Decoração: 2

Fonte: Christie's



Figura 59(C15) Contador de estrado, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33,5 x 45 x 33,5 cm

Valor de martelo: 19 988,00 €

Estimativa máxima: 7 380,00 €

Estimativa mínima: 4 920,00 €

Decoração: 2

Fonte: Christie's



Figura 60 (C16) Contador de mesa, sem portas. Teca, tartaruga e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.
Dim.: 18 x 32 x 23 cm
Valor de martelo: 5 381,00 €
Estimativa máxima: 4 920,00 €
Estimativa mínima: 3 075,00 €
Decoração: 1
Fonte: Christie's



Figura 61 (C17) - Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 35,2 x 42,8 x 34,3 cm
Valor de martelo: 6 150,00 €
Estimativa máxima: 7 380,00 €
Estimativa mínima: 4 920,00 €
Decoração: 2
Fonte: Christie's



Figura 62 (C18) Contador de chão, com portas. Ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Trempe posterior. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 107 x 63,5 x 41 cm

Valor de martelo: 24 375,00 €

Estimativa máxima: 7 500,00 €

Estimativa mínima: 3 750,00 €

Decoração: 2

Fonte: Christie's



Figura 63 (C19) Contador de mesa, com portas. Teca, tartaruga e marfim. Ferragens em marfim. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: não mencionado

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 17 000,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Christie's



Figura 64 (C20) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 116,8 x 90,2 x 47 cm
Valor de martelo: 55 160,00 €
Estimativa máxima: 62 720,00 €
Estimativa mínima: 38 080,00 €
Decoração: 3
Fonte: Christie's



Figura 65 (C21) Contador de mesa, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em madeira. Império Mogol, Índia.
Séc. XVIII.
Alt.: 33 cm
Valor de martelo: 1 418,00 €
Estimativa máxima: 1 890,00 €
Estimativa mínima: 1 260,00 €
Decoração: 1
Fonte: Christie's



Figura 66 (B1)³¹ Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, osso e marfim. Material das ferragens não especificado. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 139 x 88 x 50 cm

Valor de martelo: 27 531,00 €

Estimativa máxima: 16 800,00 €

Estimativa mínima: 12 600,00 €

Decoração: 3

Fonte: Bonhams



Figura 67 (B2) Contador de estrado, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 47,5 x 36 x 28 cm

Valor de martelo: 2 068,00 €

Estimativa máxima: 1 770,00 €

Estimativa mínima: 1 416,00 €

Decoração: 2

Fonte: Bonhams

³¹ «B» referente a Bonhams.



Figura 68 (CML1)³² Contador de estrado, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre.
Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 30 x 48,5 x 32,2 cm
Valor de martelo: 15 000,00 €
Estimativa máxima: 18 000,00 €
Estimativa mínima: 12 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 69 (CML2) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre.
Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 30 x 48,5 x 32,2 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 22 500,00 €
Estimativa mínima: 15 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: Cabral Moncada Leilões

³² «CML» referente a Cabral Moncada Leilões.



Figura 70 (CML3) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre.
Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 30 x 48,5 x 32,2 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 71 (CML4) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano, sissó, sândalo e marfim. Sem ferragens. Índia.
Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 24 x 41 x 31 cm
Valor de martelo: 2 800,00 €
Estimativa máxima: 4 200,00 €
Estimativa mínima: 2 800,00 €
Decoração: 2
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 72 (CML5) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33 x 42,5 x 29 cm

Valor de martelo: 2 000,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 2 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 73 (CML6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 142,5 x 128 x 64 cm

Valor de martelo: 50 000,00 €

Estimativa máxima: 75 000,00 €

Estimativa mínima: 50 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 74 (CML7) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Sem ferragens. Índia. Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 121 x 89 x 48 cm
Valor de martelo: 15 000,00 €
Estimativa máxima: 22 500,00 €
Estimativa mínima: 15 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 75 (CML8) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 25,5 x 40 x 29,5 cm
Valor de martelo: 9 000,00 €
Estimativa máxima: 13 500,00 €
Estimativa mínima: 9 000,00 €
Decoração: 2
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 76 (CML9) Contador de chão, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 118,5 x 89 x 48 cm

Valor de martelo: 16 000,00 €

Estimativa máxima: 24 000,00 €

Estimativa mínima: 16 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 77 (CML10) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 122 x 82 x 47 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 28 500,00 €

Estimativa mínima: 19 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 78 (CML11) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Sem ferragens. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 129 x 91 x 50 cm

Valor de martelo: 19 000,00 €

Estimativa máxima: 22 500,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 79 (CML12) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 22 x 26 x 20 cm

Valor de martelo: 1 600,00 €

Estimativa máxima: 2 250,00 €

Estimativa mínima: 1 500,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 80 (CML13) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 32,5 x 57 x 36 cm

Valor de martelo: 16 000,00 €

Estimativa máxima: 22 500,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 81 (CML14) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 121 x 91 x 50 cm

Valor de martelo: 15 000,00 €

Estimativa máxima: 22 500,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 82 (CML15) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 22 x 26 x 20 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 2 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 83 (CML16) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 20 x 26 x 18,5 cm

Valor de martelo: 6 500,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 84 (CML17) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 122 x 82 x 47 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 85 (CML18) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 27 x 31 x 25 cm

Valor de martelo: 4 000,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 86 (CML19) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 122 x 82 x 47 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 33 750,00 €

Estimativa mínima: 22 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 87 (CML20) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 20 x 24,5 x 18,5 cm

Valor de martelo: 5 000,00 €

Estimativa máxima: 4 500,00 €

Estimativa mínima: 3 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 88 (CML21) Contador de mesa, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVI/XVII.
Dim.: 19,5 x 39,5 x 29,5 cm
Valor de martelo: 3 900,00 €
Estimativa máxima: 3 900,00 €
Estimativa mínima: 5 850,00 €
Decoração: 2
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 89 (CML22) Contador de estrado, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 45 x 66 x 43,5 cm
Valor de martelo: 30 000,00 €
Estimativa máxima: 45 000,00 €
Estimativa mínima: 30 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 90 (CML23) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 132,5 x 57 x 36 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 45 000,00 €

Estimativa mínima: 30 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 91(CML24) Contador de estrado, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 45 x 66 x 43,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 60 000,00 €

Estimativa mínima: 40 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 92 (CML25) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 126,6 x 83 x 46 cm
Valor de martelo: 34 000,00 €
Estimativa máxima: 33 000,00 €
Estimativa mínima: 22 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 93 (CML26) Contador de mesa, com portas. Teca, sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 24 x 40 x 28 cm
Valor de martelo: 22 000,00 €
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 94 (CML27) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 123 x 90 x 48 cm
Valor de martelo: 29 000,00 €
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 95 (CML28) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 121 x 89 x 47 cm
Valor de martelo: 29 000,00 €
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 96 (CML29) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33,5 x 50 x 30 cm

Valor de martelo: 3 600,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 2 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 97(CML30) Contador de estrado, com portas. Sândalo, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33 x 45 x 33 cm

Valor de martelo: 20 000,00 €

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 98 (CML31) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 130 x 91 x 47 cm
Valor de martelo: 35 000,00 €
Estimativa máxima: 52 500,00 €
Estimativa mínima: 35 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 99 (CML32) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 27,5 x 41,5 x 28,5 cm (sem os pés)
Valor de martelo: 10 000,00 €
Estimativa máxima: 15 000,00 €
Estimativa mínima: 10 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 100 (CML33) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 18 x 38,5 x 28,5 (sem os pés)

Valor de martelo: 2 300,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 2 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 101 (CML34) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 118,5 x 65 x 47 cm

Valor de martelo: 25 000,00 €

Estimativa máxima: 37 500,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 102 (CML35) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens não originais em metal dourado. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 122 x 79,5 x 45 cm

Valor de martelo: 20 000,00 €

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 103 (CML36) Contador de estrado, com portas. Sândalo, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33 x 45 x 33 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 28 000,00 €

Estimativa mínima: 42 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 104 (CML37) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 39 x 51 x 35,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 17 250,00 €

Estimativa mínima: 11 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 105 (CML38) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 101 x 62 x 42 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 42 000,00 €

Estimativa mínima: 28 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 106 (CML39) Contador de capela. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: 63 x 48,5 x 30 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 60 000,00 €

Estimativa mínima: 40 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 107 (CML40) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 39 x 51 x 35,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 19 500,00 €

Estimativa mínima: 13 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 108(CML41) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em falta. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 46 x 82 x 44,5 (contador sem trempe)

Valor de martelo: 6 000,00 €

Estimativa máxima: 9 000,00 €

Estimativa mínima: 6 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 109 (CML42) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 18 x 38,5 x 28,5 (sem os pés)

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 4 500,00 €

Estimativa mínima: 3 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 110 (CML43) Contador de chão, sem portas. Base posterior. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 135 x 51,5 x 35 cm
Valor de martelo: 8 000,00 €
Estimativa máxima: 12 000,00 €
Estimativa mínima: 8 000,00 €
Decoração: 2
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 111 (CML44) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 20 x 24,5 x 18,5 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 4 800,00 €
Estimativa mínima: 3 200,00 €
Decoração: 2
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 112 (CML45) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 29 x 43 x 27 cm

Valor de martelo: 8 500,00 €

Estimativa máxima: 7 500,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 113 (CML46) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 107 x 70 x 41 cm

Valor de martelo: 27 000,00 €

Estimativa máxima: 37 500,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 114 (CML47) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 24 x 38,5 x 28,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 115 (CML48) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 88 x 53 x 35 cm

Valor de martelo: 26 000,00 €

Estimativa máxima: 37 500,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 116 (CML49) Contador de mesa, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 21 x 39 x 24 cm

Valor de martelo: 1 800,00 €

Estimativa máxima: 2 700,00 €

Estimativa mínima: 1 800,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 117 (CML50) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: 19 x 38,5 x 28,5 cm

Valor de martelo: 5 200,00 €

Estimativa máxima: 7 500,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 118 (CML51) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 37 x 58,5 x 34,5 cm
Valor de martelo: 13 500,00 €
Estimativa máxima: 10 500,00 €
Estimativa mínima: 7 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 119 (CML52) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Material de ferragens não especificadas. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 38 x 59 x 36 cm
Valor de martelo: 3 000,00 €
Estimativa máxima: 3 750,00 €
Estimativa mínima: 2 500,00 €
Decoração: 2
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 120 (CML53) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 123 x 96 x 52 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 45 000,00 €

Estimativa mínima: 30 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 121 (CML54) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Material das ferragens não especificado. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 23 x 38 x 28 cm

Valor de martelo: 5 000,00 €

Estimativa máxima: 7 500,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 122 (CML55) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 118 x 81 x 43 cm

Valor de martelo: 22 000,00 €

Estimativa máxima: 33 000,00 €

Estimativa mínima: 22 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 123 (CML56) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 87 x 49 x 38 cm

Valor de martelo: 23 000,00 €

Estimativa máxima: 18 000,00 €

Estimativa mínima: 27 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 124 (CML57) Contador de estrado, sem portas. Ébano, teca e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 37 x 53 x 34 cm

Valor de martelo: 10 000,00 €

Estimativa máxima: 10 500,00 €

Estimativa mínima: 7 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 125 (CML58) Contador de estrado sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 26,5 x 33 x 24 cm

Valor de martelo: 3 800,00 €

Estimativa máxima: 4 500,00 €

Estimativa mínima: 3 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 126 (CML59) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 104 x 63,5 x 45 cm

Valor de martelo: 30 000,00 €

Estimativa máxima: 45 000,00 €

Estimativa mínima: 30 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 127 (CML60) Contador de estrado, com trempe, sem portas. Teca e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 74 x 45 x 29 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 33 000,00 €

Estimativa mínima: 22 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 128 (CML61) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 128,5 x 86 x 46 cm

Valor de martelo: 28 000,00 €

Estimativa máxima: 25 000,00 €

Estimativa mínima: 37 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 129 (CML62) Contador de chão, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 118 x 93 x 45 cm

Valor de martelo: 13 000,00 €

Estimativa máxima: 12 000,00 €

Estimativa mínima: 18 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 130 (CML63) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 128,5 x 86 x 46 cm

Valor de martelo: 28 000,00 €

Estimativa máxima: 37 500,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 131 (CML64) Contador de chão, sem portas. Trempe posterior. Teca, ébano e marfim. Material de ferragens não especificado. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 125 x 43 x 56 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 19 500,00 €

Estimativa mínima: 13 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 132 (CML65) Contador de chão, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 118 x 93 x 45 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 27 000,00 €
Estimativa mínima: 18 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 133 (CML66) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII
Dim.: 120 x 83 x 49 cm
Valor de martelo: 35 000,00 €
Estimativa máxima: 52 500,00 €
Estimativa mínima: 35 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 134 (CML67) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 121 x 85 x 47 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 18 000,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 135 (CML68) Contador de mesa, com portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em prata. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: 22,5 x 31 x 22,5 cm

Valor de martelo: 23 000,00 €

Estimativa máxima: 24 000,00 €

Estimativa mínima: 16 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 136 (CML69) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 36 x 52 x 34 cm

Valor de martelo: 6 500,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões

(sem fotografia)

Figura 137 (CML70) Contador de mesa, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 23,5 x 36,5 x 36,5 cm

Valor de martelo: 8 500,00 €

Estimativa máxima: 7 500,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões

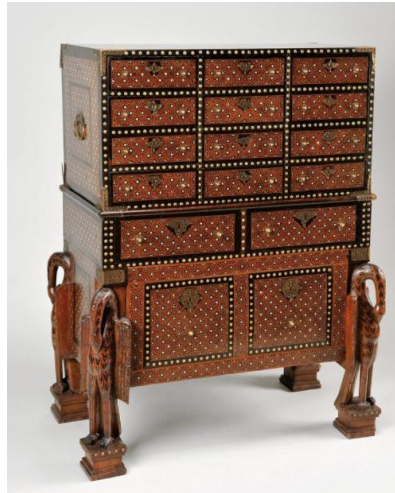


Figura 138 (CML71) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 123 x 96 x 52 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 52 500,00 €

Estimativa mínima: 35 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 139 (CML72) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 123 x 83 x 46 cm

Valor de martelo: 12 000,00 €

Estimativa máxima: 18 000,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 140 (CML73) Contador de mesa, sem portas. Teca e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 23 x 40 x 27 cm
Valor de martelo: 5 500,00 €
Estimativa máxima: 8 250,00 €
Estimativa mínima: 5 500,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 141 (CML74) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 16 x 24,5 x 18 cm
Valor de martelo: 1 600,00 €
Estimativa máxima: 2 250,00 €
Estimativa mínima: 1 500,00 €
Decoração: 1
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 142 (CML75) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 121 x 39 x 24 cm
Valor de martelo: 25 000,00 €
Estimativa máxima: 27 000,00 €
Estimativa mínima: 18 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 143 (CML76) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó, sândalo e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 43 x 48 x 37 cm
Valor de martelo: 9 500,00 €
Estimativa máxima: 12 000,00 €
Estimativa mínima: 8 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 144 (CML77) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33,5 x 42 x 30 cm

Valor de martelo: 6 000,00 €

Estimativa máxima: 5 250,00 €

Estimativa mínima: 3 500,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 145 (CML78) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: 19 x 38,5 x 28,5 cm

Valor de martelo: 5 000,00 €

Estimativa máxima: 4 500,00 €

Estimativa mínima: 3 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 146 (CML79) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 28 x 39 x 29 cm

Valor de martelo: 9 000,00 €

Estimativa máxima: 9 000,00 €

Estimativa mínima: 6 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 147 (CML80) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 33,5 x 42 x 30 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 5 000,00 €

Estimativa mínima: 7 500,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 148 (CML81) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 123 x 83 x 46 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 22 500,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 149 (CML82) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 23,5 x 35 x 26 cm

Valor de martelo: 8 500,00 €

Estimativa máxima: 9 000,00 €

Estimativa mínima: 6 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 150 (CML83) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 31,5 x 42 x 30 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 13 500,00 €

Estimativa mínima: 9 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 151 (CML84) Contador de mesa, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 22,5 x 39 x 29 cm

Valor de martelo: 4 000,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 152 (CML85) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 22,5 x 39 x 29 cm

Valor de martelo: 9 500,00 €

Estimativa máxima: 7 500,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 153 (CML86) Contador de estrado, com portas. Sissó, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 26 x 39 x 28 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 22 500,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 154 (CML87) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 20 x 38 x 30 cm

Valor de martelo: 7 500,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 155 (CML88) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 19,5 x 27 x 20 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 9 000,00 €

Estimativa mínima: 6 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 156 (CML89) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 27 x 40 x 29,5 cm

Valor de martelo: 5 800,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 157 (CML90) Contador de mesa, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 19 x 30 x 22 cm

Valor de martelo: 6 000,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 2 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 158 (CML91) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 88 x 53 x 35 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 45 000,00 €

Estimativa mínima: 30 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 159 (CML92) Contador de estrado, de trempe, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 74 x 47,5 x 31 cm

Valor de martelo: 85 000,00 €

Estimativa máxima: 33 000,00 €

Estimativa mínima: 22 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 160 (CML93) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 22 x 29,5 x 21,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 4 000,00 €

Estimativa mínima: 3 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 161 (CML94) Contador de chão, sem portas. Trempe posterior. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 138 x 77 x 38 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 162 (CML95) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 117 x 97 x 48 cm

Valor de martelo: 30 000,00 €

Estimativa máxima: 37 500,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 163 (CML96) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 117 x 97 x 48 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 35 000,00 €

Estimativa mínima: 52 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões

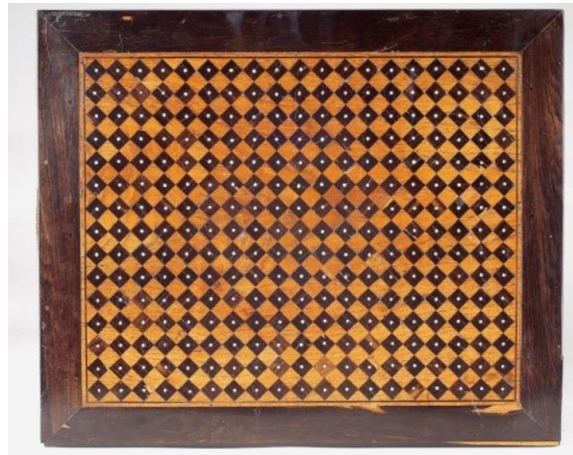


Figura 164 (CML97) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 20,5 x 40 x 33 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 4 000,00 €

Estimativa mínima: 3 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 165 (CML98) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 38 x 77 x 38 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 37 500,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 166 (CML99) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: 28 x 46 x 30,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 167 (CML100) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Material de ferragens não especificado. Armas de Almeida (ou Melo). Índia. Séc. XVII.

Dim.: 46,5 x 83 x 44 cm

Valor de martelo: 22 000,00 €

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 168(CML101) Contador de estrado, sem portas. Sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 29,5 x 43,5 x 26,5 cm

Valor de martelo: 12 500,00 €

Estimativa máxima: 18 750,00 €

Estimativa mínima: 12 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 169 (CML102) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 125 x 99 x 47,5 cm

Valor de martelo: 50 000,00 €

Estimativa máxima: 60 000,00 €

Estimativa mínima: 40 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 170 (CML103) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 146,5 x 108 x 57 cm

Valor de martelo: 50 000,00 €

Estimativa máxima: 75 000,00 €

Estimativa mínima: 50 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 171 (CML104) Contador de chão, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 115,5 x 47 x 98 cm

Valor de martelo: 26 000,00 €

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 172 (CML105) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Material de ferragens não especificado. Armas de Almeida (ou Melo). Índia. Séc. XVII.

Dim.: 46,5 x 83 x 44 cm

Valor de martelo:

Estimativa máxima: 36 000,00 €

Estimativa mínima: 24 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 173 (CML106) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 140 x 120 x 55 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 60 000,00 €

Estimativa mínima: 40 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 174 (CML107) Contador de mesa, com portas. Teca, tartaruga e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 23,5 x 38 x 27,5 cm

Valor de martelo: 13 000,00€

Estimativa máxima: 15 000,00 €

Estimativa mínima: 10 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 175 (CML108) Contador de estrado, com trempe, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em bronze e marfim. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 73 x 48 x 32,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 176 (CML109) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 128,5 x 101 x 56 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 60 000,00 €

Estimativa mínima: 40 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 177 (CML110) Contador de capela. Teca e ébano. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 52 x 70 x 39 cm

Valor de martelo: 20 000,00 €

Estimativa máxima: 18 000,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Cabral Moncada Leilões



Figura 178 (PCV1)³³ Contador de estrado, sem portas. Madeira não especificada e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 31 x 39 x 30 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 4 000,00 €
Estimativa mínima: 2 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 179 (PCV2) Contador de estrado, sem portas. Madeira não especificada e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 32,5 x 46 x 29 cm
Valor de martelo: 1 800,00 €
Estimativa máxima: 2 000,00 €
Estimativa mínima: 1 000,00 €
Decoração: 2
Fonte: Palácio do Correio Velho

³³ «PCV» referente a Palácio do Correio Velho.



Figura 180 (PCV3) Contador de capela. Teca, sissó e ébano. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 168 x 94 x 46,5 cm
Valor de martelo: 48 000,00 €
Estimativa máxima: 80 000,00 €
Estimativa mínima: 40 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 181 (PCV4) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.
Dim.: 122 x 91 x 49,5 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 50 000,00 €
Estimativa mínima: 26 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 182 (PCV5) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 26,5 x 31 x 22,5 cm

Valor de martelo: 4 200,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 1 500,00 €

Decoração: 1

Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 183 (PCV6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 109 x 101 x 56 cm

Valor de martelo: 15 000,00 €

Estimativa máxima: 16 000,00 €

Estimativa mínima: 8 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 184(PCV7) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 101 x 55 x 41 cm
Valor de martelo: 6 500,00 €
Estimativa máxima: 6 000,00 €
Estimativa mínima: 4 500,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 185 (PCV7) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 101 x 55 x 41 cm
Valor de martelo: 6 500,00 €
Estimativa máxima: 6 000,00 €
Estimativa mínima: 4 500,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 186 (PCV9) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 126,5 x 90,5 x 47 cm
Valor de martelo: 20 000,00 €
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 187 (PCV10) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 28,2 x 41,1 x 29,3 cm
Valor de martelo: 6 500,00 €
Estimativa máxima: 6 000,00 €
Estimativa mínima: 3 000,00 €
Decoração: 2
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 188 (PCV11) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 111,5 x 56 x 44 cm

Valor de martelo: 30 000,00 €

Estimativa máxima: 50 000,00 €

Estimativa mínima: 30 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 189 (PCV12) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 110 x 65 x 51 cm

Valor de martelo: 20 000,00 €

Estimativa máxima: 20 000,00 €

Estimativa mínima: 10 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 190 (PCV13) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 132 x 90 x 49 cm

Valor de martelo: 20 000,00 €

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 191 (PCV14) Contador de chão, sem portas. Madeira e ferragens não mencionadas. Índia. Séc. XVIII.

Dim.: não especificadas

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 80 000,00 €

Estimativa mínima: 60 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 192 (PCV15) Contador de estrado, sem portas. Teca, pau-santo, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.
Dim.: 25,3 x 32 x 23 cm
Valor de martelo: 4 000,00 €
Estimativa máxima: 3 000,00 €
Estimativa mínima: 2 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 193 (PCV16) Contador de chão, sem portas. Embutidos de ébano e marfim (madeira «principal» não mencionada). Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 124,5 x 91,5 x 47 cm
Valor de martelo: 15 000,00 €
Estimativa máxima: 25 000,00 €
Estimativa mínima: 15 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 194(PCV17) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 135 x 93 x 46,5 cm
Valor de martelo: 26 000,00 €
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 195(PCV18) Contador de estrado, sem portas. Teca, pau-santo e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.
Dim.: 40 x 42 x 59 cm
Valor de martelo: 4 200,00 €
Estimativa máxima: 5 000,00 €
Estimativa mínima: 3 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Palácio do Correio Velho

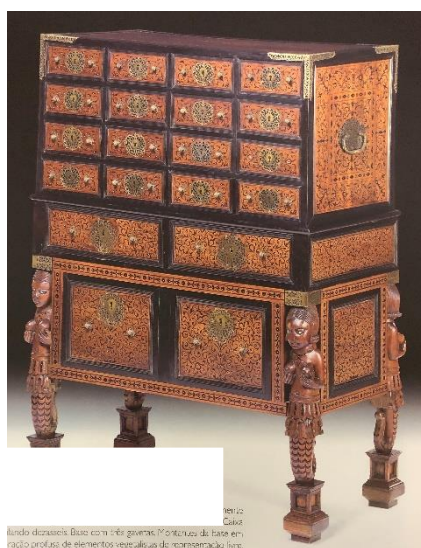


Figura 196(PCV19) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
 Dim.: 125 x 147,5 x 46,5 cm
 Valor de martelo: 15 500,00 €
 Estimativa máxima: 15 000,00 €
 Estimativa mínima: 10 000,00 €
 Decoração: 3
 Fonte: Palácio do Correio Velho

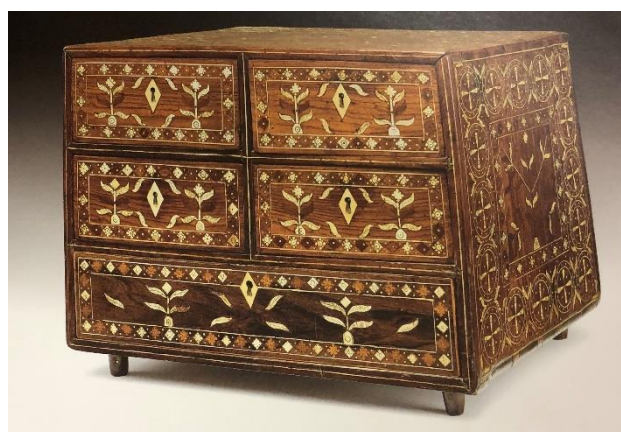


Figura 197 (PCV20) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em marfim. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
 Dim.: 32 x 43 x 31 cm
 Valor de martelo: 7 000,00 €
 Estimativa máxima: 5 000,00 €
 Estimativa mínima: 3 000,00 €
 Decoração: 2
 Fonte: Palácio do Correio Velho



Figura 198 (V1)³⁴ Contador de chão, sem portas. Trempe posterior. Teca, e outras madeiras. Ferragens em madeira. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 108 x 82 x 39 cm

Valor de martelo: 5 000,00 €

Estimativa máxima: 2 000,00 €

Estimativa mínima: 1 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Veritas



Figura 199 (V2) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 36 x 46 x 35 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 10 000,00 €

Estimativa mínima: 8 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas

³⁴ «V» referente a Veritas.



Figura 200 (V3) Contador de estrado, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em cobre. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 27,5 x 41,5 x 28,5 cm

Valor de martelo: 8 500,00 €

Estimativa máxima: 12 000,00 €

Estimativa mínima: 8 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 201 (V4) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 37 x 60 x 34 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 20 000,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 202 (V5) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e osso. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 128 x 91 x 49 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 60 000,00 €
Estimativa mínima: 45 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Veritas



Figura 203 (V6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVIII.
Dim.: 89 x 53 x 37 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 15 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: Veritas



Figura 204 (V7) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e osso. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 26,5 x 40,5 x 28,5 cm

Valor de martelo: 5 500,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 500,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 205(V8) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 28 x 41 x 29,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 25 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Veritas



Figura 206 (V9) Contador de mesa, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 17 x 37 x 27 cm

Valor de martelo: 8 500,00 €

Estimativa máxima: 12 000,00 €

Estimativa mínima: 8 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Veritas



Figura 207 (V10) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 37 x 60 x 34 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 208 (V11) Contador de mesa, sem portas. Sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 17 x 37 x 27 cm

Valor de martelo: 8 000,00 €

Estimativa máxima: 12 000,00 €

Estimativa mínima: 8 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Veritas



Figura 209 (V12) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e osso. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 26,5 x 40,5 x 28,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 18 000,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 210 (V13) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVI/XVII.
Dim.: 32,5 x 57 x 36 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 30 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Veritas



Figura 211(V14) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 122 x 88,5 x 46,5 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 50 000,00 €
Estimativa mínima: 35 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Veritas



Figura 212 (V15) Contador de chão, sem portas. Teca e sissó. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 108 x 90 x 49 cm

Valor de martelo: 9 500,00 €

Estimativa máxima: 9 500,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Veritas



Figura 213 (V16) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 37 x 60 x 34 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 30 000,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 214 (V17) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 151 x 110 x 59,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 35 000,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 215 (V18) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 37 x 60 x 34 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 35 000,00 €

Estimativa mínima: 28 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 216 (V19) Contador de estrado, com portas. Teca e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVI/XVII.

Dim.: 27,5 x 35,5 x 22,5 cm

Valor de martelo: 9 000,00 €

Estimativa máxima: 15 000,00 €

Estimativa mínima: 9 000,00 €

Decoração: 1

Fonte: Veritas



Figura 217 (V20) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 149 x 93 x 49 cm

Valor de martelo: 35 000,00 €

Estimativa máxima: 50 000,00 €

Estimativa mínima: 35 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 218 (V21) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 36 x 56 x 34 cm

Valor de martelo: 24 000,00 €

Estimativa máxima: 20 000,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 219 (V22) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e ébano. Ferragens em metal. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 124 x 82 x 44 cm

Valor de martelo: 16 000,00 €

Estimativa máxima: 10 000,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 220(V23) Contador de estrado, com portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII / XVIII.

Dim.: 27 x 42 x 28 cm

Valor de martelo: 12 000,00 €

Estimativa máxima: 9 000,00 €

Estimativa mínima: 12 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 221 (V24) Contador de mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.

Dim.: não mencionadas

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 4 000,00 €

Estimativa mínima: 3 700,00 €

Decoração: 1

Fonte: Veritas



Figura 222 (V25) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 26 x 41 x 26,5 cm

Valor de martelo: 6 000,00 €

Estimativa máxima: 10 000,00 €

Estimativa mínima: 6 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Veritas



Figura 223 (V26) Contador de chão, sem portas. Sissó, teca, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 134 x 98 x 72 cm

Valor de martelo: 55 000,00 €

Estimativa máxima: 65 000,00 €

Estimativa mínima: 55 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 224 (V27) Contador de estrado, com trempe, sem portas. Teca. Ferragens em cobre. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 73,5 x 49 x 33 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 25 000,00 €
Estimativa mínima: 20 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Veritas



Figura 225 (V28) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó, ébano e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 136 x 46 x 35 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 20 000,00 €
Estimativa mínima: 15 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Veritas



Figura 226 (V29) Contador de estrado, com portas. Sissó e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 39 x 60 x 36 cm

Valor de martelo: 32 000,00 €

Estimativa máxima: 35 000,00 €

Estimativa mínima: 28 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 227 (V30) Contador de chão, sem portas. Sissó, teca e ébano. Ferragens em metal. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 124 x 82 x 44 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 18 000,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 228 (V31) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e ébano. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 90 x 43 x 107 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 15 000,00 €

Estimativa mínima: 10 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Veritas



Figura 229 (V32) Contador de estrado, sem portas. Pau-santo e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 47 x 37 x 36 cm

Valor de martelo: 6 500,00 €

Estimativa máxima: 5 000,00 €

Estimativa mínima: 8 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Veritas



Figura 230 (V33) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 88 x 46 x 130 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 65 000,00 €
Estimativa mínima: 45 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Veritas



Figura 231 (SD1)³⁵ Contador de chão, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 128 x 88 x 43 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 15 000,00 €
Estimativa mínima: 10 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: São Domingos

³⁵ «SD» referente a São Domingos.



Figura 232 (SD2) Contador de estrado, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 49 x 76 x 42 cm

Valor de martelo: 5 000,00 €

Estimativa máxima: 9 000,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: São Domingos



Figura 233 (SD3) Contador de estrado, sem portas. Pau-santo e marfim. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 39 x 61,5 x 32 cm

Valor de martelo: 6 500,00 €

Estimativa máxima: 6 000,00 €

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: São Domingos



Figura 234 (SD4) Contador de chão, sem portas. Sissó e ébano. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVIII.

Dim.: 113 x 64 x 35,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 27 500,00 €

Estimativa mínima: 20 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: São Domingos



Figura 235 (SD5) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em metal. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.

Dim.: 27 x 43 x 33 cm

Valor de martelo: 1 500,00 €

Estimativa máxima: 3 000,00 €

Estimativa mínima: 1 500,00 €

Decoração: 1

Fonte: São Domingos



Figura 236 (SD6) Contador com mesa, sem portas. Teca, ébano e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVIII.
Dim.: 23,5 x 29 x 22,5 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 4 000,00 €
Estimativa mínima: 3 000,00 €
Decoração: 1
Fonte: São Domingos



Figura 237 (SD7) Contador de estrado, sem portas. Teca e ébano. Ferragens em ferro. Império Mogol, Índia. Séc. XVII.
Dim.: 26,5 x 39 x 31 cm
Valor de martelo: 9 000,00 €
Estimativa máxima: 8 000,00 €
Estimativa mínima: 6 000,00 €
Decoração: 2
Fonte: São Domingos



Figura 238 (SD8) Contador com estrado, sem portas. Teca. Ferragens em ferro. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 27 x 35,5 x 56 cm
Valor de martelo: 3 100,00 €
Estimativa máxima: 4 000,00 €
Estimativa mínima: 2 500,00 €
Decoração: 1
Fonte: São Domingos



Figura 239 (SD9) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e ébano. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII/XVIII.
Dim.: 111 x 89,5 x 40 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 50 000,00 €
Estimativa mínima: 30 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: São Domingos



Figura 240 (SD10) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 113 x 67,5 x 41 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 25 000,00 €

Estimativa mínima: 15 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: São Domingos



Figura 241 (SD11) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em metal. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 134 x 86 x 49 cm

Valor de martelo: 8 500,00 €

Estimativa máxima: 10 000,00 €

Estimativa mínima: 5 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: São Domingos



Figura 242 (SD12) Contador de chão, sem portas. Teca, ébano, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 93 x 62 x 42 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 40 000,00 €

Estimativa mínima: 30 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: São Domingos



Figura 243 (R1)³⁶ Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 23,5 x 43,5 x 33 cm

Valor de martelo: -

Estimativa mínima: 4 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Renascimento

³⁶ «R» referente a Renascimento.



Figura 244 (R2) Contador de chão, sem portas. Teca e sissó. Ferragens em latão. Trempe posterior. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 116 x 91 x 45 cm

Valor de martelo: -

Estimativa mínima: 10 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Renascimento



Figura 245 (R3) Contador de estrado, sem portas. Sissó e ébano. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 27,5 x 43 x 32,5 cm

Valor de martelo: -

Estimativa mínima: 2 500,00 €

Decoração: 2

Fonte: Renascimento



Figura 246 (R4) Contador de mesa, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Império Mogol, Índia. Séc. XVII/XVIII.

Dim.: 18 x 39 x 23 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 5 000,00 €

Estimativa mínima: 8 000,00 €

Decoração: 2

Fonte: Renascimento



Figura 247 (R5) Contador de estrado, de trempe, sem portas. Sissó. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.

Dim.: 73,5 x 49 x 33 cm

Valor de martelo: -

Estimativa máxima: 35 000,00 €

Estimativa mínima: 25 000,00 €

Decoração: 3

Fonte: Renascimento



Figura 248 (R6) Contador de chão, sem portas. Teca, sissó e marfim. Ferragens em latão. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 107 x 56 x 43 cm
Valor de martelo: -
Estimativa máxima: 35 000,00 €
Estimativa mínima: 25 000,00 €
Decoração: 3
Fonte: Renascimento



Figura 249 (R7) Contador de mesa, sem portas. Teca. Ferragens em teca. Índia. Séc. XVII.
Dim.: 23,5 x 38,5 x 26,5 cm
Valor de martelo: 1 500,00 €
Estimativa máxima: 2 500,00 €
Estimativa mínima: 1 500,00 €
Decoração: 1
Fonte: Renascimento

Tabela 1 Estatísticos descritivos para as variáveis consideradas pela recodificação adotada

Variável	Categoria	Frequência	%
Estimativa Mínima	2	47	21,659%
	1	88	40,553%
	8	1	0,461%
	4	19	8,756%
	3	45	20,737%
	5	11	5,069%
	6	4	1,843%
	7	1	0,461%
	9	1	0,461%
Estimativa Máxima	2	39	17,972%
	1	70	32,258%
	11	1	0,461%
	6	13	5,991%
	4	41	18,894%
	7	12	5,530%
	3	27	12,442%
	8	2	0,922%
	5	8	3,687%
	9	3	1,382%
Vendido / Não Vendido	10	1	0,461%
	1	139	64,055%
	0	78	35,945%
Século	3	163	75,115%
	5	19	8,756%
	2	9	4,147%
	4	25	11,521%
	1	1	0,461%
Formato	2	96	44,240%
	6	48	22,120%
	1	3	1,382%
	4	21	9,677%
	8	39	17,972%
	7	3	1,382%
	5	4	1,843%
	9	3	1,382%
Influência Geográfica	1	136	62,673%
	0	81	37,327%
Material (Ferragens)	5	72	33,180%
	1	38	17,512%
	2	81	37,327%
	3	3	1,382%
	4	23	10,599%
Material (Decoração)	1	151	69,585%
	3	23	10,599%
	2	23	10,599%
	4	9	4,147%
	5	3	1,382%
	6	8	3,687%
Decoração	3	143	65,899%
	2	47	21,659%
	1	27	12,442%